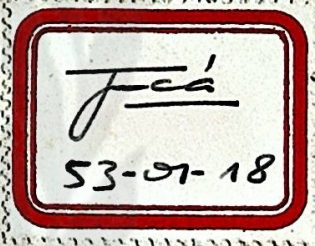


ANTENOR NASCENTES
BACHAREL, LAUREADO, PELO GYMNASIO NACIONAL
(HOJE COLLEGIO PEDRO II),
bacharel em sciencias juridicas e sociaes, bibliothecario do
Instituto dos Bachareis em Letras

Um ensaio de phonetica differencial
luso-castelhana

Dos elementos gregos que se
encontram no espanhol

Trabalho apresentado em concurso para provimento da
cadeira de espanhol do Collegio Pedro II



RIO DE JANEIRO
Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1919

dupl.
Etc.

Laboratório de Digitalização
do Arquivo Histórico

ÀS MEUS MESTRES DE 1897 A 1902 E
ÀS ACTUAES PROFESSORES DO
COLLEGIO PEDRO II.

LADAH
Laboratório de Digitalização
do Acervo Histórico

Um ensaio de phonetica differencial luso-castelhana

"Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza e a elegancia da italiana." (Rodrigues Lobo — Córte na aldeia, dialogo I, sobre a lingua portugueza).

"Es tanta la riqueza de nuestra lengua, que quanto más se estudia, más da que estudiar, y quanto más se profundiza, más tesoros descubre". (Capmany — Teatro histórico crítico de la elocuencia española).

LINGUAS ROMANICAS

De conquista em conquista, o conjuncto de povos italicos a que se deve a fundação de Roma, assenhoreou-se de grande parte do mundo conhecido pelos antigos.

Primeiro a Italia, em seguida a Helvecia, a Gallia, as Espanhas, a Africa, a Achaia, etc., conheceram o jugo romano.

Não foram sem resistencia as victorias. Na Germania os romanos encontraram pela frente a Arminius que na celebre floresta, cuja descripção é magistralmente feita por Tacito, infligiu memoravel derrota ás legiões de Varo; na nevoenta Bretanha surge a figura de um Calgaco; na Gallia o abnegado Vercingetorix em vão sacrificado ao orgulho de Cesar; na pe-

ninsula iberica, a selvagem bravura dos Numantinos e o magnanimo Viriato, o pastor de quem Camões diz: “que no seu nome se vê que de homem forte os feitos teve” (Lus. III, 22).

Em todas essas regiões introduziram os romanos seus costumes, leis, religião, lingua, que os povos vencidos aos poucos foram assimilando.

Mas, como todas as grandezas, o imperio romano, depois de chegar ao apogeu de sua orbita, teve de caminhar para o declinio. O colosso, minado pelos barbaros germanicos nos primeiros seculos da era christã, desmembrou-se.

Quebrada a unidade politica, vemos cada provincia seguir desenvolvimento independente e então a lingua latina, perdendo seus caracteristicos, fragmenta-se em dialectos donde mais tarde vão sahir as chamadas linguas romanicas.

Os pontos principaes em que as linguas romanicas se differenciam do latim são os seguintes: elle era synthetico, ellas são analyticas (o mesmo se dá entre o sancrito e o pracrito e as linguas neo-hindús); ellas desenvolveram um artigo que o latim não conheceu; substituíram os casos por preposições, crearam verbos auxiliares, alteraram a construcção da phrase.

A origem latina das linguas romanicas é hoje um facto incontestavel. A grammatica de Diez, no dizer de Hovelacque, arruinou para sempre as theorias ibericas, celticas ou outras que de tempos em tempos apparecem.

Como explicar a differenciação dentro da unidade linguistica do latim?

O espanhol se disseminou pela America em vastissima extensão e sem dialectar-se. Por conseguinte, o ponto de vista geographico não explica o caso.

O problema póde ser ainda estudado sob tres pontos de vista: o historico, o ethnologico e o politico-commercial.

Historicamente, vemos que no espaço de perto de quatro seculos que medeia entre a conquista da Sardenha e a conquista da Dacia, o latim soffreu muitas transformações, de modo que a lingua recebida por aquella ilha era muito diversa da recebida pela Sicilia, pela Espanha, pela Gallia e pela Dacia. Apesar dos trabalhos de Ascoli, Schuchardt, Groeber, muito ha ainda que fazer nesta questão.

Veamos agora o ponto de vista ethnologico.

Cada provincia pronunciava o latim a seu modo. “Si le latin n'avait pas été parlé dans chaque pays d'une façon particuliere, diz Littré, no Diccionario da lingua franceza, les idiomes sortis de ce parler latin que j'appellerai ici régional, n'auraient pas des caractères distinctifs, et ils se confondraient.”

A causa ethnologica não póde ser posta de lado.

Todavia, só em limitadissimos casos se conseguiu provar a influencia ethnologica; é pequeno o conhecimento dos idiomas preromanicos das diversas regiões, pelo que somos obrigados a emittir hypotheses e formular inducções. Restringindo a questão ás linguas que nos interessam, apontemos o caso da filiação ao basco da mudança do *f* inicial latino para *h* em espanhol, do suffixo patronymico *ez*, do suffixo *arro*, *orro*; só no lexico admittimos maior contribuição.

Resta o aspecto politico-commercial. Na antiguidade o commercio, a administração e a igreja, tinham uma união que hoje não apresentam; de modo que, cessada essa unidade começavam desenvolvimentos independentes. Este é o facto preponderante na opinião de Meyer Lübke, o principe dos romanistas, e com elle está o grande Brugmann, que doutrina: “As differenças entre estas linguas (as romanicas) se explicam menos pelo longo tempo que levaram os Italicos a romanizar estes diversos paizes, periodo durante o qual o latim da Italia se modificou, menos tambem pela diversidade das linguas vivas que os latinos vive-

ram de supplantar nos differentes paizes, do que pela marcha, em toda a parte differente, da historia politica e das relações entre os povos”.

Primeiramente admittiram-se seis linguas romanicas (1836); depois, sete (1889); hoje admittem-se nove, que do oriente para o occidente da Europa, são: o romeno, o dalmatico, o rhetico, o italiano, o sardo, o provençal, o francez, o castelhano e o portuguez.

Quasi não vale a pena discutir se o portuguez é um dialecto do castelhano (o portuguez diz que o espanhol é o portuguez mal falado e o espanhol pagalh na mesma moeda); como, porém, esta é uma opinião que tem seu curso, não é de mais tratar do assumpto.

Qualquer livro de glottologia nos ensina que, em substancia, *lingua* exprime o mesmo que dialecto, isto é, o complexo de signaes oraes de que se serve um povo como meio de representar os proprios pensamentos.

Meillet define dialecto como “um conjuncto de falas que, sem serem identicas umas ás outras, apresentam particularidades communs e um ar geral de semelhança sensivel aos individuos que as falam.”

As chamadas linguas foram na origem dialectos falados dentro de estreito circulo. Parodiando uma phrase conhecida, diremos que a primeira lingua foi um dialecto feliz.

Para a disseminação de um dialecto em area extensa geralmente concorrem causas literarias como se deu com o toscano, por exemplo, ou politicas, como o castelhano (João Ribeiro — Dic. gram.).

Os demais dialectos espanhóes ou italianos podiam tambem ter-se tornado linguas. Que seria do castelhano se outro tivesse sido o destino do reino de Navarra ou do condado de Barcelona?

Assim, pois, a differença precipua entre lingua e dialecto consiste na extensão em que cada um é falado.

Isto posto, podemos considerar o portuguez um dialecto do espanhol?

“La langue portugaise, diz o mestre Diez, qui est très voisine de l'espagnol, *mais qui n'en est pas un dialecte*, qui maintient au contraire son originalité par d'importants caractères grammaticaux, a les mêmes sources, et par conséquent à peu près les mêmes éléments”. Nas mesmas razões abunda Hovelacque: “Il est fort rapproché de l'espagnol, mais on ne peut le considérer comme un dialecte de cette dernière langue”.

Ambas foram dialectos e graças a causas diversas hoje são linguas, enquanto seus irmãos menos felizes não sahiram de sua pristina condição.

O PORTUGUEZ E O ESPANHOL

Os primeiros habitantes que a prehistoria nos apresenta na península iberica são os iberos, povo que até hoje constitue um problema ethnologico.

Depois apparecem os celtas que, fundindo-se com os iberos, deram os celtiberos.

Em seguida surgem os phenicios no sul (Cadix, Malaga, Sevilha); os gregos a léste (Rosas, Sagunto) e os carthaginezes (Carthagena).

A fusão de todos estes povos não foi completa; esses nucleos localizavam-se independentemente nas diversas regiões da península só a conquista romana trouxe a unidade politica.

A unidade politica não durou muito. As invasões barbaras vieram trazer novo elemento ao conglomerado espanico: o germanico. Portugal, onde aliás não se fez sentir a influencia phenicio-greco-carthagineza, recebeu do Tejo ao Minho os suevos (que tambem se fixaram na Galicia e nas Asturias) e do Tejo ao litoral do Sul, os alanos, ao passo que o resto da península acolheu os vandalos e depois os visigodos.

A' conquista germanica segue-se a arabe (711) que depois de Tours e Poitiers deteve seu avanço, confinando-se ao norte com o Douro e com o Ebro.

Pelaio e seus successores do reino de Oviedo realizaram a obra patriotica da reconquista que só terminou em 1492 e assim se fechou o cyclo das transmutações ethnicas da peninsula iberica.

Este nucleo pequeno de refugiados christãos, cuidadosamente caracterizados por seus descendentes sob o nome de *montañeses*, titulo de honra que lembra ao mesmo tempo a antiguidade da raça, a lealdade politica e a fidelidade á religião, isto é, os elementos essenciaes do orgulho castelhano, este pequeno nucleo tornou-se o germen, o fermento que, misturado pouco a pouco a toda a massa do povo espanhol, acabou reduzindo-o e plasmando-o á sua imagem.

“Pudierase pues inferir, diz D. Augustin Duran, no Discurso preliminar de seu Romancero y Cancionero, que la lengua castellana y la poesia del pueblo empezaron a progresar seria y constantemente desde mediados del siglo VIII, quando los españoles independientes refugiados en las Asturias iban formando un poder compacto y una verdadera monarquia. En el tiempo que media desde la invasión árabe al siglo IX se alzaron varios imperios cristianos en la peninsula, y entre ellos crecia y se consolidaba el reino de León, regido por Alfonso II, llamado el Casto. Entre sus vasallos fué donde llegó á cultivarse, generalizarse y establecerse el dialecto rústico que después con nombre de castellano dominó en España”.

No periodo que vai da romanização da peninsula até meados da reconquista, póde-se admittir um dialecto *commum* espanico, como para as linguas indo-européas admittit Brugmann um periodo *commum* hellenico, *commum* italico, etc?

Pode-se, de alguma fórma. A unidade começou a preparar-se com a romanização; d'ahi por diante,

tendo sido mais ou menos iguaes as influencias recebidas (germanica e arabe) a unidade persistiu até fins do seculo XI.

Affonso VI, rei de Gallicia, Asturias, Leão e Castella, deu sua filha natural D. Tareja em casamento a Henrique de Borgonha e o investiu do commando entre o Minho e o Tejo nas guerras contra os mouros.

Aproveitando-se das perturbações sobrevindas após a morte de Affonso (1109), Henrique rompeu os laços de vassalagem e declarou-se “conde, por graça de Deus”, de Portus Cale (pequeno porto dominado pelo castello de Cale, a actual cidade do Porto).

Morto Henrique, seu filho Affonso Henriques, o vencedor de Ourique, acclamado rei, definitivamente constitue a nacionalidade portugueza.

Começam ahi divergencias politicas, antipathias, rivalidades, cuja origem Baret vai buscar desde as epochas celticas. O que têm sido estas rivalidades todos nós sabemos; veja-se Aljubarrota, relembre-se a epocha dos Philippes, leiam-se as notas finaes do “D. Jayme”, de Thomaz Ribeiro. E até ha quem admitta que ellas têm prolongamentos na America do Sul...

As causas politicas não bastaram, porém, para explicar a dichotomia.

Não trepidamos em admittir causas ethnologicas.

FLORIANO DE BRITO, no erudito parecer apresentado á Camara dos Deputados acerca da adopção de uma orthographia official, affirma que as colonias fundadas por phenicios e gregos, o predomínio posterior dos carthaginezes e, após a quéda do Imperio Romano, a preponderancia mais ou menos longa dos vandalos, suevos, alanos, visigodos e arabes *não tiveram influencia alguma decisiva na formação do espanhol e do portuguez.* ..

Com pesar discordamos do illustre mestre.

Mesmo no periodo do romance espanhol, dentro de relativa unidade linguistica, temos que admittir

variantes classificadas em dous grupos. Um, que occupa o noroeste, constituido pelo galleziano do norte e o galleziano do sul (que fundido com o aravio deu o portuguez) e o outro, constituido pelo austuriano, pelo montanhez, pelo aragonez, e pelo castelhano. O espanhol tambem se chama castelhano porque, como diz a Grammatica da Real Academia, "Castilla, habiendo contribuido de modo preponderante a formar la nación española, logró que su propria lengua dominase sobre los dialectos afines usuales en los antiguos reinos de León, Aragón y Navarra". Entre esses dous grupos ficava, como traço de união, o dialecto leonez.

Os germens da dichotomia se vão encontrar na falta de influencia ibero-phenicio-greco-carthagineza no noroeste e, no periodo gothico, conforme salienta D. EUGENIO DE OCHOA, na influencia sueva. E' verdade que pouco sabemos dos idiomas preromanicos e que não está muito adiantada a investigação da influencia gothica, mas isto não é razão que nos venha impedir de ao menos formular hypotheses que auxiliem a explicação dos factos.

E, assim, causas ethnologicas vinham já preparando a divergencia que por causas politicas se tornou aguda.

No seculo XIII cada lingua já tem seu cunho proprio. O galleziano do norte, hoje chamado gallego, não póde fugir á attracção do castelhano, lingua official com que não tem forças para lutar.

Todavia, o espanhol e o portuguez actuaes ainda se parecem muito. Flexionaes, analyticas, romanicas, formando um grupo á parte, como o franco-provençal, são duas irmãs consanguineas, uterinas e gemas. Certos phenomenos phoneticos, morphologicos, syntacticos, certos termos lhes são peculiares. Repetindo o que diz RUY BARBOSA, podemos affirmar que "nem duas fructas pegadas uma a outra serão mais

inconhas, nem dous fetos do mesmo parto mais gêmeos”, do que o espanhol e o portuguez.

Quem fala o portuguez lê e comprehende o espanhol, com deficiencia, é verdade, mesmo sem ter aprendido. A immigração, o theatro, a vizinhança de republicas espano-americanas tornam o espanhol uma iingua familiar aos nossos ouvidos.

Mas a semelhança (parece um paradoxo) é a maior difficuldade para quem maneja as duas linguas é preferivel o italiano que já sabe ser differente, ou outra qualquer lingua.

A natureza não creou duas folhas iguaes na mesma arvore; as irmãs gêmeas têm seus traços differencias e é na phonetica principalmente que vamos encontrar os mais caracteristicos.

Dahi a escolha do nosso assumpto.

Antes disso, porém, passemos uma vista d’olhos sobre as

LEIS PHONETICAS

Giebt es Lautgesetze? pergunta WECHSSLER com uns laivos de incredulidade.

Existem, respondem categoricamente os neogrammaticos.

Pelo nome de leis phoneticas, doutrina Brugmann, designam-se as mudanças phoneticas internas que se produzem de modo evidente, em grande escala e regularmente em condições iguaes.

O conceito de lei sem excepção decorre logicamente e por si mesmo do proprio conceito de lei.

As leis phoneticas, pois, estabelecidas em bases historico-physiologicas, não podem admittir excepções.

Como affirma VICTOR HENRY, “une loi phonétique est ou n’est pas, il n’y a point de milieu.”

Quando sua acção não se faz sentir, é preciso indagar das causas da excepção apparente.

Que melhor exemplo de lei phonetica poderiamos apresentar do que o da lei de Grimm, uma das primeiras em ordem chronologica?

Ha casos que parecem contradizer a existencia da lei phonetica; mas até as sciencias exactas apresentam casos analogos.

Até meados do seculo XIX os astrónomos andavam intrigados com as anomalias observadas nos movimentos de Urano; experimentaram corrigir os desvios provenientes da influencia de Jupiter e de Saturno, mas ficava sempre uma causa perturbadora inexplicavel. Em 1845, admittiu-se a existencia de um planeta desconhecido, identificado no anno seguinte por LEVERRIER e GALL e assim a excepção entrou na lei.

Depois de admittir que as leis phoneticas não têm excepções, acrescenta SOMMER em seu "Handbuch der lateinischen Laut = und Formenlehre, que ás vezes é difficil o reconhecimento das leis por dous factores: "Zunächst verliert ein Lautgesetz seine Macht da, wo es einem andern *durchkreuzt* wird. Das groste Hinderniss für die normale Wirkung der Lautgesetze ist jedoch zweitens die gewaltige Macht der ANALOGIE, die auf allen Gebieten des Sprachlebens ihren umgestaltenden Einfluss geltend macht."

Com todo o respeito que nos merece a escola dos neo-grammaticos onde se encontram vultos como Brugmann, Osthoff, De Saussure, Victor Henry, Gustavo Meyer, não podemos concordar com esta quasi omnipotente influencia da analogia; ha um exagero nisso.

"Sinora poi, nessuno é riuscito a provare che tutti i fatti fonetici sieno nei per analogia; e perciò non si é negata la esistenza delle leggi fonetiche, per

sostituirvi in tutto delle leggi analogiche.” (Giacomo de Gregorio).

Em tudo isto, o melhor ponto de vista nos parece ser o de MEILLET, na “Introduction á l'étude comparative des langues indo-européennes”.

Elle toma justamente como exemplo de lei phonetica uma lei espanhola (f latino inicial = h): Se uma articulação é conservada numa palavra, conserva-se igualmente em todas as outras em que se apresenta nas mesmas condições: assim, o *f* inicial latino, que se conservou em francez (*fiel*, *four*, etc), tornou-se *h* em espanhol (*hiel*, *horno*, etc).

No momento em que a inovação apparece, acontece ás vezes que ella se manifesta a principio em algumas palavras sómente, mas como no fundo recae sobre o processo de articulação e não sobre esta ou aquella palavra, não falha dentro em pouco em caso algum e, para os longos periodos que a grammatica comparada estuda, esta fluctuação das primieras gerações em que se manifesta a inovação é desprovida de interesse.

Se nenhuma outra acção interviesse, poder-se-ia com o simples conhecimento das correspondencias regulares, deduzir de um dado estado de uma lingua seu estado num momento ulterior.

Mas os factos são complexos. Seria longo esmiuçar as acções particulares que, sem contrariar o jogo das leis phoneticas, mascaram-lhe a constancia; convém sómente assignalar alguns pontos mais importantes.

Logo no principio, as formulas das correspondencias phoneticas não se applicam, por definição, sinão a articulações exactamente comparaveis umas ás outras. As palavras que têm uma pronuncia especial escapam em parte á acção das leis. Taes são as palavras infantis, os termos de polidez ou de chamada:

seniore deu seu no port. popular do Brasil; *usted* e *você de vostra mercede*.

Em segundo lugar vem a analogia, a que já nos referimos e que pôde ser meramente phonetica, como nos casos de confusão de suffixos, ou semantica, como veremos adiante.

Em terceiro vêm os empréstimos. Quando as circumstancias historicas determinam muitos empréstimos, a phonetica de uma lingua acaba por offerecer um aspecto incoherente, como o inglez moderno. Os empréstimos eruditos á lingua escripta são no periodo historico outra causa de perturbação (esp. *fácil* de *facilis* e não de *hacer*).

Nada disto vai contra o principio da constancia das leis phoneticas; este principio exige sómente que, quando na aprendizagem de uma lingua pelas gerações novas um processo articulatorio se mantem ou se transforma, a manutenção ou a transformação se dá em todos os casos em que esta articulação é empregada da mesma maneira e não isoladamente em tal ou qual palavra. Ora, a experiencia mostra que com effeito as cousas se passam assim, o que deve ser considerado, não é o resultado, é o acto. Os effeitos de uma lei podem ser inteiramente destruidos ao cabo de certo tempo por mudanças proprias a determinadas palavras, por acções analogicas, por empréstimos: a lei não perde por isso nada de sua realidade, porque toda esta realidade é transitoria e consiste na maneira pela qual durante um periodo determinado os individuos fixaram sua articulação; mas a lei poderá escapar ao linguista; ha, assim, leis phoneticas desconhecidas e que ficarão desconhecidas, ainda que se possúa uma série continua de documentos.

O inclito MAX MÜLLER, que foi um dos desbravadores da Sciencia da linguagem, nas *Novas lições*, I, pg. 225, combate o uso dos grammaticos de attribui-

rem as mudanças phoneticas á euphonia, isto é, ao desejo de tornar as palavras agradaveis ao ouvido. Objecta mostrando, por exemplo a lei grega que impede o começo, por aspirada, de duas syllabas consecutivas e diz que, se a mudança de uma das aspiradas para tenue tivesse sido feita por euphonia, seria difficil explicar em grego a presença de palavras menos harmoniosas que começam por duas aspiradas e que eram mais dignas de ser repellidas.

Elle crê que o segredo da repugnancia de certos sons outra coisa não é que a preguiça.

Comquanto não percebamos, certas pronuncias exigem grande esforço, que parte dos musculos do abdomen e chega aos que abrem a glotte em sua mais larga extensão. Era no intuito de poupar esta força muscular que se faziam as mudanças, mas, bem entendido, sómente nos casos em que isto se podia fazer sem que a significação das palavras fôsse destruida pela mudança.

O menor esforço, não ha duvida, explica muitas mudanças. O povo é relaxado no fallar. Entendendo-se o que elle diz, tanto lhe faz pronunciar certo como errado. E' com esse relaxamento que Whitney explica a origem do analytismo romanico: o barbaro só se incommodava com a raiz; desde que se entendia o significado da raiz, elle mutilava a desinencia.

O povo, além disso, é caprichoso e incoherente, sem razão plausivel, pois em certos casos a difficuldade é a mesma. Elle não se preocupa com diacriticos semanticos; diz o adjectivo *prefeito* e o substantivo *perfeito*. "Le peuple parle pour parler et non pour bien parler; le peuple est pressé et paresseux; pourvu qu'un mot rende sa pensée, peu lui importe d'articuler ce mot avec exactitude et de n'en négliger aucun élément. Ampère, Hist. de la formation de la langue française, pg. 4, apud Edon).

A palavra euphonia, continua MAX MÜLLER, é um

termo muito vago e pouco scientifico. Cada nação acha euphonia na propria lingua, e cada tribu, no proprio dialecto; e poucas linguas ha que encantem o ouvido quando são ouvidas pela primeira vez.

Mas das mudanças que compõem a classe mais importante das alterações phoneticas, é preciso distinguir outras que provêm de uma fonte menos facil de determinar. Quando o germano mudou em aspirada a *tenue*, seria injusto accusal-o de falta de energia muscular. E' preciso procurar que causa produziu esta mudança e esta causa reside no desenvolvimento dialectal. Assim, por exemplo, como explicar que *thermós* comece em grego por um dental e *gharmas* em sanscrito por uma guttural? Uma lingua não tomou a palavra de outra; ambas a receberam de uma fonte commum na qual a articulação era ainda bastante vaga para se prestar a interpretações differentes.

BRE'AL acha que as alterações phoneticas são ao mesmo tempo tão estranhas e regulares que a vontade humana parece em nada ter intervindo. Donde vem que no mesmo tempo as mesmas modificações se produzam numa população inteira? Não ha uma classe de phenomenos em que não é permittido falar de consciencia nem de liberdade?

E' por influencia da natureza exterior sobre nossos órgãos que se explicam as alterações phoneticas: no que ha certamente uma parte de verdade. A natureza exterior faz sentir sua acção sobre a palavra, como sobre toda a pessoa. O presidente De Brosses já notava que cada povo tem seu alfabeto que não é o de outro, e no qual varias letras são impossiveis de pronunciar para qualquer outro; que o clima, o ar, os logares, as aguas, a alimentação e o genero de vida são a causa desta variedade. Mas ahí se trata de influencias longinquas que bem podem dar conta do aspecto geral mas que não bastam para explicar as minucias. A phonetica se compõe de uma quantidade

de pequenos phenomenos para a explicação dos quaes seria tão pouco admissivel recorrer a uma causa unica e afastada, que seria desarrazoado attribuir ao clima cada minucia.

Cumprê fazer reservas sobre a natureza das leis phoneticas. Acreditou-se fazer bem, para augmentar-lhes a autoridade, transportando para nossos órgãos a séde e para cada phenomeno de phonetica assignalar como causa um phenomeno physiologico. E' tomar, na maioria dos casos, o effeito pela causa. Póde acontecer que differenças de estrutura tenham trazido modificações linguisticas; isto acontece sobretudo quando uma população adopta o idioma de outro povo. A celebre lei de substituição de consoantes que dá uma physionomia especial á familia germanica, bem poderia ter sua origem num idioma mais antigo, cujas articulações quadrassem mal com as das línguas aryanas. Mas, fóra desses casos excepcionaes, os órgãos da voz são os escravos e não os senhores da linguagem. E cumprê procurar as causas das alterações phoneticas nesta região ainda tão pouco explorada da consciencia na qual se elaboram os actos da vida diaria. Para dar conta da regularidade destes factos, não é preciso invocar uma necessidade physiologica: o habito, — a segunda natureza, — basta.

Póde-se explicar a alteração numas tantas palavras, ao lado da conservação em outras, pela despreoccupação com que se tratam as palavras cem vezes pronunciadas e familiares a todos os ouvidos. Quando dizemos que a palavra acaba por gastar-se, empregamos uma imagem perfeitamente adequada, com a condição de ser bem entendida: não é a palavra que se gastou, mas nossos órgãos se habituaram de tal modo que nenhum esforço mais fazem. Isto nos impede, dado o caso, de ter á disposição a plena posse de nossas forças.

Tem-se observado que locuções de teor invaria-

vel; formulas de polidez (*seu, você, usted*), ordens militares (*às armas*), bênçãos, pragas, vêm a dar em vocabulos que desafiam todas as leis phoneticas; já nos referimos a isto.

As palavras mais empregadas são ordinariamente as mais alteradas, ao passo que certos termos cercados de respeito, consagrados pela religião, atravessam os seculos defendendo-se contra as alterações. Onde ha, nesses factos, traço de uma lei fatal? São productos do habito. Sem duvida é preciso que nossos órgãos intervenham pois que não podemos produzir acto algum sem o soccorro delles, mas os órgãos estão ao serviço de nosso pensamento e nada mais fazem sinão traduzir o que ahi se passa.

VOCALISMO

O vocalismo depende principalmente do *accento*, o centro de gravidade da palavra, na feliz expressão do illustre Diez.

As vogaes tonicas, graças ao maior esforço de articulação, resistiram mais do que as atonas que cederam muito, enfraquecendo-se e desaparecendo.

As tonicas não ficaram entretanto, sempre inalteraveis; nas modificações que soffreram, precisamos levar em conta a quantidade, a situação na *syllaba* (livres e embaraçadas), a influencia das consoantes que as cercam, a *accentuação* da palavra e o numero de *syllabas*, pois os *proparoxytonos* não se comportam como os *paroxytonos* e os *monosyllabos oxytonos* têm um tratamento especial.

Nas atonas, a questão primordial é a collocação antes ou depois do *accento*, isto é, si são *iniciaes*, *protonicas*, *postonicas* ou *finas*.

Com excepção do *a*, as vogaes latinas perderam a differença quantitativa, adquirindo outra qualitativa: as tonicas longas ficaram fechadas e as breves abertas.

Nas atonas, a differença quantitativa se nullifica a tal ponto que muitas vezes ellas soffrem aphereses, syncopes e apocopes.

VOGAES TONICAS

A

Conforme dissemos, a differença quantitativa não se manifestou nesta vogal, de modo que quasi não se observa differença qualitativa: longo ou breve, manteve-se intacto em ambas as linguas. Como divergencia podemos citar *larice* — *lariço* — *alerce*.

Diante de um *i*, pertencente á syllaba seguinte ou desenvolvido pelo grupo *ct* ou *x*, dá-se a attracção $a + i = e + i$ (fórma port. e do occidental leonez) = $e + e = e$ (fórma esp., do port. popular do Brasil): *primarius* — *primeiro* (pronunciado *primairo* em Lisboa, Gouçalves Viana) — *primero*; *factu* — *feito* — *hecho*; *axu*, *axe* — *eixo* — *eje*; *basiu* — *beijo* — *beso*. Com os grupos *bi* e *pi*, houve desvios: *rabia* — *raiva*; *sapiat* — *saiba* — *sepa*.

Diante de *l* em grupo, desenvolve-se um *u* pela velarização: $a + u = o + u$ (port. e leonez occidental) = $o + o = o$ (esp.) : *altru* — *outro* — *otro*.

Diante e depois de labial o port. offerece a permuta *a* — *o*; *fame*, * *famne* — *fome* — *hambre*.

E

O *e* longo não offerece differenças. Apenas o port. apresenta em *cheio* etc. um alongamento compensatorio da queda do *n* ou um processo de desfazer o hiato *e + o*.

O *e* breve apresenta no dominio romanico duas zonas: uma que o conserva e nella se acham o port,

e o gal., outra que o diphthonga e nella se acham o esp. e o mirandez, que foram as linguas que mais longe levaram a diphthongação.

Como explicar a diphthongação?

O *ie* latino reduziu-se em *pariete*, *muliere*, *quietus*; por conseguinte a fórma port. póde representar uma redução?

Não nos parece; as linguas que mantêm a vogal latina, não têm nada que explicar. As que alteram que expliquem. Parece-nos que se trata de um desenvolvimento individual, independente, que se deu na Espanha como na Sicilia, na Italia e na Provença.

Diante de *l* e *n* palataes, *j*, *x*, o port. de Lisboa escreve *e* mas pronuncia *a*: *abelha*, *tenho*, *vejo*, *mexo*. (G. Viana).

A *permuta* para *i* é rara: *sensu* — *siso* — *seso*. Um *i* seguinte impede a diphthongação: *pecho*, que remonta a *peito* e não a *pieito*.

Em *tepidu* — *tiebio* (*tébia era de noche* no Alejandro, v. 1.125) — *tibio*, o hiato recente permittiu a passagem do *ie* para *i*.

Pidal explica por assimilação ao *l* palatal as fórmas *iell* *ill*, com quéda do elemento menos palatal: *Castellu* — *castiello* (al castiello entraba — Poema de Cid., v. 98) — *castillo*; *sella* — *siella* (santiguaron las siellas — P. C. v. 3.583) — *silla* (o port. *silha* é um empréstimo); *capella* — *capiella* (pora la capiella adeliñava — P. Cid. v. 1580) — *capilla*.

Mente, que já vem na Vision de Filiberto (todavia *miente* em ant. esp. e asturiano) remonta a um *e* longo.

Os derivados em *mentum* dão *miento*, mas *tormento*, *alimento*, *momento*, *jumento*, *vestimenta*, *tormenta* e os eruditos *convento*, *contento*, conservam o *e*. Houve quem quizesse ver ahi os vestigios de uma lei que fazia o *e* manter-se diante de *a* e diphthongar-se diante de *e* e de *o*. Isto, entretanto, é insustentavel.

pois não explica os casos como *pedra*. Dizer que *pe-tra* deu *pedra* e * *petre* (*petrae*) deu *pedre* por influencia do *e* final, é desconhecer que na península ibérica, ao contrario do que se deu na italica, as fórmulas de nominativo não prevaleceram no plural. *Nispera*, *vispera*, *avispa*, *prisco* (astur. *piesco*), parecem attestar a passagem para *i* diante de *sc*, *sp* (ant. *niéspera*, *viéspera*, Berceo).

Siglo vem de *sieglo* (P. Cid. — v. 1.445. “Todos los dias del sieglo”).

Seru dando *soro* — *suro* mostram um primitivo *soru*, influenciado pelo grego ὄρος.

Séptimo e *gente* são fórmulas modernas, eruditas; as populares e antigas são *sietmo*, *yente*.

A concordancia *erat* — *era* — *era* é explicada por Meyer Lübke pela ausencia de accentuação. E' verdade que em todas as linguas o verbo *ser*, como ensina o mestre dos mestres, Brugmann, é de sentido muito fraco, d'ahi o enorme abaixamento do accento da phrase, o que se vê nitidamente no grego; mas a atonicidade não obstou a diphthongação no ant. italiano, como o proprio Meyer Lübke reconhece.

Pedinte ao lado de *pedintero* revela a influencia de *faminto*, por analogia semantica.

I

O *i* longo foi a vogal mais resistente.

Scribere — *escrever* (ant. *escrevir*) — *escribir* (ant. *escrebir*) mostra uma tendencia port. para a harmonia vocalica.

Dicere — *dizer* — *decir* — revela em esp. uma tendencia dissimilatoria; igualmente *ridere* — *rir* — *reir*. E' verdade que *dechado*, ao lado de fórmulas italianas, valonicas, do cantão de Valais, faz suppôr um *i* breve em *dictus*, sendo *dicho* e o fr. *dit* formações novas. Depois de nasaes, em port, houve uma nasali-

zação, como nos dialectos francezes de la Hague, Foulquemont e Champlitte: *ninho, mim* (Camões, Lus. I, 64: “De mi, da lei, das armas que trazia”), *intrincado*. Diez recusa attribuir á inicial *a* nasalização e diz que seria preciso assignalar um caso correspondente. Ha outros: *mancha, mãe, mui, muito, ninguém*, os pop. *mançã, cemiterio*.

O *i* breve deu *e* aberto em ambas, soffrendo o *e* o tratamento respectivo em esp. : *nive, neve, nieve*.

Na segundo pessoa do singular dos perfeitos, o port. transformou regularmente; o esp. conservou irregularmente: *tinisti — temeste — temiste*.

Virginti — vinte — veinte mostra a passagem para *e* por influencia dissimilatoria (cfr. *vecino — vicinu*) do *i* seguinte e a deslocação do accento pela lei physiologica que de duas vogaes recebe o accento a mais sonora (cfr. *Dios, réina*).

Um *i* em hiato é causa de inflexão em ambas as linguas (*vindemia — vindima — vendimia*), mas a concordancia *sepia — siba — jibia* pôde-se explicar pela enorme influencia da attracção em port. (cfr. *raiva — rabia*) e pela contracção.

U raramente causa inflexão (cfr. *vidua, viuva, viuda*); *lingua — lingua — lengua* (*llingua* no astur. occidental e central) mantem o *i* pela influencia da guttural que tambem se faz sentir em italiano.

Isto (istud) em vez de *esto*, como em esp. e como se encontra nos cancioneiros, é explicado por Meyer Lübke pela necessidade de distinguir o neutro do masculino; isto, entretanto, é desnecessario porque a final já differenciava. Diez compara com *todo* e *tudo* e olha a inflexão como methodo creado pela lingua para distinguir as fórmas com mais precisão.

Sinistru — sestro — siniestro remonta a um *sinexter*, analogico de *dexter* (cfr. *septentrional, meridional*), onde leis peculiares influiram diversamente em cada lingua.

Mismo (ant. *mesmo*, como no and. e no ast. actuaes) é difficil de explicar; Baist vê um influencia do *s*, que aliás não se exerceu em *este*, *maestre*, etc.

O

O longo geralmente se manteve; em casos raros passa para *u* como *e* longo para *i*: *nodu* — *nó* — *nudo*; *testemunho* — *testimonio*; *totu* — *tudo* — *todo*; *noscu* (de *nobiscum*) — *comnosco* — *conusco* (que se regulou por *conmigo*, influenciado por *mi*): *voscu* (de *vobiscum*) — *comvosco* — *convusco* (*convusco aqui moriremos*, no romance de Sepulveda dos Infantes de Lara:

Cercados son los infantes.

Abreviou-se em *colo*, * *consolo*, *mobilis*, ovum, como prova o tratamento esp.

Ciconia — *cegonha* — *cigüeña* soffreu dupla influencia do *i*, palatalização e attracção: * *ciguinha* (cfr. em grego ἀλώπηξ, sigmatico e alongado).

O breve apresenta no dominio romanico duas zonas como *e* breve: uma que o conserva, e nella se acha Portugal, e outra que o diphthonga e nella se acha a Espanha. A diphthongação assume a fórmula *ue*, como no Friul e na Calabria, preferindo a fórmula *uo* no mirandez.

A diphthongação explica-se como para *ie*.

O latim *fuerat* — *fora* — *fuera* (ant. *fora*, *fura*), *grue* — *grou* — *grua*, (*grulla*) não podem explicar por contagio porque são apenas dous casos.

Deu-se desenvolvimento independente.

Julga Diez que houve vontade de marcar bem o

desvio entre *e* e *i* breves, *o* e *u* breves; no segundo caso o esp., talvez por mistura de *ie*, afastou-se do italiano para chegar-se ao provençal dialectal. Sayce attribue este *i* e este *u* expletivos á influencia da emphase.

O phenomeno é comparavel ao *Umlaut* da grammatica germanica, *metaphonia*, na terminologia franceza, *mutação*, como diz o Sr. Said Ali?

Não, porque o *i* e o *u* soffrem aqui a attracção (Diez).

E' comparavel ao *Ablaut*, *apophonia*?

Não, a *apophonia* é um processo morphologico das linguas indo-européas (*facio, feci, λείπω, λέλοιπα, geben, gab*) e a diphthongação é um processo phonetico baseado na quantidade e no accento.

Todavia não se pôde negar que no dominio romanico não exista a *apophonia*; ahi está o fr. *venir* (*vient, vint*).

A fórma *ue* terá vindo de *uo*?

Para *cuomo, cuemo*, hoje *como*, de *quomodo*, a duvida é impossivel; mas para os outros? Pidal pensa que sim e mostra em francez os tres graus *pruove, prueve* (sec. XI) e *preuve* (sec. XII).

UO apparece em diplomas leonezes e aragonezes até o sec. XIII e se conserva no asturiano occidental. mas em Castella desde o sec. XII *ue* é geral.

Das linguas que diphthongam o esp. foi a que mais longe chegou; diphthonga até em syllaba fechada, o que não fazem o francez nem o italiano; e dentro do seu dominio o leonez e o aragonez diphthongam mesmo diante de *i*.

Monte denota uma pronuncia rustica latina *munte*, condemnada por Prisciano.

Contra (ant.: *cuentra*), *cõnde* (ant. *cuende*), *modo* (ant. *muedo*), *escondo* (astur. *ascuendo*), *respondo* (ast. *respuendo*) por influencia da nasal (Pidal).

As fórmãs asturianas *bono, fonte, ponte* attestam alongamento antigo do *o*.

Um *m* impede a diphthongação: *hombre* (*uemne* na V. de Filiberto); *cuemo* arch. se explica como fórmula atona.

Diante das palataes *ch, j* e *i* consoante que produza *y* ou *j*, ella cessa: *ojo, joyo*; si *ocho* remontasse a *uecho, ueito*, o diphthongo teria persistido (cf. *buey*), por conseguinte remonta a *oito* (cp. *pecho, peito*). A queda do *f* em *hoja* mostra que a não diphthongação é originaria. O aragonez e o leonez diphthongam: *ueito*.

Meyer Lübke dá como eruditas palavras como *modo, nota, tono, tomo*, que não diphthongam, e include *rosa* (*rœsa* no piemontez e no genovez); entretanto *rosa* não pode ser considerada palavra erudita; a explicação de Diez é mais aceitavel: cedo tomou um *o* longo, confundindo-se com o participio *rosa*.

O diphthongo soffre uma redução (como *ie* em *i*): *fruenta* (sec. XIV), *frente* (como em port.), *fluco, fleco, culuebra* (de um assimilado * *colobra*), *culebra, curueña, cureña*. Marden suggeriu a Pidal a seguinte explicação: a redução se dá depois de *l* ou *r*; e offerecendo posição da lingua elevada na metade anterior semelhante á da producção do *l* ou do *r*, perde-se o *u* intermedio, que exige posição differente.

U

A conservação do *u* longo e a passagem do *u* breve para *o* aberto romanico é regular em ambas as linguas. Este *o* soffreu em esp. o competente tratamento.

Todavia *lacuna* — *lagôa* — *laguna*, onde *una*, mais raro, foi substituido por *ona*, mais frequente; *Duriu* — *Douro* — *Duero* (* *Duiru*, com attracção).

Verecudia — *vergonha* — *vergüena*, com queda do *d* e palatalização do *n* em port., palatalização e produção de um *i* em esp.; a forma dupla *vergonza* deve talvez sua origem a *vergonzar*.

* *Aguriu* — *agouro* — *agüero* (atracção); *oi* no leonez ant. e no moderno occidental

Nasturtiu — *mastrução* — *mastuerzo*, com uma metathese em port. e com produção de *i* em esp., como nos casos precedentes.

Fundu — *fundo* — *hondo*, *dulce* — *doce* — *dulce*, *sulfure* — *enzofre* — *azufre* — *plumbu* — *chumbo* (*prumo*) — *plomo*, *ursu* — *urso* — *oso*, *surdu* — *surdo* (cfr. *tordo*) — *sordo*, *nodu* — *nó* — *nudo* são difíceis de explicar.

Não se póde dizer que sejam formas eruditas; as outras linguas attestam a vitalidade do *o* romanico.

Lutra — *lontra* — *nutria* apresenta quasi em cada letra um problema a resolver: o destino do *l*, o do *u*, a nasal port., a manutenção do grupo consonantal. Tudo isto não se resolveria com a influencia do termo grego ἐνυδρίς?

VOGAES ATONAS

Valem mais pela propria existencia do que pela natureza; soffrem as mais arbitrarías transformações.

Iniciaes, *a* e *u* resistem muito; entretanto não deixam de se alterar; citemos só os exemplos em que as duas linguas divergem: *lanterna* — *lanterna* — *linterna* (ha o port. pop. *lenterna*); *carina*? — *querena*

— *carena* (1); *Januariu* — *Janeiro* — *Enero*; *antennatu* — *enteado* — *alnado*; *viruela* (de * *variola*, * *vairola*, *veruela*) e *mejilla* (de *maxilla* não podem ser levados em conta porque *variola* e *maxilla* não são termos de formação popular; *rancor*, *rancor*, *rencor*; *fuligine* — *fuligem* — *hollin*; *juniperu* — *genebra* (pron. *ginebra*) — *enebro*.

E proveniente de *e* longo, e ou *i* breves tende para *i*; *medullu* — *miolo* — *meollo*; *minutu* — *miudo* — *menudo*; *germanu* — *irmão* — *hermano*; *etate* — *idade* — *edad*; não citamos como divergencia as fórmas *equal*, *egreja* porque já é tempo de se abandonar esta *graphia* em inteiro desaccordo com o uso; *invidia* — *inveja* — *envidia* (dissimilação).

O proveniente de *o* longo, *o* e *u* breves tende para *u*; como divergencias, algumas só *graphicas*, citamos *tonsione* — *tosão* — *tusón*; *coriandru* — *coentro* (pron. *cuentro*) — *culantro*, *forare* — *furar* — *horadar*; *furcatu* — *forcado* — *furkau* (ast.); *molinu* — *moinho* (pron. *muinho*) — *molino*; *cuniclu* — *coelho* — (pron. *cuelho*) — *conejo*.

As protonicas são tratadas como finais nos polysyllabos paroxytonos os quaes desenvolveram no latim vulgar um accento secundario.

Como diz Victor Henry, as linguas romanicas tornam sensivel por numerosos contrastes o principio da accentuação binaria: *venir* = *venire*, *vendrà* = *venirâbet*, *venire* = *hábet* (Grammaire comparée du grec et du latin, pag. 100).

Ha casos de divergencias causadas pela interferencia de certas leis de consonantismo: *malva hibiscu* — *malvaisca* — *malvavisco*; *umbilicu* — *umbi-*

(1) E' verdade que Meyer Libke não filla directamente esses exemplos, assim como o it. *carena* e o fr. *carène*, ao lat. *carina*, preferindo fazel-os originarios de uma cidade marítima do Mediterraneo ou do Adriatico, na qual o *i* seguido de *n* passasse a *e*. A *syllaba* que nos interessa nada tem, entretanto, que ver com o problema do *i*.

go (queda do *l* intervocalico) — *ombligo* (syncope do *i* atono); *antenati*; — *enteado* (queda do *n* intervocalico) — *alnado* (* *adnado*, *andado*), *avetarda* — *abetarda*, *betarda* — *avutarda*.

Nas postonicas, a syncope se deu entre *l* e *d*, *l* e *m*, *l* e *p*, *r* e *d*, *r* e *m*, *s* e *t*, *frigidus* e *dominus* (já *domnus* em Plauto).

A vogal geralmente é *e* ou *i*; *opera*, *calidus*; *o*, *u* apparecem diante de *l*, e ás vezes de *r*: *oculus*, *ancora* (que deu os pop. *ancla*); *a* apparece em palavras gregas e em palavras latinas que têm *a* na *syllaba* accentuada: *colaphu*, *anate*. De todas a mais resistente é o *a*.

As concordancias não nos interessam; *anate-adem* (queda do *n* intervocalico) — *ánade*; *asparagu* — *aspargo*, *espargo* (syncope) — *espárrago*; *populu* — *povo* (queda do *l* intervocalico) — *pueblo*.

Existe em italiano uma afinidade especial entre certas vogaes e certas consoantes da qual o port. apresenta um traço em *mugile-mugem* (em it. *muggine*), *mujil*; o *i* attrahiu o *m*.

Quando a postonica *i* precede immediatamente a vogal final, persiste em esp. e em port. é attrahida ou absorvida: *rabia* — *raiva* — *rabia*, *limpi* (*d*) *u* — *limpo* — *limpio*.

Nas terminações *mina*, *minus*, *mine*, o port. perde o *n*, conservando ou contrahindo a vogal: *femina* — *femea*, *lumine* — *lume*; em esp. a syncope desenvolve o grupo *mn* que tem o tratamento de que falaremos no consonantismo.

Bit persiste em port.: *cubitu* — *covado* — *codo*; *bibitu* — *bebedo* (pop. *beudo*) — *beodo*; *dubita* — *duvida* — *duda*.

Os proparoxytonos cuja vogal media ficou em contacto com a final já em latim vulgar eram verdadeiros paroxytonos, graças á tendencia á consonantização do *i* e do *u*.

Nas palavras eruditas e quando a consoante não se combina com *i* e *u*, não ha consonantização e ha dous tratamentos: a vogal persiste e se torna final (*glori*, no Brut, *glory* no inglez moderno), ou então é attrahida, o que se passa em francez (*gloire*) e em port. *rabia* — *raiva*.

Os casos com *u* são tão raros que o grande Brugmann, em seu "*Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*", não achando farta seara nos dominios indoeuropeus, vai respigar um misero exemplozinho no port. e cita a fórma mirandesa *euga* = *egua*, de equa Meyer Lübke apresenta exemplos excepcionaes do andaluz *tauba*, *estauta*, *reuga* que concordam de modo assombroso com fórmas populares port.

Chuva ao lado de *lluvia* remonta a ant. *chuiva* (ainda hoje dialectal), analogo a *fruito*, *enxuito*.

Finaes, *a* e *o* em geral se conservam.

Importante divergencia são: *mea* — *minha* — *mi*, que se explica pela redução do *a* em *e* no sec. XIII e apcope do *e* no uso proclítico; *duas* — *duas* — *dos* (*duas* e *dues* nos diplomas de S. Fernando no sec. XIII e no leonez occidental até hoje); *á guisa de* — *a guis de* (proclise).

No uso proclítico ha a apcope de *o* em esp.: *uno*, *alguno*, *ninguno*, *bueno*, *malo*, *primero*, *tercero postrero*, a preposição *según* (segund, cfr. grand, cient, sant) talvez *apóstol* (1) e *ángel*, *a fuer de*, casos de sandhi, como diz Lindsay, ou phonetica syntactica, como diz Brugmann; *alemán* por confusão de suffixo; *mi*, não por proclise, mas por confusão de fórma feminina com masculina, como *to* e *tu* desde Affonso X. *Abedul*, de * *betullu*, nos escapa porque a fórma port. *videiro* veio por derivação; * *safiru* deu

(1) *Santiago el apostolo santo*, no romance del-rey Ramiro, de Sepulveda.

zafir e *zafiro*, mas em port. *saphira*, por influencia de *petra* (como *opalu*, *opala*, *ópalo*).

O *o* final manteve em esp. a pronuncia como em italiano; em port. tende para *u*, assim como em Santander, nas Asturias, Zamora, Salamanca e occidente de Leão; em Aragão *o* em hiato com a tónica faz-se *u*: *lau lado*.

As vozes *espíritu*, *impetu*, discordantes de *espirit*, *impeto* são cultismos.

O *e* final conserva-se, mantendo o som em esp. e tendendo para *i* em port.; todavia em Berceo acha-se *torri*, *tardi* e hoje em parte das Asturias, Santander, Sayago, Salamanca). Antes de certas consoantes ha concordancias; o *d* originario ou secundario apresenta divergencias: *huésped*, *merced*, *virtud*, *red.*, *sed*, (não obstante *fe*, *pie*); *sede* é cultismo.

Ha outras: *tos*, *can*, *pan*, *árbol*, *tosse*, *cão*, *pão*, *arvore*.

Quando uma vogal final está em contacto immediato com a tónica, geralmente se conserva, mas em port. *aa* se contrae em *a*; *oo*, em *o*: *mala* — *mua* — *má*; *solo*, * *soo*, *só*. *Hoy* e *hoje* explicam-se, o primeiro por um intermediario * *oie*, o segundo pelo tratamento proprio do *di*.

A influencia dos phonemas que cercam as atonas, se faz sentir dissimilando: *decir*, *dizer*; *ponzoña*, *peçonha*; *reina*, *rainha*; *calostro*, *colostro*; *Cecilia*, *Sicilia*; assimilando: *simiente*, *semente jayán*, *gigante*; passando *a* e *u* para *e*: *enero*, *Janeiro* (aliás o “Corpus Inscriptionum Latinarum”, vol. VI, n. 1708 já dá *Jenuarius*, grego mod. γενάρης, port. pop. *Jenuario*, *jinella*); trazendo *o*, *u* diante de labiaes: *palor*, *bolor*; provocando transformações tambem com labiaes: *depannare* — *dobar* — *devanar*; *deripare* — *derrubar* — *derribar*.

A dissimilação ás vezes não se dá em palavras

pouco populares: *dirigir, extinguir, escribir, recibir* (entretanto *concebir* (1), *vivir* (ant. *vevir*).

O *a* é uma vogal absorvente da *syllaba* inicial; excluidos *mirabilia*, * *balancea*, etc., que não nos interessam pela concordancia, citemos: *silvaticu* — *selvagem* — *salvaje*, que Pidal explica pela assimilação; *jejunu* — *jejum* — *ayuno*; *ervilia* — *ervilha* — *arveja* — que Pidal explica pela acção do *r* (cfr. fr. *marché, farouche*, port. pop. *amaricano*); *colostru* — *colostro* — *calostro*, *lumbrica* — *lombriga* — *lambrija* (ao lado de *lombriz*);

Tal é a fraqueza das atonas que soffrem muitas aphereses; excluidas as concordancias, citemos *episcopu* — *bispo* — *obispo*; * *inamoratu* — *namorado* — *enamorado*; *upupa* — *poupa* — *abubilla*; *avistarda* — *betarba* — *avutarda*.

Dão-se trocas de vogaes de natureza diversa, applicaveis por confusão de palavras: *umbilicu* — *umbigo* — *ombligo*; Meyc. Lübke explica a forma *embigu*, aliás, popular, por influencia de *empola*.

Em hiato em port. raro persistem: * *credibile* — *crivel* — *creible*; * *magistre* — *mestre* — *maestre*; *calente* — *quente* — *caliente*; *canonicu* — *cõnego* — *canonje*.

Ha metathese de causa não apparente: * *geniclu* — *joelho* — *hinojo*; *geolho* em Ponte do Lima hoje e em Sá de Miranda: "A *lêr, se em geolhos não* (carta a Antonio Pereira).

VOGAES EM HIATO

Ha dous casos a considerar: hiato latino e hiato romanico. Em ambos predomina nas duas linguas a tendencia destructora do hiato.

(1) No romance de D. Gaiheiros — Asentado está Gaiheiros — que Cervantes põe na bocca de mestre Pedro, se encontra: *A recebir se lo sale*.

Hiato latino, — Desprezadas as concordancias, citemos, *aer-ar* (contracção) — *aire* (diphthongação), *laicu* — *leigo* — *lego* (o port. ficou em segundo grau; o esp. em terceiro); *trahit* — *traz* (*trage* ant.) — *trae* (*traye* ant.); *arguo* — *arguo* — *arguyo*; *Deus* — *Deus* — *Dios* (ant. dialectal *Dieos*), com diphthongação e deslocação do accento); *meu* — *meu* — *mio* (leonez occidental *mieo*); * *judeu* — *judeu* — *judío*; *fuit* — *foi* — *fué* (astur. *fói*, ant. cast. *fóe*).

O caso dos possessivos *tuyo*, *suyo* (de *tuo*, *suo*) não se leva em conta porque em port. dominou a formação analogica por *meu*.

Hiato romanico. — Além dos casos citados quando tratámos das vogaes atonas, accrescentemos: *leer*, *lêr* (contracção); *creer*, *crêr* (idem), *proveer*, *provêr* (mas *ver* em esp. desde o fim da idade media), *liar*, *ligar* (ao lado de *alliar*, *liame*); *oir-ouvir* (*audire*, * *ouir*); *loar*, *louvar* (*laudare*, * *louar*, sendo *lôa* um empréstimo); *col*, *couve* (*caule*, * *coule*, * *coue*).

DIPHTHONGOS

O latim, que era pobre de diphthongos, foi muito productivo neste particular nas linguas romanicas.

Desde o latim vulg. æ œ, eram tratados como e longo ou breve e *au* como o (Lindsay-The Latin language, pags. 242 e 243); das divergencias *seculo-siglo*, *judeu*, *judío* já tratámos. *Au* para dar *o* em esp. passou por um grau *ou* que se acha em port.: *causa* — *cousa* — *cosa*; *raucu* — *rouco* — *ronco* (por interferencia semantica de *roncar*); *Paulu* — *Paulo* — *Pablo* (consonantização, cf. o grego mod. $\alpha\upsilon = \alpha\upsilon$, $\alpha\upsilon$). A passagem para *ou*, *o* é posterior á sonorização das surdas intervocalicas, de que trataremos: *cautu-* — *ccto*, *totu* — *todo*.

CONSONANTISMO

Ao contrario do vocalismo, mais se deixou influir o consonantismo pelos phonemas proximos do que pelo accento.

E' de toda importancia o logar occupado pela consoante. Assim, estudaremos cada um no principio, no meio e no fim das palavras; em seguida as dobradas e os grupos consonantes, antes e depois do accento tonico.

Quando iniciaes, têm as consoantes a maior resistencia; quasi não mudam de grau nem soffrem transposições. Internas, soffrem muito a influencia do accento, sobretudo as explosivas; d'ahi a necessidade de examinar si ellas estão antes ou depois do accento. Nos verbos compostos, quando o verbo simples ainda existe, a consoante interior soffre o tratamento da inicial, o que, aliás, admite excepção com os compostos de *de* e *re* e quando se perdeu o sentimento da composição. E' preciso tambem distinguir os paraxytonos dos proparoxytonos; nestes, o tratamento das postonicas depende da conservação ou da syncope da vogal media; conservando-se a vogal, o tratamento é o dos paroxytonos. Finaes, temos de distinguil-as nos monosyllabos e nos polysyllabos; naquelles a resistencia é fraca, quando são procliticos, por causa da atonicidade da vogal e a consoante é tratada como si fosse inferior.

As dobradas correspondem quantitativamente ás vogaes longas; das linguas romanicas só o italiano as conservou com o valor proprio, simplificando-as as outras (embora o francez e o portuguez as escrevam) e submettendo-as depois ao tratamento das simples. O *rr* é qualitativo em port. e esp.; o *ss* em port.; o *cc* apparece em palavras eruditas, o *nn* esp. tambem.

Ha mais grupos consonantais interiores do que iniciais; a segunda consoante é tratada como inicial e a primeira soffre muitas modificações, excepto nos grupos com *i* e *u* consonantes e nos de *l*; o lugar do grupo nos oxytonos ou nos paroxytonos é importante.

Estabelecidos estes principios geraes, communs ás duas linguas, vejamos agora as divergencias; seguiremos a ordem alphabetica que, si é menos philologica, é mais pratica.

CONSOANTES SIMPLES

B

Inicial — *B* é uma labial; ora, a oclusão dos labios é a menos energica; por conseguinte, facilmente se produz uma pequena abertura e o *b* de explosiva passa a fricativa (*v*), mas a orthographia espanhola moderna manda escrever *b* de accôrdo com a etymologia.

Como divergencia notemos: *beccu* — *bico* — *pico* (*beccu* é de origem celtica; todavia confronte-se *bicar* e *picar*, em port., tambem do celtico, segundo alguns); * *betullu* — *vidoeira* — *abedul*.

Interior — Depois do accento, tornou-se uma espirante e seu destino confundiu-se com o do *v* em esp., sendo restituído pela orthographia moderna: *escribir*, *nube*, *haba*, *probar*. Em port. passou para *v* nos exemplos citados; todavia *sebu* — *sebo* — *sebo*.

Antes do accento tem o mesmo tratamento, mas perto de phonema labial cae em esp.; *debere* — *dever* — *deber*; *caballu* — *cavallo* — *caballo*; *viburnu* — *viburno* — *viorno*; *tributu* — (atrever) — *treudo*; *sabucu* — *sabugo* — *saúco* (tambem *sabuco* e o pop. *sabugo*, segundo Pidal).

De *dubitare* já tratámos e voltaremos a tratar com o grupo *bt*. ..

Final — Acha-se em *ab*, *ob* e *sub* e em palavras de origem hebraica; *sub* é proclítico, d'onde o tratamento do *b* como interior: cae diante de inicial consoante e devia tornar-se *v* diante de vogal: esp. *so*, port. *sob*, que é fôrma meio crudita.

C

Guttural, interior, sonorizou-se em ambas as línguas excepto depois de *au*; entretanto *sabucu* — *sabugó* — *saúco* (a queda do *b* em esp. perto da labial *u*, provocou o diphthongo que impediu a sonorização); *implicare* — *empregar* — *emplear* (onde a sonora evoluiu como si fosse primitiva).

Diante de *e*, *i*, temos em port *c* (brando), *ç*, *z*, em esp. *c*, *z*, *vicinu* — *vizinho* — *vecino*; *ciconia* — *cegonha* — *çigüeña*.

O *c* sibilado devia ser algures mescla de explosiva e fricativa (*ts*), que em certos casos deu *ch*, chian-te em port., excepto na Beira, e dentopalatal em esp.: * *ciceru* — *chicharo* — *chicharo*. *Panice* — *pança* — *pancha*, *panza*. Na ultima syllaba *z*, hoje surda em castelhano, chian-te em port. *pace* — *paz* — *paz*.

Os drivados *fauces*: *foçar*, *focinho* são curiosos; será influencia do *au*? Meyer Lübke esperava * *fozar*, * *fozinho*.

Final, encontramos em *dic*, *dize*, *di* (mas *contra-dice*, *bendice*); *adduc* — *adduze* — *adú* (mod. *aduce*, *conduce*); *sic* — *sim* — *si nec* — *nem* — *ni*. O ant. esp. *nen*, *nin*, segundo Meyer Lübke, tirou o *n* de *non*; não seria influencia da inicial? O *i* é difficil de explicar; si não vem de *y*, mostra em todo caso que a palavra deixou de ser atona como em esp. ant. e no port. actual.

O *ch*, de origem grega, é tratado como *c* latino.

D

Interior, antes do accento cai em ambas; *fidete* — *fiel* — *fiel*; depois, cai em port. e persiste em esp. *gradu* — *grau* — *grado*; *mediu-* — *meio* — *medio*; *nidu* — *ninho* — *nido*; *nodu* — *nó* — *nudo*; *crudu* — *cru* — *crudo*; *nudu* — *nu* — *desnudo*. Entretanto esp. *ve, fe, cre, pie; prea, loa* por causa de *prear, loar, feo* que não parece castelhano por causa do *f*, segundo Meyer Lübke, mas que a Diez parece, explicando o não enfraquecimento do *f* por causa da curteza da palavra; no Rabi Santo, “Proverbios morales”, *nio*: *Non vale el azor menos Por nacer en vil nio*.

Nos proparoxytonos, seguindo a postonica, quando não ha syncope é tratado como nos paroxytonos antes do accento: *rigidu* — *rijo* — *recio*. *Humidu* — *humido* — *humedo* é fórma erudita. *Lampada* — *lampada* (entretanto *lamparina*) — *lampara* (uma liquida chamou a outra).

Em esp. na terminação *ado* tonica o *d* cai (o que não se dá em *Quito, Cuenca*), o que se explica pela difficuldade da articulação: estando a lingua conca-va e levada para adiante para articular *ad*, fica-lhe difficil assumir a posição opposta, convexa e retrahida, para pronunciar o *o* e evita a concavidade exigida pelo *d*.

Final, cae excepto o *d* de *ad* em aragonez diante de vogal (*ad aquel*).

O *d* final em esp. se perde geralmente na pronuncia: *Madri*; na Castella Nova, na Andaluzia e na America, onde se perde até nos monosyllabos *re, se*, em emphase pronuncia-se como *z* sonoro e nos fins de syllaba: *Cid, admirar*; na Castella Velha, nas Asturias, em Santander, pronuncia-se como *z* surdo em

emphse e especialmente nos monosyllabos: *Madriz, rez, sez.*

F

Inicial, conserva-se em port. e em esp., excepto em astur. occ. e alto aragonez e diante de *ue* e *r*, perdendo o elemento labial, acaba numa simples aspiração qu hoje só dialectalmente se faz sentir. *facere, fazer, hacer.*

E' este um dos traços mais característicos da phonetica espanhola.

Como se explica a presença de *f* inicial em certas palavras como *fácil, familia, etc.*?

Em *feo, fin, fué*, DIEZ a explica pela curteza da palavra, em *fiero, fiel, fe* pela necessidade diacritica semantica; em *falcón, falda, faz, etc.* tambem; em *fenchir, de implere*, como prova o port. *encher*, MEYER LUBKE explica pela interferencia de *fartar*.

O ant. esp. apresenta *f* inicial; o poema do Cm. os livros do infante D. João Manuel, as poesias de BERCEO, do arcepreste de HITA o *Fuero Juzgo*, Calila e Dimna já têm *h*; em Santilhana, D. João de Mena o *f* ainda prepondera, mas a coexistencia do *h* mostra que esse *f* não era bem a labio-dental e sim a espirante surda bilabial ou a aspiração (sec. XV e XVI).

Garcilaso ainda aspira: Ercilla ora aspira ora não; Calderón e Quevedo quasi não levam em conta o *h*.

Diez diz muito antiga a transformação; Pidal fal-a datar do sec. XIII, pelo menos.

Pidal, levado pela ausencia do *f* em basco, que o substitue por *p* (*certipicar*) ou *b* (*bréza*), e pela presença do *h* na Gasconha, attribue o caso á influencia iberica.

Meyer Lübke na *Einführung* acha insustentavel relacionar com isto a conversão do *f*; não tendo os

iberos *f*, era o *h* um phonema pouco indicado para o substituir, concebendo-se antes *b* ou simples perda de *f*; antes de tudo, ter-se-ia de supor que o *f* sempre deu *h*, o que não succede, visto conservar-se diante de *r* e de *ue*.

Embora não considere producto de um desenvolvimento proprio porque sinão teria penetrado mais a lingua, Diez affirma que a origem e os progressos da alteração podem ser historicamente seguidos desde os Pyreneus; não chegou a attingir Portugal.

Oo francez apresenta *hors* (de *foris*), aliás *fuera* em esp.; *habler*, derivado de *hablar*, *harouce* (*farouche*) e *hausart* (*fausart*).

A presença no vallão, no valachio e nos ant. dialectos italicos (v. Bréal e Bailly — “Dictionnaire etymologique latin” — verbo *arena*) mostra a affinidade do *f* com o *h*.

Como explicar a conservação diante de *ue* e *r*?

Pidal allude a circumstancias mal definidas; Lindsay, baseado em Terenciano Mauro (*imum superis dentibus, adprimens labellum spiramine leni*), diz que o *f* latino era labio-dental e não bilabial e em Quintiliano, XII, 10, 29 (*quassa quodammodo, utique quotiens aliquam consonantem frangit, ut in hoc ipso “frangit”, multo fit horridior*), affirma: “This more vehement articulation of *f* before a consonant explains the different treatment of the Latin spirant in Spanish, in words like *haba* (Lat. *fabā*), *humo* (Lat. *fumus*), but *fraga* (Lat. *fragum*, *fraga*)”.

Em *fantasma-abantesma* a differença se explica porque a prothese provocou um tratamento como *f* interior.

Interior, intervocalico não se acha em latim, a não ser em formas sabellicas (*rufus*, *scrofa*, *tofus-tufotoba*). Em compostos apparece e persiste, sendo tratado como *v* quando desapareceu o sentimento da composição; *aquifoliu-azevinho-acebo*; *refusare-re-*

cusar (o c?)-rehusar; *defesa-devesa-dehesa (semiculta, segundo Pidal; a pop. é *devesa*); *trifolium-trevo-trébol* (onde Pidal vê a interferencia do gr. τριφυλλον

O *ph* latino (que é de origem grega) tem o tratamento do *f*; citemos: *raphanu-rabano-rávano* (port. mod. *rábano*); *cophinu-cofre* (aliás emprestimo) — *cuévano*; *symphonia-sanfona-zampoña*.

G

Inicial, diante de *e* e *i*, a guttural latina tornou-se em port. uma espirante prepalatal sonora, *g* brando, e em esp. *y*, que se tornou aspiração e depois cahiu: **geniclu-joelho* (ant. *geolho*)-*hinojo*; *generu-genro-yerno*; *gente-gente-yente* (ant.) (*gente* mod. é cultismo). Meyer Lübke explica *irmão* como proveniente de grupos de palavras como *meu irmão*.

No asturiano tornou-se no gallego (*xente*).

Interior, depois do accento conserva-se; antes do accento, diante de *a*, *e*, *i*, *cae* (*real*, *leal*, *maestre*, *selo*, *ruido*, *agosto*, *agüero*).

Nos proparoxytonos quando não ha syncope, só *recio* apresenta difficuldades; liga-se a *rigidus* pelo sentido, mas apresenta uma sorprehendente passagem do *g* a *c*. Sómente uma fórmula **recidus*, mais recente do que a lei que obriga o tratamento como nos paroxytonos quando não ha syncope, resolveria o caso e o albanez *rek'ethe*.

H

O *h* em latim já tinha desapaprecido da pronuncia desde o fim da republica (Lindsay) e desappareceu da escripta luso-espanhola nos tempos antigos, restituindo-se com o renascimento da erudição classica (Covarruvias, 1611). Na orthographia de Nebrija (sec. XVI) o *h* apaprece nas palavras que tiveram *f*;

na Andaluzia, na Asturia oriental, na Extremadura, ainda hoje o *h* é pronunciado como o *h* aspirado inglez e o *h* allemão e o espirito forte do grego antigo.

As divergencias *huevo, ovo; hueso, oso*, são meramente graphicas (cfr. port. do sec. XIX *hum, hé, ho*).

I

O *i* consoante apparece no começo das palavras ante vogal e no meio entre duas vogaes (Macé, “La prononciation du latin”); a paleographia nos ensina que a differenciação graphica do *i* vogal, embora, como pensa Edon, busque sua origem na epigraphia latina, começou no seculo XVII.

Diante de *a, o, u*, em port. tomou o som chiante do *j*; em esp. o estreitamento prepalatal se muda em oclusão e a explosiva (*dya, dyo, dyu*) se torna em *y* antes de *a, e* tonicos e na aspirada *j* diante de vogaes atonas: *jam-já-jugo-yugo*. Ha duas exceções; *jamás* (ao lado de *ya*), explicavel pela proclise; *joven*, que Meyer Lübke julga inexplicavel; *justo* é erudito (o pop. é *derecho*); *junto* é influenciado por *juntar, junco* por *juncal* (entretanto *ayuncar*); *joyo* é transformação de *yojo*. *Januariu* — *Enero* suppõe, como vimos, um *Jenuariu* que explica a divergencia; o tratamento foi o de *ge*; *jejunu-ayuno*, para Pidal vem de **jajuniu*. Meyer Lübke duvida que venha de **eyun*; *juniperu-enebro* suppõe **jeniperu*, o mirandez *zimbros* mostra um *dz* como no veneziano, no lombardo, no genovez, no francez do S. E. e no macedonio. *Jungere-jungir-uncir*, com perda do *j*.

Interior, postonico, deu *j* em port., *y* em esp.: *cujus-cujo-cuyo*; entretanto *raja-arraia-raya*.

Maior (*major* é erudita e recente), *peior* foram influenciados pelos antigos neutros **maios, *peios*;

peor, mear perdem o *y* por causa da vogal clara precedente.

L

Inicial, palataliza-se em leonez, asturiano e mirandez. O castelhano apresenta *llevar* onde Meyer Lübke não nota o mais leve indicio de que a pronuncia *ie* tenha podido existir; a fôrma antiga era *levar*.

Diez hesita entre considerar como dialectal ou attribuir ao presente *llevo* uma escripta viciosa (em vez de **lievo*) que em seguida se transportou ás fôrmas arrhizotonicas. Tal processo seria contra todas as regras; é verdade que existe *adiestrar*, mas *adies-trar* pôde se explicar como formação hysterogena de *diestro*. A singularidade é tal que não se pôde deixar de attribuir a palatalização á diphthongação. Já tratamos de *lutra*. *Lolium* soffreu dissimilação que deu *joio* e *joyo*.

Interior, cai em portuguez. *Scala-escada-escala* apresentacuriosa permuta, que não é sem exemplo: *ardil, madrilenos*, explicaveis por dissimilação; teria havido analogia phonetica com os participios passados femininos?

Calor se explica pela influencia de *caldo*; *valer* pela de *valho*; *gola*, pela de *guela*. *Taleiga* é escripto taeiga numa carta do sec. XIII. Meyer Lübke filia *pelo* á influencia de *cavallo* (?) e cai em contradicção quanto a *velar*, que ora diz remontar a *veglar, vellar* (I, pg. 410), ora diz ser um emprestimo espanhol (I, pg. 460), sendo *vigiar* a fôrma legitimamente portugueza. *Camelo-camello* explica-se por uma fôrma *camellus* attestada pela Itala.

Nos proparoxytonos, quando não ha syncope, o tratament o é igual: *regua, povo*.

M

O *m* final latino no accusativo desde o tempo de Plauto se perdia, o que a orthographia dos sepulcros dos Scipiões confirma; nos monosyllabos perdeu a labialidade para transformar-se em nasal dental. Aliás o port. conserva na escripta embora não pronuncie como labial. Excepto em *mim* o *m* final port. corresponde a um *n* esp.

Cum-com-con, proclítico, soffre a ecthlipse (*co arte* nos cancioneros, ao lado de *com armas*), o que indica tratamento do *n* interior *Tam, tan, tão* (mas *tambem*), *quam, cuan, quão* (cfr. *cão, can; pão, pan*). (1)

Nos nomes biblicos, alguns dos quaes não se podem considerar apenas eruditos, *m* em port., *n* em esp.: *Bethlem-Belén; Adão* pode se explicar pela forma: *Adamus*, que tambem apparece nos escriptores ecclesiasticos.

N

Inicial, em esp. ha casos de palatalização como *nodus* — *nó ñudo* (cfr. it. *ignudo*, nú) que Meyer Lübke julga influenciado por *añuda; nuvem, ñublo*, talvez **niublo*, de *nibula*, o *i vindo* por causa da labial.

Interior, persiste em esp., palatizando-se em certos suffixos ou terminações parecidas com suffixos, e em port. ora cae como em rhetico, ora nasaliza a vogal precedente, palatizando-se em *inho, inha-alienu-alheio-ajeno; pergaminu-pergaminho-pergamino; rapina-rapina-rapiña; germanu-irmão-hermano*.

Em port. as terminações *anus* conservam-se ás vezes: *Oceano, romano* (ao lado de *Romão*), etc.

(1) A explicação do phenomeno foi dada por Sweet nas *Transactions of the Philological Society*, XVII, 203, de que pela carencia do tempo infelizmente não podemos lançar mão.

Ha uns tantos casos curiosos: *canonicu-conego* (**caonigo*)-*calonje*; *communicare-commungar-comulgar-* (por causa da labial?); *sanare-sarar-sanar*; *sanguine-sangue-sangre* (cfr. port. *sangrento, sangria*).

Em *fim, bem, bom, dom* o *m* é meramente graphico. *Fenestra, tenebræ* apresentam em port. uma metathese que só pôde ser posterior á queda do *n*.

Cane, pane, can, pan, cão, pão (por analogia com as numerosas finaes em *ão*?)

Luna-lûa-lua com denasalização (Camões, Lus. IX, 48 — Os cornos ajuntou da eburnea lûa, que Díez faz igual *luma* para rimar com *alguma* e *nenhuma*, cuja nasal não pôde ser labial como se infere da graphia *algûa, nenhûa* da edição *princeps*); *lunha* no port. sertanejo do norte do Brasil, como attesta o *folk-lore*.

O phenomeno da nasalização é um dos pontos mais importantes da phonetica romanica.

A nasal velarizou-se ou palatalizou-se ligeiramente; communicou sua qualidade á vogal precedente (1); depois cahiu: *ã*.

Este phenomeno é dos mais difficeis; accresce que são insufficientes os materiaes fornecidos pelos *patois*.

Encontra-se no romeno, no rhetico, nos dialectos da alta Italia, no provençal, no francez e no portuguez.

A pobre lingua portugueza, tão menosprezada, graças a este phenomeno vem citada nos livros de Victor Henry, Giacomo de Gregorio, e etc.

Qual a origem da nasalização?

A influencia celtica, como quer Lindsay, apenas explica para a França e para a Italia; o phenomeno não estava preparado pela pronuncia de *n* latino (2) nem pela do *m*, pois o *m* final de longa data cahira.

(1) Sentimos não haver os typos proprios do *n* velar e do *n* palatal para podermos transcrever.

(2) E' verdade que Edon admite uma nasalização popular que explique as fórmas dos comicos: *inde, inter*.

Querem uns que tenha vindo do francez para o portuguez com o sequito do conde D. Henrique de Borgonha. Não é provavel; os camponezes não se iriam influenciar no paiz inteiro pela pronuncia da côrte. Na Sicilia, onde foi maior a immigração franceza, a nasal franceza não ficou; por conseguinte, não seria em todo o oéste da peninsulá iberica que ella iria ficar.

Final, em *in* e *non*. *Em*, *en* divergem na escripta quanto ao *m*, *n*; na pronuncia quanto á nasalização.

Non apresenta em esp. *non* e *no*, alternando no poema do Cid (*si non, quanto dexo no lo preço un figo* v. 77), no romancero (*Buen conde Fernán Gonzalez... Non mereces culpa, non*); *no* depois do sec. XVI e hoje *non* quer dizer impar (no jogo de pares e nunes); em port. encontramos no cancionero da Vaticana: *nom vejo o bem que queria*; na canção de D. Affonso Sanchez, na carta de Egas Muniz: *Bai-se o bulto do mei corpo Mas ei non*; na trova dos Figueiredos: *Garçom ca nom sey*; Camões-Lus. X, 145: *No mais, Musa, no mais que a lyra tenho*.

Nos proparoxytonos, quando não ha syncope, cae em port.: *femina, femea* (em esp. houve syncope).

P

Inicial mantem-se; entretanto *portulaca* deu *bel-droega* e *verdolaga*, este talvez talvez por interferencia semantica de verde.

Interior, depois do accentto sonoriza-se, menos depois de *au*, em esp. depois de diphthongos conserva-se: *saipam-sepa*. Antes do accentto tambem se sonoriza.

Scopa-escova-escoba mostra em port. um tratamento de *b* secundario; o mesmo se dá com *populus-povo-pueblo*, onde o *b* secundario passou a *v* (port.) e manteve-se pela syncope (esp.).

R

Inicial conserva-se; interior soffre antitheses e metatheses: *ceramen-aramé-alambré*, *armariu-armario-almario* (ao lado de *armario*), como o port. pop.; *cerebru-cerebro-celebro* (ao lado de *cerebro*), explicaveis por dissimulação; *tenebras-trevas* (**tebras*, **trebas*)-*tinieblas*; *periculu-perigo-peligro*; *taratru* (de origem celtica) *trado-taladro*; *ancora-ancora* (pop. *ancla*)-*ancla* (ao lado de *ancora*); *temperare-temperar-templar*.

Final, ha tambem antitheses por dissimilação: *arbore-arvore-árbol*; *carcer-carcere-cárcel*; *marmor-marmoe-mármol*.

Morrer ao lado *morir* (ant. *morrer*) tem seu contraste em *aspargo* e *espárrago*; é vedade que a vizinhança do *g* não faz em port. o *r* completamente brando.

S

A mais importante alteração é a passagem da sibilante inicial para chiante: *x* em esp. ant. e em port., *j* em esp. moderno: *sapone-sabão-jabón*; *serica-enxer-ga-jerga*; **syringa-seringa* (pop. *xeringa*)-*jeringa*; *se-pia-siba-jibia*; *sinapi-(sinapismo)-jenabe*; **sucusucco-jugo*; *salma-enxalmos-jalma*; *simia-simia* (que aliás não é pop.)-*jimia* (it. *scimmia*) **insapidu-des enxabido-enxabido* (ant.).

Meyer Lübke attribue o phenomeno á influencia palatalizante de um *i* seguinte e á confusão de *ins* com *ex*. E quando não ha *i* nem *ex* como em *sapone*?

Pidal attribue á pronuncia mourisca e cita: *todox extox* do poema de *Yúçuf*; no tomo II da *Revista Lusitana* Gonçalves Viana explica porque os arabes, tendo o phonema *s*, usavam *x*.

Sulfur-enxofre-azufre; sifilare-chiar (silvo) — chillar, chiflar são fórmulas sabellicas de explicação difícil; o *Corpus Inscriptionum Latinarum* (VI, 12.336) apresenta *Zabina = Sabina*.

Outra importante transformação é a espanhola para *z* ou *c*; *sucidu-sujo-zucio* Meyer Lübke explica por assimilação do fonema interior, o que também faz para *subsuprare-sossobrar-zozobrar*; não acha explicação para *zabullir, zurdo, zahondar*. Pidal explica *zozobrar, cerrar* (em port. *ce. sôa* como *se*), *zueco, cedazo, zabullir, zahondar*, (1) *zahorra* como palavras oriundas da Andaluzia da qual uma parte cicia todo *s*, enquanto outra cicia todo *ç, z*.

O *s* interior intervocalico é sonoro em port. e surdo em esp.

Em latim também era surdo;; *None of the Latin grammarians ever suggest that Latin s had anything but one and the same sound; and their silence is evidence of some weight that the soft or unvoiced variety of s was unknown in Latin* (Lindsay, página 101).

Mas a pronuncia espanhola representará a latina sem solução de continuidade? Não. A lingua antiga tinha *s* surdo, que escrevia *ss* entre vogaes, e *s* sonoro, que escrevia simples (*passar, casa*); nos fins do século XVI, segundo Monlau, só havia *s* surdo.

As fórmulas romanicas *bexiga, vejiga, vessie, vesica* apontam uma dobrada no latim vulgar: *vesica* — (Lindsay, pag. 115).

T

Inicial mantém-se em regra; interior, sonoriza-se, excepto depois de *au*.

(1) Port. *xafurdar* não manteve o *s* mas tornou chitante.

Th perdeu a aspiração e tem o tratamento de *t*; o port todavia escreve o *h*.

V

Assim como o *b* se muda em *v*, o contrario tambem se dá. As incoherencias paleographicas e do falar dialectal ainda hoje provam a confusão. A orthographia espanhola moderna restitue o *v* etymologico; todavia se conforma com o uso em *abogado*, *abuelo*, *barrer*, (como o por. pop.), *bermejo*.

Citemos as divergencias: *vagina*, *bainha*, *vaina*; *vultu-vulto-bulto*; *vitrinire?* *verniz*, *barniz*; *volandas bolandas-volandas*; *vesica-bexiga-vejiga*. *Vimen* deu *vime* e *mimbre*, com uma curiosa assimilação. *Veruclu* deu em port. *ferrolho*, por influencia de *ferro*, e em esp. *cerrojo*, por influencia de *cerrar*; o fr. *verrou* não soffreu influencia alguma. *Vos* deu *vos* e *os*, com queda do *v*, como em *eis*, *he*, que segundo alguns, vêm do verbo *vêr*.

Interior, nota-se tambem a confusão com *b* (port. do norte); antes do accento cai perto de labial, vocaliza-se: *investir*, *embestir*, *civitate* — *cidade* — *ciudad*; *levitare* — *levedar* — *leudar*.

Z

Os seguintes exemplos mostrarão o tratamento destas letras de origem grega: *zingiber* — *gengibre* — *jengibre*; *zizania* — *cizânia* (o douto Ramiz Galvão, todavia acha melhor *zizânia*) — *cizaña*; *gazophilaci* — *gazophylacio* — *gazofilacio*; o hybridismo *zelosus* mostra um tratamento do *z* analogo ao do *g* palatal: *zelo*, *celoso*, *geloso* (it.), *jaloux* (fr.)

CONSOANTES DOBRADAS

Já nos referimos ao tratamento geral das dobradas.

O latim preromanico levou a simplificação mais longe do que o latim popular romano, pois simplificou até depois de *syllaba accentuada*. Brugmann cita justamente o exemplo esp. *gota* de *guta* = *gutta*. O assumpto é brilhantemente tratado no *Handbuch* de Sommer.

BB

E' raro; apparece em poucas palavras compostas de *ab*, *ob*, *sub*, em palavras de origem hebraica, *abbas*, *sabbatu*; divergencia meramente graphica. Citemos *subbrachia* — *sovacos* — *sobacos*.

CC

O port. mantem na escripta, ás vezes pronunciando; o esp. só mantem quando pronuncia: *peccare*—*peccar*—*pecar*; *accessoriu* — *accessorio* — *acesorio*. As fórmas *succo* (port.) e *jugo* (esp.) mostram que o primeiro vem de *succu* e o segundo de *sucu*; aliás ha em port. *sugar* que só poderá vir de *sucare*.

DD

E' raro; apparece em compostos de *ad* e em nomes hebraicos; divergencia apenas graphica: *additione* — *adição* — *adición*; *sadducaeu* — *sadduceu* — *saduceo*.

FF

Nos compostos de *ad*, *ex*, *ob*, *sub*, *dis*; divergencia graphica.

GG

Raro; em compostos de *ad*, *sub*; divergencia graphica.

LL

Em port. simplifica-se embora a graphia seja de dobrada; em esp. molha-se, desenvolvendo-se em *y* em andaluz;; *calle*, *caye*.

Caballu — *cavallo*, — *caballo*; *stella* — *estrella* — *estrella*; *argilla* — *argilla* — *arcilla*; *itta* — *ella* — *ella*; *bellu* — *bello* — *bello*.

Entretanto ha exemplos do contrario; *illi* — *lhe* — *le*; ha casos de concordancias que representam irregularidades: *capellu* — *capello* — *capelo*; *nullu* — *nullo* — *nulo*.

Enguia e *anguila*, pelo tratamento de *l* simples exigem um *anguila* (Lindsay, pag. 115). *Betullum* dá *abedul* e *vidoeiro* (*betullariu*). *Gemelo* vem de *gemellu*, *gimeo* de *geminu* (v. N).

Vem a proposito tratar da antiga notação portugueza do *l* molhado. Antigamente usava-se o *l* dobrado como em esp.; do sec. XIII, segundo Viterbo, começa o uso do *lh*, notação provavelmente tirada do provençal, pois no testamento de Raymundo de Tolosa (961) já se encontra *Grenolhedo*.

MM

Na fórma do costume, o port. simplifica embora conserve a dobrada; o esp. racionalmente escreve a simples quando simplifica e nos outros casos dá uma graphia de accôrdo com a pronuncia: *mamma* — *mamma* — *mama*; *immeensu* — *immenso* — *inmenso*.

NN

Em port. simplifica-se, embora se escreva dobrada quasi sempre; em esp. palataliza-se: *annu* — *anno* — *año*; *canna* — *canna* — *caña*; — *gannire* — *ganir* — *gañir*; *pannu* (de fórma dorica *πᾶνος* — *panno* — *pañõ*).

Em port. a dobrada tem seu verdadeiro valor; em esp. tambem: *connivencia*, *innovar* (eruditas).

Grunnire em port. palatalizou-se: *grunhir*, o que se deu normalmente em esp.; esta palatalização tambem se encontra no fr. *grogner* e no it. *grugnire*.

Os archaicos *oganho*, *antanho* trazem tambem palatalização irregular.

Devanar, *dobar* mostram uma simplificação; *dèpannare* que desde o latim vulgar já se devia ter feito.

A notação portugueza antiga para o *n* molhado era *gn*; do sec. XIII segundo Viterbo, começa o uso do *nh*, provavelmente tirado do provençal, pois no testamento de Raymundo de Tolosa (961) já se encontrava *Ginhalio*.

A espanhola foi *nn*, *n*, *ny*, *ni*, *gn*; o til é uma abreviatura do *nn* e representa o *n* suppresso.

PP

Apparece nos compostos de *ad*, *ob*, *sub*, em palavras de origem grega, hebraica: *cappari*, *mappa*, *Cappadox*, *Ioppe*. Simplificou-se embora o por. ás vezes escreva a dobrada: *alcaparra* (em ambas), *mappa* (mas *guardanapo*) — *mapa*; *Cappadocia*, *Capadocia*.

SS

Reduziu-se a *s* surdo e a *j* em esp., passando a

x em port. *grassu* — *graxo* — *graso*; **passaru*—*passaro* — *pájaro*.

Entretanto *passu* — *passo* — *paso*. *Cessare* — *cessar* — *cejar* por dissimilação.

TT

Apparece nos compostos de *ad* e outras palavras; simplifica-se em ambas, embora o part. esvrevea *tt*: *mittere* — *metter* — *meter*.

GRUPOS CONSONANTAES

BY

By e *be* = *by* em esp. manteve-se; em port. deu-se a attracção do *i* *rabia* — *raiva* — *rabia*; *rubeu* — *ruivo* — *rubio*. Todavia *labiu* não soffreu attracção por ser erudita (a pop. é *beicho*), *marrubiu* — *marroio* — *marroyo* suppõe um tratamento de *vi*; *habeam* — *haja* — *haya* suppõe já em latim fórmias com *i* consoante *hajam*. *Subjectu* — *sujeito* — *sujeto*.

BL

Inicial, apparece em poucas palavras, de diversas origens conservando-se em esp. e passando a *br* em port. *blandu* — *blando* — *brando*, *blank* (ger.) *blanco* — *branco* (1), *blaese* (ger). *blasón* — *brazão*: *blasmare* (syncope do grego *blasphemare* alatinizado) — *blasmar* (cfr. fr. *blamer*) — *bramar*; *blitu* — *bledo* — *brede*.

Interior, o grupo geralmente é secundario, tratado como *ll* e *lh*, por interferencia de leis proprias a

(1) Apezar da regularidade do tratamento, Meyer Lübke, na *Einführung* julga proveniente do germanico atravez do provençal.

cada lingua, apresenta resultados diversos: *fabulare* — *fallar* — *hablar*; *stabulu* — *estabulo* — *establo* (a falta da syncope mostra a origem erudita em port., embora se trate de uma palavra rustica); *tabulatu* — *taboado* (*tablado* deve ser um emprestimo) — *taolado*.

O leonez apresenta *br* como o port.: *brando*.

BR

Citemos *tenebrae* onde a metathese e a queda do *n* em port., a antithese do *r* e as transformações vocálicas em esp. deram resultados que desfiguram muito a palavra; *trevas* — *tinieblas*.

BT

Reduziu-se em ambas; a divergencia *subtil* — *sutil* é apenas *graphica*. Ha ainda *dubitare* — *duvidar* — *dudar* (*dubidar*, *dubdar*); *bibitu* — *bebado* (*bebedo*) — *beodo* (*bebdo*, *beudo*).

CY

Cy e *ce* = *cy* deram normalmente *z*, *c* em esp. ç em port.: *calcea* — *calza* — *calça*, *minacia* — *ame-naza* — *ameaça*, *facies* — *haz* — *face*.

Si *faço* remonta a *facio*, *faça* a *faciam*, *hago* e *haga* só se originam de fórmulas gutturaes; *praza* e *plazca* vêm de *placeal*, tendo havido em esp. influencia analogica dos inchoativos.

CL

Inicial, desenvolveu-se em *kly* em ambas diante de vogal tónica; depois deu-se a divergencia: em esp. *kly* soffreu assimilação em *lly*, *ll*; no port. do norte,

gal., asturo-leonez, passa a $\frac{r}{c}$ por intermedio de *ty* e no sul, desde os meados do sec. XVIII, continuou a desenvolver-se em D. Luiz Caetano de Lima o faz equivalente do *ch* inglez; João Franco Barretto, entretanto, attesta a pronuncia *s* (1671), que Madureira Feijó attribue á fala lisboeta.

Clamare — *llamar* — *chamar*; *clave* — *llave* — *chave*.

O *l* persiste ou torna-se *r* antes de vogal atona; *clavicula* — *cravelha* — *clavija* — (regular pela theoria de Meyer Lübke, mas semiculta segundo Pidal, o que não parece á vista do *j*). *Claru* — *claro* — *claro* conservou *l* em port. por necessidade dissimilatoria, ou em fórma erudita.

Interior, secundario, a oclusão do *c* se afrouxa numa fricativa *y*, que em aragonez palataliza o *l* como em port.; em leonez o absorve e em castelhano antigo se fortalece em *j* absorvendo o *l*: *ovicla* — *ovelha* — *ovella* (arag.) — *oveja* (cast.).

Certas divergencias se explicam como vozes tardias ou semicultas; *seclu* — *seculo* — *siglo*; *periculu* — *perigo* — *periclo* (ant.); *miraclu* — *milagre* — *miraglo* (*Por el miraglo pasado*, no romance del rey D. Pelaio, *Junto al rio Guadalete*; cfr. o fr. *miracle*); *joclare* — *jogral* — *juglar*.

O port. *lentejoula* evidentemente é um emprestimo do esp.; *lenticla* — *lentilha* — *lenteja*, o que se prova não só pelo *j* em vez do *lh*, como pelo suffixo desse duplo diminutivo.

CT

A consoante velar se acerca da apical supradental, palatalizando-se e depois em vez de duas explosivas, a primeira se afrouxa em simples estreiteza fricativa *yt*, donde não passou o port. (e tambem o aragonez alto e antigo, o navarrez, a asturiano e o

leonez occidental); o castelhano teve ainda a palatalização do *t* com metatheses e ensurdecimento do *y* por vir após uma surda: *ch (tx): factu: feito — hecho*. Diante de *u* em port. *uit* passa a *ut: tructa — truta — trucha*.

Quando um *i* precedente absorve a palatal, o castelhano conserva o *t* sem palatalizar: *frictu — frito*.

Dictu — dicho já foi tratado nas vogaes.

Afaitar (Caza), *deleitar* são empréstimos francezes; *fruto* é um latiniismo (*frucho*, Avilez, Fuero juzgo, Berceo). *Pleito* é explicado por Ridal como uma syncope postonica muito antiga: *placitu, plagitu*).

Em port. aparece a resolução em *u*, tanto que o esp. *auto*, si não é um empréstimo, explica-se pelo constricção formada no ponto onde se produz o *c*, desaparecendo a oclusão e sendo preenchido pela resonancia do *a* o tempo que se gastava com a producção do *c*. Citemos ainda *carácter* (erudito, mas *carauter* pop., *karaité* em andaluz), *octubre* (arch. *otubre*).

Como anomalias em port. citemos *cacho, trecho, colcha*.

Hecticus tem em esp. tratamento de *c* final: *énteco; pecten — pente — peine*, cuja nasal admite uma explicação por assimilação; *tactear — tantear*.

DC

Secundario e raro; a dental explosiva se faz continua e a guttural surda sonoriza-se: *judcare — julgar — juzgar*.

DY

Inicial, nos derivados de *dies*: *diurnata, diur-*

nale — *jornada*, *jornal* (chiente em port., aspirada em esp.).

Interior, postonico, desde o latim vulgar confundiu-se com *y*: *radiu* — *raio* — *rayo*.

São dignas de menção palavras onde o *di* se faz *z*, *ç* (*badiu* — *bazo*, *bayo* — *baço*, *baio*).

Medio (ant. *meyo*, como ainda hoje em Huesca) qual explica por um cultismo; não seria uma vocalização do *y*? Segundo Victor Henry o *yod* apparece em sancrito, em grego e em latim. *Veo*, *vejo*, com o *y* suppresso por causa do *e*. *Adjutare* — *ajudar* — *ajudar* com tratamento de inicial em port. *Mesena* — *mesana* (ant. *mezana*. são italianismos. *Invidia* — *inveja*, com influencia de derivados accentuados na desinencia — *envidia* com vocalização do *y*. *Hodie* — *hoje* — *hoy* onde a queda do *e* final atono deu a differença do resultado.

Gozo, de *gaudium*, com a surda regular em esp., porque depois de *au* o tratamento é como depois de consoante, (o que se dá no port. *audio* = *ouço*), e uma sonora em port.

DW

Raro; reduz-se: *advenire* — *avenir* (advir é culto); com attracção: *vidua* — **viua*, *viuva* (cfr. *louvar*, *ouvir*) — *viuda*.

FL

Em ambas grande foi a influencia do accento.

Fl desenvolveu-se em *fly* diante de vogal tónica e por assimilação *lly* que deu *ll* em esp. e $\frac{v}{c}$ no port. do norte, gal., asturo — leonez, e $\frac{v}{s}$ no port. do sul: *flamma* — *llama* — *chamma*.

Todavia: *flacidu* — *lacio* (dissimilação do *ll=l*) — *flacido* (cruditas).

Flor preservou-se em ambas porque antes da palatalização soffreu metathese; *frol*.

GD

Nas poucas palavras que o têm, *smaragdus*, *amygdala*, o tratamento é igual; em *Magdalena* o port. escreve embora não pronuncie.

GY

Postonico, desde o latim vulgar confundiu-se com o *i* consoante, que deu *y* em esp. e *j* em port.

Meyer Lübke considera *pulegium* — *poejo* — *poleo* inexplicado; todavia o tratamento ao de *dy=y* (*video*, *vejo*, *veo*).

GL

Excluidos exemplos communs da queda do *g*, em derivados de *glis*, *glebea*, *glattire*, resta *glande* — *landre* (*llande*, Sanchez, ant. *lande*) — *glande* (erudito; o pop. é *bolota*); *glarea* — *leira* — *glera*, *lera* (Santander), *llera* (ast.).

GM

Em palavras eruditas *dogma*, *fragmentum*; em algumas populares o port. escreve mas não pronuncia, o que não faz o esp.: *augmentare* — *augmentar* — *aumentar*; *phlegma* — *phleugma* — *flema* (ant *flegma*).

Sagma — *enxalmos* — *enjatma*; em Isidoro, XX, 16: *sagma*, *quoe corrupte vulgo salma dicitur* (apud Diez).

Já em latim o grupo tendia á redução: *examen*, *iumentum* (Guardia, pags. 42 e 43).

GN

Divergencia apenas graphica, ñ e nh (*pugnu, puño, punho*); em palavras eruditas conserva-se; entretanto Cervantes na *Galatea* mostra *dina* rimando com *encamina* (edição Domenech, pag. 31) e Camões *benino* com *destino*). *Conocer*, como o it. *conoscere*, repousa no lat. vulgar *conoscere* influenciado por *noscere* (queda do *g* inicial nas palavras simples, cfr. *gnatus*), e o port. *conhecer* presuppõe a fórmula classica. *Enseñar* regularmente de *insignare, ensinar* com uma despalatalização ou talvez uma assimilação *nn* do grupo. *Tangere* — *tañer* — *tanger*, que parece cultismo.

GR

Postonico, persiste; protonico perde o *g*. Os resultados de *integrū* foram difficultados por confusões suffixaes; os de *pigritia* — *pereza* — *preguiça* por uma metathese em port.

LB

Em port., por assimilação parcial a explosiva passa a continua, o que aliás também se dá em rhetico: *albus* — *alvo* — *albo*.

LC

O *l* em port. tem valor guttural, o que se nota desde o sec. XIV: *calce, couce, coz; falce* — *foice* — *hoz*; mas *calzar, calçar*: todavia *dulce* — *doce* — *dulce*; *sulcu* — *sulco* (pop. *surco*) — *surco* (ant. *duce*, mod. vulgar *duz*).

LY

Em port. deu *l* molhado; em esp. desaparece o *l* (o que aliás se dá também no port. pop. do Brasil, cfr. *fió, foia* e no astur. *fia*) e gera-se a aspirada *j*. Os dois canaes linguaes se reduzem a um só; em port. e em arag. prevalece prepalatal do *y* e lateral do *l*, resultando a prepalatal lateral *ll, lh* (mullé, mulher); em cast. prevalece o palatal e central do *y*, contribuindo o *l* só para estreitar o canal até produzir o *j* antigo (chiante); em leonez cai o *l*.

A passagem do *li* a *y* Meyer Lübke fixa no sec. XI; em que epocha se introduziu a aspirada é um problema a resolver.

A concordancia *mirabilia* — *maravilha* — *maravilla*; *battualia* — *batalha* — *batalla* surprehende; todavia *maravija, bataja* apparecem no Alexandre no Fuero Juzgo; *batalla* é um empréstimo francez, segundo Meyer Lübke.

Em esp. apparece ás vezes o reforço em *g*: *salliam* — *saia* — *salga*; *valeam* — *valha* — *valga* (como o it. *valga*).

LR

Secundario: **valerábet* — *valerá* — *valdrá* com o *d* eustomico.

LS

L guttural em ambas, com resultados aparentemente diversos: *insulsu* — *ensosso* — *soso*. *Pulsiare* — *puxar* — *pujar*, com um tratamento de *sli* = *ssy*.

Depois de *u*, a vogal desvia a articulação do *l*, dando *lt* = *yt* que é tratado como o proveniente de *ct*: *multu* — *muito* — *mucho*, *ascultare* — *escutar*

(escuitar) — *escuchar*. Todavia *vulture* — *abutre* — *abuitre*, onde a palatalização foi impedida pelo grupo *ltr*; *muy* = *mui*, com a palatalização impedida pelo *t* final (*muyt*, como *sant*, *cient*).

MB

Persiste em port. e em esp. a explosiva se assimila e depois simplifica-se a dobrada: *lumbu* — *lombo* — *lomo*; *palumbu* — *pombo* — *palomo*.

Plumbu — *plomo* — *chumbo* (regular no *pl*, e no *mb*, ao lado de *prumo*, irregular em ambos).

Ambos em esp. mod. é forma refeita; ant. *amos*; *amidos*, também *ambidos*, aliás de *invitus*, nos poemas antigos;; *también* (*tamién bogotáense*) e *tamém* port. pop. do Brasil). *Cambiar* (ant. *camiar*); *gámbaro*, de *gambru*, ao lado de *camarón* — *camarão* — de *cammaru*.

Meyer Lübke considera as palavras esp. *dombo*, *flambante*, *tombar*, *zambo* como empréstimos.

MN

Soffre assimilação para *nn*, que dá *n* em port., embora artificialmente se escreva *mn*, e em esp. *ñ*: *damnu* — *damno* — *daño*.

Todavia *columna* — *columna* — *coluna* (como em port., ao lado do erudito *columna*).

Secundario, apresenta em esp. a mudança do *n* em *r* com intercalação de um *b* eustomico: *homine* — *hombbre*; *lumine* — *lumbre*, *nomine nombre* (ant. *lumne*, *nomne*); *vimine*, *mimbre*, *hambre*, que aponta uma forma *famine* diferente da classica *fames*. O port. com a queda do *n* medio, apresenta *lume*, *nome*, *homem*, *vime*, *fome*.

MR

Secundario; intercala o *b* eustomico em ambas as linguas

Cammarus e *gammarus* mostram na fórma com a inicial sonorizada uma redução da dobrada e uma syncope que provocou o tratamento normal e depois desenvolveu uma epenthese que restabeleceu a vogal syncopada talvez por analogia: *gámbaro*; *camarón* manteve a protonica. *Memorare* — *lembrar* (ant. *membrar*) — *membrar* (ant.); * *comerábet* — *comerá* — *combrá* (no poema do Cid). *Numeru* — *numero* — *número* (fórmulas eruditas, o que o pop. *numbro* e o fr. *nombre* confirmam).

E' um desenvolvimento espontaneo em cada lingua. No grego antigo já se manifestava e, por uma singular coincidência, vamos citar um exemplo não analogo mas identico. Gustavo Meyer, em sua *Griechische Grammatik*, ao tratar do desenvolvimento de consoantes auxiliares entre consoantes agrupadas, depois de se occupar com o grupo $\mu\rho$ no § 286, diz: "Analog is bei dem Uebergang vom labialen Nasal zu ρ und λ der labialen Reihe entsanden". O exemplo referido é $\gamma\alpha\mu\beta\rho\acute{o}\varsigma$ de $\gamma\alpha\mu\rho\acute{o}\varsigma$.

O illustre Sayce attribue o phenomeno á influencia da emphase.

NG

O tratamento normal é o molhamento do *n* pela influencia do *g* brando diante de *e* e de *i*, como prova a fórma *ringere* — *renhido* — *reñir*; *tangere* — *tañer*; *cingere*, *ceñir*; *plangere* — *plañir*; as fórmulas portuguezas *tanger*, *cingir*, *plangente* são eruditas, *Junger* — *jungir* — *uñir* (ant.) e *uncir* (que além da difficuldade do tratamento da inicial, apresenta o do *g*; *turbado por las analogías*, segundo Pidal).

Gengiva — *gengiva* — *encia* denota uma dissimilação muito antiga *genkiva*, o que o fr. *gencive* confirma.

Singellu — *singelo* — *sencillo*, que para Meyer Lübke foi influenciado por *sincerus*.

Pidal explica a palatalização como tratamento postónico, sendo *ng=ny* quando prótonico (*enzia*, *gengiva*, em orthographia antiga).

NY

Ny e *ne=ny* tratamento igual, a palatalização, escripta de modo diverso (*nh* e *ñ*), *Extranjero*, *estrangeiro*; *granja*, *granja* são empréstimos francezes, segundo Meyer Lübke, e diffíceis de explicar no proprio francez. (Gr. des lang. rom., I, pag. 462); *domeñar*, *dominar* explica-se; o primeiro vem de *dominium*, o segundo de *dominare*.

NL

Inula — *enula* — *ala* (it. *ella*). Este caso esporadico está erichado de difficuldades de natureza glotologica e até botanica.

A fórma port. não apresenta a syncope regular; a italiana apresenta e além disso trata regularmente o *i* breve e assimila o grupo; a esp. alterou a inicial, syncopou a medial, assimilou o grupo e depois reduziu; a franceza alterou a inicial, syncopou a medial, fez metathese no grupo, pois não se póde admittir que *aunée* ou *aulnée* venha de *alnus*, *i*, o amieiro; como explicar a confusão de um genero de compostas inulaceas com um de castanhaceas-betulaceas?

NR

E' um grupo romanico; o tratamento nas duas

linguas é normalmente a intercalação de um *d* eustónico ou a metathese, sendo eruditas as fórmulas que conservam o grupo.

Os textos archaicos apresentam o *d*: *ondrar*, em fórmulas que hoje o não têm.

Tendré, vendré, pondré (*tenrábeo*, etc.); em port. cahiu o *n medio*.

Tenru (*teneru*) — *terno* — *tierno*; *tenro* é um cultismo, pois a fórmula esp. indica metathese anterior ou contemporanea da diphthongação.

Acendrado, si não é um castelhanismo, vem de um *cedra*, perdido hoje, mas mantido no esp. *Engendrar* (*ingenqrare*) é um castelhanismo porque o *n medio* devia cahir (cfr. *gerar*, de *generare*, que não possui representante no esp. actual).

A epenthese é um phenomeno natural. Basta vêr o fr. *cedre, gendre, tendre*. Zwischen *νρ* hat sich *δ* entwickelt in *ἀνδρός* u. s. w. aus *ἀνρός* Meyer, loc. cit. Podiamos citar ainda Brugmann, Chassang, Victor Henry, Riemann e Goelzer e *tutti quanti*.

Sayce attribue o phenomeno á influencia da emphase.

NS

Como divergencia citemos *insula*, onde depois do tratamento do grupo (*ns=s*) e deopis da syncope tambem regular, o esp. deu *isla* (fr. *ile*) e o port. molhou o *l*: *ilha*, destruindo o grupo contrario á sua indole.

PD

Secundario e raro: *Cupiditia* que deu resultados diferentes; o *p* soffreu o tratamento normal antes da syncope do *i* protonico; depois, cada lingua preferiu uma das letras: o port. *cubiça*, o esp. *codicia* (ant.

cobdicia como ainda se póde vêr no romance do Cid-Muy grandes huestes de moros, com o verso Comumente, sin *cobdicia* (Sepulveda).

PY

Em port. attracção; em esp. conservação: *Apiu* — *aiipo* — *apio*; *sapia* — *seiva* — *savia*; *sepia* — *siba* — *jibia*. Nos ultimos exemplos o tratamento do *p*, que passa a *b*, o qual *b* ainda passa a *v*, não altera nossa affirmação: o essencial é o destino do *y*. Em *sepia* a inflexão do *e* causada pelo *i* em hiato, turvou com a contracção a limpidez do phenomeno em *siba* (cfr. *frito*, *ict* = *iyt* = *it*, em esp.).

Encontramos em esp. a attracção nos verbos: *sapiam* — *sepa* — *saiba*; *capio* — *quepo* — *caibo*.

Do tratamento protonico raream exemplos; todavia, um desses poucos mostram que em ambas não ha divergencias: *reprochar* (cfr. o fr. *reprocher*), que sôa differentemente.

PL

Desenvolve-se em *ply* diante de vogal tonica e com assimilação *lly*, que dá *l* molhado em esp. e *ch* em port.: *plenu* — *lleno* — *cheio*; *planu* — *llano* — *chão* (*lhano* é um castelhanismo).

Em atona, persiste o esp. e torna-se *pr* em port.: *placere* — *placer* — *prazer*; *plicare* — *plegar* — *pregar*.

Todavia, o phenomeno nem sempre se passa com esta regularidade; ha os mais contradictorios exemplos: *plantare* — *plantar* — *plantar* (o pop. *prantar* é regular); *plumbu* — *plomo* — *chumbo* (*prumo*, onde o *mb*=*m* e a falta de *ch* mostram o estrangeirismo); *platea* — *plaza* — *praça*; *planctu* — *llanto* (regular) — *pranto*; *platu* — *plato* (subst. e regular),

chato (adj., com tratamento regular no leonez (Diez) — *prato* (subst. e irregular) que tambem apparece no leonez (Pidal), *chato* (adj. e regular); *pluma* — *pluma* (erudita, cfr. *chumaço*); * *ploppu* (populus) — *chopo* (emprestimo leonez?) — *choupo*.

Plicare deu outra divergente *llegar* — *chegar*, irregular. Pidal chama patrimoniaes do idioma os que seguem o tratamento regular; explica as excepções como productos de época posterior ou de influencia culta.

Interior, *ll* e *lh*: *scoplu* — *escollo* — *escolho*; *maniplus* foi supplantado por *manuclu* (cfr. *vetlus*, *veclus*), *que deu manojo* e *mólho* (*cl=lh*, regular, syncope do *n* como em *conego*); *bl* e *br*: *duplu* — *doblo*, *doble* — *dobro* (*doble* no jogo do dominó é um emprestimo).

PR

Assignalemos *propriu* — *propio* (dissimilação) — *proprio* (cultismo; o povo diz *propio*, *propiedade*, *propietario*).

PS

Inicial, o port. escreve embora nem sempre pronuncie; o esp. só escreve quando pronuncia: *psalmu* — *psalmo* (cultismo) — *salmo* (segundo Fleetwood, *apud* Edon, SALMOS já num hexametro popular de 373 A. D.); *psychologia*, *psicologia* (cultismos).

Interior, assimila-se em ambas, apparecendo em palavras eruditas: *gypsu* — *gesso* — *yeso*; *ellipsis* — *ellipse* — *elipsis*. *Capsa* — *caixa* — *caja*, para Meyer Lübke é um emprestimo francez. Examinemos a questão fóra das fronteiras ibericas: o fr. *caisse* pela impalatalização do *c* parece emprestimo do prov. *caissa* que apresenta a assimilação regular, assim como o it

cassa; estas fórmulas todas (excepto a franceza) não virão de um latim vulgar *cassa*? De mais, existe no fr. a fórmula regular *châsse*.

PT

As poucas palavras que o possuem inicial, simplificaram-no total ou parcialmente (*pharmica*, *ptisana*); em *Ptolomæus ambos* escrevem mas o port. não pronuncia.

Interior, apparece em palavras eruditas (*eruptio-
ne*, *erupção*, *erupción*), mas, ou se simplifica, ou se resolve em *i*, *u*; *captivu* — *captivo* (pron. *cativo*) — *cautivo* (*cautivo* é erudito); *baptizare* — *baptizar* — *bautizar*; *scripta* — *escripto* — *escrito*; *receptare* — *receitar* — *recetar* (ant. *receutar*).

QW

Diante de *a* o esp. escreve *cu* quando pronuncia o *u*; quando não pronuncia, escreve *c*; o port. só concorda com o tratamento e a graphia do esp. em *caderno*, *cartola*, *escama*, *nunca*, etc.

Desapparece o *u* e o tratamento é de *c* em *aqui-
foliu* — *acevo* — *azevinho*; *torquere* — *torcer* — *tor-
cer*; *coquere* — *cocer* — *cozer*; *laqueu* — *lazo* — *laço*.

Casos raros de attracção: *auga* no gal. e port. do norte e *euga* no mirandez.

RB

Conserva-se em esp. e em port. dá *rv* como em rhetico: *arbitriu* — *albedrio* — *alvedrio*; *arbore* — *árbol* — *arvore*; *carbone* — *carbón* — *carvão*; *herba* — *hierba* — *herva*; *sorbere* — *sorber* — *sorver*; *exturbare* — *estorbar* — *estorvar*. *Barba* em port. denota tendencia assimiladora.

RG

Citemos *argilla* — *argilla* — *arcilla* (*argilla* ant. com $z = ds$ até o sec. XVII); Diez, I, pg. 249, manda confrontar o vallão *arzéie* com o fr. *argile*.

Erigere dando *ercer* e *erguir*, em esp., *erguer* em port.; vestígio do valor guttural do *g* ou influencia das fórmulas *erigo*, *erigam*.

RY

Ry e r = ry nas terminações *arius*, *erius*, *orius*, *urius* apresentam evolução commum até dar-se a atracção; dahi variou: *primariu* — *primeiro* — *primeiro*; *glarea* — *leira* — *glera*.

O port. ant. apresenta fórmula *vigairo*, *notario*, ainda vivas na linguagem popular; Gonçalves Viana attesta a pronuncia *primaíro* em desaccordo com a graphia; o esp. ant. devia ter tido um diphthongo *ai* que a comparação port. e fórmulas como *donaire* permitem suppôr.

Féria-feira (*ferias* tem cunho erudito) — *feria* (emprestimo, segundo MEYER LUBKE; o regular seria *heria*).

O port. pop. do Brasil já alcançou o esp: *primeiro*.

Corium — *couro* (ant. *coyro*) — *cuero* (ant. *cueiro*, leonez *coiro*).

RS

A regra é a assimilação que já vem do latim vulgar; todavia: *ursu* — *urso* — *oso*; *persona* — *pessoa* *persona* (MEYER LUBKE colloca entre parentheses, talvez por julgar erudita; Pidal attesta o mirandez *persona*); *balsa* em ambas é um emprestimo francez na opinião de MEYER LUBKE; *cursu* — *curso* — *curso*

(erudita, pop. *coso*). G. VIANA attesta port. ant. *usso*.

RV

Citemos *ervu* — *ervilha* — *yero* (cfr. it. *lero*).

SC

Inicial, é de regra uma prothese antiga já em latim. ISIDORO DE SEVILHA (sec VII), apud Lindsay, deriva *escarus* de *esca* (*escarus dicitur eo, quod escam solus ruminare perhibetur*. — Orig. XII, 6, 30); dá um aviso aos seus leitores contra a má pronuncia *yscena*.

O port. ora faz prothese, ora não; ora sóa o *s*, ora não. Citemos *scena* — *scena* — *escena*; *scepticu* — *sceptico* — *esceptico*; *sceptro* — *sceptro* — *etro*; *scientia* — *sciencia* — *ciencia*; *scissione* — *scissão* (aliás *scisão*) — *escisión*; *Scylla* — *Scylla* — *Escila*; *Scythia* — *Scythia* — *Escitia*; *schistu* — *schisto* (que RAMIZ GALVÃO escreve *eschisto* dando ao *χ* valor guttural e não chiante) — *esquistu*; o esp. só pronuncia o *s* no caso de prothese.

Interior, não palatalizado, o grupo se conserva, assumindo o *s* a pronuncia $\frac{v}{s}$ em port.; palatalizado, passa a *ts*, como em veneziano, em esp., representada hoje por *z* ou *c*, fricativas dentaes surdas, e em port.: resolve-se em *ix*: *fasce* — *haz* — *feixe*; *pisce* — *pez* — *peixe*.

Antes do accento o port. apresenta tratamento analogo ao do esp.: *miscere* — *mexer* — *mecer*. *Cresce*, *nasce*, *conhece* parecem influenciados pelas formas de desinencia accentuada.

Lusciniola, tão irregular em todo o dominio românico, deu *rouxinol* e *ruiseñor*.

SY

Sy e *se* = *sy* tornam-se *s* palatal surdo ou sonoro, conforme o *s* intervocalico fôr sonoro ou surdo; em port. $\frac{v}{s} \frac{v}{z}$, em esp. *is* que continua seu desenvolvimento: *basiu* — *beijo* (beijo tambem) — *beso*; *caseu* — *queijo* — *queso*. *Camisia* dando *camisa* e *camisa* é irregular.

SM

Citemos a divergencia *Esmirna* — *Smyrna*, com o *s* sonoro em esp. e $\frac{v}{s}$ em port.

ST

Em port. *s* = $\frac{v}{s}$ em caso de conservação; *questare*, *queixar*, *quejar*; *ostium* — *ucha* — *uzo* (ant.), *ujier* (fr. *huissier*).

D. Eugenio de Ochoa attribue a *uzo* esta etymologia e cita *Basti* = *Baza*; *Astigi* = *E'cija*; *Caesaraugusta* *Zaragoza*; *Stuñiga* = *Zuñiga*.

Final, temos *est* — *é* — *es* (atono, ao lado do mirandez *yes accentuado*).

TY

Ty e *te* = *ty*, postonicos, dão *z* em esp., *ç*, *c* brando em port.: *platea* — *plaza* — *praça*; *martiu* — *marzo* — *março*. No sufixo *itia* em port. *eza* e não *eça*: *duritia* — *dureza* (nem sempre, aliás: *pigritia* — *preguiça*).

Protonico, *tsi* já em latim, depois *dsi*, *zi z'*: *ratione* — *razón* — *razão*.

TL

A dificuldade da articulação deste grupo foi evitada produzindo a explosiva com o dorso da lingua em vez de o fazer com a ponta, afim de deixar esta livre para pronunciar a continua. Dahi resulta *tl = cl*; já em latim se censurava *veclus* por *vetlus*.

Assim * *veclu* * (*vetlu*) — *velho* — *viejo*; * *caclu* * (*catlu*) — *cachorro* — *cachorro* (com o suffixo basco).

TR

Passou a *dr. Patre* — *padre* — *padre*; *matre* — *madre* — *madre*; *frater* — *frade* — *cofrade* (com dissimilação).

Padre em portuguez tomou a accepção religiosa; o fr. *père* é analogo ao prov. *paire*; o portuguez *pai* talvez venha de * *paire* (cf. *freire*, *frei*). *Madre* tomou tambem accepção religiosa, além da anatomica que tem; prov. *maine*, fr. *mère*, port. ant. *mare* (*Viterbo*), *mã*i, (com a nasal de contaminação).

Frade, *freire*, *frei*, prov. *fraire*, fr. *frère*, esp. *fraile* (com dissimilação). *Bréal* no "Essai de Séman-tique", chama a attenção para um desenvolvimento analogo, curioso por ser independente, no grego ἀδελφός, φράτωρ.

Lindsay diz que o desenvolvimento romanico dessas palavras suggere a existencia de um trisyllabo, admittindo um *chvá*, *uma vogal svarabhaktica*: *pa-t:rem*, etc.

Fenestra — *fresta* — *hiniestra* teve em port. uma metathese depois da queza do *n* a qual produziu a divergencia.

TW

Ha poucos exemplos e pouco claros; *bater* e *batir* remontam a * *battere*, *battuere*, *batuere* e *badalo*, *badajo* a * *bataclu* de * *batuaculum*.

Pituíta — *pepita* — *pevide* assignala assimilação do *p* inicial; o port. *pepita* é um empréstimo esp. Pidal admite *pítpita* ou *pippíta* como forma intermediária.

Vy e *ve* = *vy* protonicos são raros: *liviaru* — *ligeru* (1) — *ligeiro*; * *gaveariu* — *gaviero* — *gageiro*. Postonicas, temos *pluvia* — *lluvia* — *chuva*, de que já tratámos; *cavea* — *gabia* — *gavea* só poderia dar em port. *gaiva* (o diminutivo *gayola* — *gaiola* apresenta outro tratamento); *fovea* — *hoya* — *fojo*, com o caso raro de queda do *v* (cfr. *habeat* — *haya* — *haja*).

X

X, que representa o grupo *cs*, raramente *gs*. passa pelos graus *c's*, *ys*, *ys'* dando palatal surda em port. e no esp. ant., convertida no *j* moderno; final, a palavra *ys* se afrouxa em vogal e não palataliza o *s*: *taxu* — *teixo* — *tejo*; *dixi* — *disse* — *dije*; *sex* — *seis* — *seis*.

Texere — *tejer* — *tecer*; *toxicu* — *tosigo* — (*tóxico* não é pop., cfr. o *c*); *taxare* — *tasar* — *taxar* desviam-se da norma.

Em palavras eruditas de ambas as linguas conserva o valor de duplice *e*, em port., intervocalico vale *z*.

GRUPOS DE TRES CONSOANTES

Os latinos são: iniciais — *scr*, *spl*, *spr*, *stl* (archaico), *str*; interiores — *mbr*, *mpl*, *mps*, *mpt*, *ncl*, *nx* (*ncs*), *nct*, *ngl*, *nst*, *ntr*, *str*, *xt* (*cost*); finais *lx* (*lcs*), *mps. rx* (*rcs*).

(1) Gallicismo, segundo Pidal.

O tratamento geral desses grupos é a conservação da primeira letra e da terceira, conservando-se as tres quando a primeira é nasal, liquida ou *s* e a terceira *r* ou *l*.

Além destes grupos ha outros secundarios, românicos; trataremos de uns e de outros, dentro de nosso ponto de vista, assignalando as divergencias: *bgl* * *subgluttium* — *sollozo* — *solução* (as fórmãs *it* e *fr.*, *singhiozzo*, *sanglot* pôdem vir do classico *singultus*, assim mesmo com metathese por influencia de *gluttus*); *chly* — *cochleare* — *culher* (com o desenvolvimento de *ly*) — *cuchara* (com a prepalatal surda); *ffl* — *sufflare* — *sollar*; port. *soprar*, esp. *soplar*, assim como o veneziano *sopiar*, não se pôdem separar de *sufflare*, mas admittindo-se uma fórmula pop. *suplare*; *afflare* — *achar* — *hallar* e *ajar*, que Meyer Lübke julga dialectal (*aflar* no foral de Evora, do sec. XII); *lly* dá *ll*, *lh*—*malleu*—*mallo* — *malho*; *mny* — *somniu* *sueño* — *sonho* (*mn* = *nn* = *n̄*), *calumnia* — *caluña* — *coima* (*mny* = *mmy* = *my* = *im* por attracção); *mpl* — *amplu* — *ancho* — *amplo* (erudita); *implere* — *henchir* — *encher*, *cumplere* — *cumplir* — *cumprir*, difficil de explicar, como diz Meyer Lübke; *ncl* — “*mancla* (do contrario *macla* teria dado *maja* que com a nasal seria *manja*) — *mancha* — *mancha*; * *conchla* — *concha* — *concha* (o latim *concha* não podia ter dado o castelhano *concha* porque falta a diphthongação; tanto assim que existe o regular *cuenca*); *ndy* — *verecundia*, de que já nos occupámos; *ndn* — * *lendine* (de *lens*, *lendis*) — *lendre* — *lendea*; *nfl* — *inflare* — *hinchar* (que Pidal considera emprestimo port. e manda comparar *hallar*, *achar*) — *inchar*; *ngy* — *spongia* — *esponja* — *esponja*; *ngn* * *ingne*) — *ingle* — *ingua* (de *inguina*); & *sangne* — *sangre* — *sangue*, com queda do *n* como em *lumine* (entretanto *sangrento*, *sangrar*, *sangria*); *nsl* — *insla*, de que já tratámos; *ntc* — * *pantce* — *panza*, que na prosodia

antiga tinha *c=ts*, *pancho*, (mantendo irregularmente a medial)—*pança*; *nty* — *lindeolu* — *lenzuelo*—*lençol*, * *comintiare* — *comenzar* — *começar*, onde na opinião de Meyer Lübke, o *n* não cahiu, mas houve confusão com *empeçar*; *pty* — * *captiare* — *cazar* — *caçar*; *rcl* — *sarclu* — *sacho*; *rtc* — * *cortce* — *corcho* (conseruando irregularmente as tres, com alteração da ultima) — *corcha*; *ssy* — *russeu* — *rojo* — *roxo*; * *bas-seare* — *bajar* — *baixar*; *passione* — *pasiôn* — *paixão*; *sty* — *ostium*, de que já tratámos, *try* — *vidro*, *vidrio*; Meyer Lübke faz virem de *vitreu* (cfr. *atrium*, *adro*) sem necessidade, pois a fórma *vitru* póde explicar as duas: o port. normalmente, o esp. pela analogia das finaes em *io* (*agravio*, *nervio*); *xn* — *fraxnu* — *fresno* — *freixo*, com a perda rara da primeira em esp., e queda do *n* em port. (cfr *taxu* — *teixo*), *xt* — *sextu*, *dextru* — *siesta*, *sexto* (erud.), *diestro* — *séssta* (emprestimo), *sexto*, *dextro*.

PALAVRAS PORTUGUEZAS DE CUNHO ESPANHOL

O estudo das leis phoneticas não tem character meramente especulativo; tem tambem seu lado pratico.

Assim é que nos permite passar com facilidade, sem auxilio de dictionario, de uma palavra de uma das linguas para a correspondente na outra, quer directamente, quer por intermedio do latim.

Por exemplo, esp. *hiel*. Quando o *h* inicial esp. não é claramente um *h* etymologico latino, como em *hábil*, *v. g.*, corresponde a um *f*; *ie* é diphtongação de *e* romanico; logo *hiel* = *fel*.

E' pena que isso nem sempre se possa verificar porque, conforme já dissemos, o jogo das leis phoneticas é ás vezes perturbado por causas diversas, mas ainda assim em muitos casos póde-se fazer applicação das leis.

Estudámos as diferenças phoneticas das duas linguas; as semelhanças são maiores.

Como diz o mestre João Ribeiro, os castelhanismos da lingua portugueza são de difficil determinação, porque em geral pouco profundas são as diferenças entre as duas linguas e grande numero de vocabulos foram immediatamente adoptados.

Que me conste, não ha um estudo especial das palavras portuguezas que representam empréstimos espanhóes ou espano-americanos, ou trazem o cunho espanhol.

Os empréstimos são geralmente productos oriundos da Espanha ou de suas colonias: peças de vestuario, dansas, jogos, productos industriaes, animaes, fructas, mineraes, etc.

Pelo facto acima apontado julgamos interessante, trazer a nossa pedrinha para o edificio do estudo do portuguez.

Pacheco e Lameira apresentam dezeseis paíavras todas as quaes consignamos; Alfredo Gomes dá cinco, duas das quaes devem ser retiradas; encontrámos ao todo cerca de 500 que depois de rigoroso exame ficaram reduzidas ás 234 seguintes.

Com certeza, de muitas nos esquecemos e de bom grado receberemos as contribuições dos doutos.

Acalentar — E' verdade que em esp. se diz *calentar* e *acalenturarse*, mas o port. genuino é *aquentar*; a mutação semantica lembra o lat. *fovere*.

Acendrado — (Aulete); o *d* mostra o cunho de esp. da palavra, pois o tratamento normal port. do grupo *nr* é a metathese; além desta, só *engendrar* apparece com a epenthese.

Aficionado — Nome dado aos *afeiçoados* ás touradas, como o de *dilettanti* aos amadores da opera.

Aguinaldo — Nome proprio que começou a apparecer em port. depois que o heróe philippino se celebrou.

Airado —)Aul.) De *aire*, não de *airar*; mulher de vida *airada*, isto é; no ar.

Airoso — (Aul.); de *aire*, no sentido figurado de graça.

Alicante — Afamado vinho da cidade de Alicante (catachrese como em *champagne*, *bordeaux*, etc.).

Alicantina — Astucia propria dos naturaes de Alicante (Aul.).

Alpaca — Do quichua, pelo esp. (Pidal).

Amontilhado — Vinho xerez de côr pallida.

Ancho — (Aul.); inchado de soberba; em port. o equivalente do esp. *ancho* é *largo*; *largo* em esp. significa *longo*. Foi um empréstimo com especialização de sentido.

Animalejo — O suffixo diminutivo *ejo* é puramente esp. (Diez, II, 299).

Antanho — De *ante annum*; cfr. o fr. *antan* (Mais ou sont les neiges *d'antan*, na celebre ballada das Dames du temps jadis de Villon. *Annus* deu *anno* em port. e *año* em esp.; não se encontra *antano*, mas apparece *ogano* (Viterbo), aliás ao lado de *oganho*.

Apaniguar — (Gonçalves Viana). Este suffixo *iguar*, de *ificare*, foi productivo em esp.; em port. além destas palavras ha mais duas que citaremos no devido logar. V. Diez, Gram. I, 367, Dic., II, b: s. v. *santiguar*.

Apaziguar — V. apaniguar.

Aperrear — Entregar aos cães (*perro*).

Apetrechos — De *pertechos* com prothese; o *ch* mostra a origem pelo tratamento do ct. (João Ribeiro). (Aul., Silva Bastos, Cortesão).

Arreglo — Termo da vida theatral, desnecessario porque tem o correspondente portuguez *arranjo*, tambem usado. E' uma fantasia sobre trechos de uma opeleta, zarzuela, etc., ou uma adaptaçãu.

Avenida — Caminho pelo qual as pessoas *vêm* a um logar; é o participio passado do verbo *avenir*, que

significa concordar (cfr. port. *avir*) e que outrora significava *acontecer* (cfr. fr. *avenir*). Em todo caso, o port. genuino seria *avinda* e nunca *avenida*. Aulete faz derivar de *venire*.

Averiguar — V. apaniguar.

Azulejo — V. animalejo. V. Engelmann, pag 72.

Bandarilheiro — Adaptação de *banderillero* (termo de tourada); é o toureador que finca no touro as *banderillas*, dardos enfeitados de papel de côr ou de fitas, a que na tourada portugueza chamam *farpa*.

Bandoleira — Tira de couro usada á guisa de beldrié; o fr. *bandoulière* tem a mesma origem. (Aul.).

Barranca — Por causa do suffixo provençal (catalão). (Diez, II, 348).

Basto — (Aul.) O az de *paus* no jogo do voltarete.

Baunilha — (Aul.) De *vainilla*, diminutivo de *vaina*, do lat. *vagina*; a vagem da baunilheira é alongada em fórma de *bainha*. Os espanhóes a encontraram no Mexico como condimento do chocolate. O fr *vanille* tem a mesma origem (Brachet, Brunot, Darmsteter).

Bizarro — Do basco (Diez II, 341).

Bolero — Dansa espanhola viva, menos lenta do que o fandango; peça de vestuario de origem espanhola: um jaleco pequeno que se usa sobre o corpete; chapéo espanhol de mulher, redondo e guarnecido de pompons. (J. Ribeiro, A. Gomes, Pacheco e Lameira).

Botija — *Buticula*, diminutivo de *butis* ou *buttis*, do grego βούτις (Lindsay, pag. 116), deu em românico: it. *bottiglia*, fr. *bouteille*, esp. *botija*, port. *botelha*. O *j* é a transformação esp. do *cl* (cfr. *ovicla*, *oveja*). V. tambem Diez, II, pag. 299.

Buenadicha — Literalmente *boa dita*, isto é, boa sorte; nome aplicado á chiromancia das ciganas espanholas.

Cabotagem — (J. Ribeiro, Pacheco e Lameira). Navegação costeira; de *cabo* a *cabo*. Larousse fez vir o fr. *cabotagem*, de *caboter* e este do esp. *cabo*.

Aulete faz vir de *caput* para justificar o *t* que não passa, aliás, de uma letra eustomica franceza (*cfr. er-goter, cocotier, numérotier*).

Cabrestante — Muitas machinas tiram seu nome de animaes cuja fórma ou movimento imitam; *cabra estante*, isto é, *cabra em pé*, deu, segundo Brachet, o fr. *cabestan*, o que nos leva a crer que a invenção tenha sido espanhola.

Cacau — Mexicano, segundo Pidal; caraíba, segundo Larousse.

Cachorro — De *catulus* + *orro* (suffixo basco); V. Diez, I, 196 e II, 341 E' de notar que o diminutivo esp. passou a positivo, concorrendo aliás com *per-rillo*.

Cachucha (Pacheco e Lameira e Aulete) — Dança espanhola originalissima, com caracter nacional muito pronunciado, graciosa e voluptuosa. A dansarina, com castanholas na mão, começa moderadamente, vai accelerando aos poucos o movimento e acaba num turbilhão frenetico. A aria em 3|8 sobre a qual se executa a dança é popular no Brazil, *Maria Cachucha*, colligida pelos folkloristas.

O antigo lundú brasileiro — O t'estamento — de J. J. Alves, tem os seguintes versos:

Trinta moças, bonitas e gorduchas,
Irão dansando bellas valsas e cachuchas.

Cacique — caraiba, segundo J. Ribeiro e Pidal.

Calentura — (Aulete) Acesso de febre com delirio, que acommette os maritimos, nas regiões intertropicaes (quentura).

Camarilha — (Pacheco e Lameira) Nome dado na Espanha ao conselho intimo do rei, ao conjuncto de cortezãos que frequentavam as *ante-camaras* reaes. Si o suffixo não mostrasse a origem, ahi está o fr. *ca-*

marilla (Brachet Darmsteter) que não vem de *chambre*.

Candelaria — Festa das candeias; o lat. *candela*, que se manteve intacto em esp. perdeu o *l* intervocalico e deu em port. *candieiro*.

Canhon — Termo de geologia; gargantas estreitas, produzidas pela acção erosiva das aguas. E' celebre o grande canhon do Colorado, nos Estados Unidos. Costuma-se graphar *cañon* ou *canhão*; propomos *canhon* por causa do sentido já existente para *canhão*.

Canoa — Caraíba, segundo Pidal e Sayce; o fr. *canot* tem a mesma origem e teve o mesmo vehiculo. Já apparece no Diccionario de Nebrija (1493).

Caramba — Interjeição genuinamente espanhola (Aulete).

Carambola — (Silva Bastos). O fr. *carambole* tem a mesma origem (Larousse) Castro Lafayette diz que é o nome de um fructo da India chamado pelos canarins *carabeli*. Do malaio *carambil*, segundo o Dic. da Academia.

Caramelo — Silva Bastos faz vir do arabe *calamelos*; sendo arabe, tanto podia passar ao esp. como ao port.; mas parece que se trata de um producto espanhol; Brachet e Larousse fazem *caramel* vir do esp. A Academia dá como etymologia *caña e mel*.

Caranguejo — Antigo *cangrejo* (com metathese *cranguejo*, com vogal anaptytica *caranguejo*). V. *animalejo*.

Carmen — Nome proprio muito espanhol, que nos evoca a heroina da novella de Merimée e da opera de Bizet.

Carrilho — De *carrillo*, *bochecha*. Tanto é de origem estrangeira que o povo, desconhecendo o sentido, transforma a locação *comer a dos carrillos* em *comer a dous carrinhos*.

Castanheta — (Pacheco e Lameira). O fr. *cas-*

tagnette tem a mesma origem (Brachet). V. *castanhola*.

Castanhola — De *castañuela*, diminutivo de *castaña*. O pandeiro e a castanhola são os dous instrumentos característicos da Espanha. São peças de madeira ou marfim, redondas, concavas, semelhando uma castanha aberta. Quando se quer evocar a patria do Cid, lança-se mão da castanhola, como fez *Chabrier* na orquestração de sua bellissima symphonia *Espagne*. Uma espanhola não póde dansar sinão ao som das castanholas.

Castelhano. A *fórma* port. seria *casteliano*, mas como os port. ouviam os naturaes darem o *lh*, adoptaram. Assim os sul americanos dizem *brasileiro* e não *brasileño*. Do mesmo modo os espanhoes dizem *portugués* em vez de *portugalés*. (Pidal). V. P. do Ciid. v. 2978.

Caúcho — De *caucho*, transcripção espanhola de uma palavra dos indios da Amazonia, que significa succo de arvore. A prova da origem é o *t* da transcripção franceza.

Caudilho — (Aulete) se o suffixo não indicasse a origem assim como o tratamento de *capitellum* (Diez I, 257, *pt=bd=ud*), o historico e a grammatica comparada mostrariam. *Caudilho* é o chefe do bando revolucionario na America espanhola (leia-se o que disse Ruy Barbosa quando lhe impugnaram a applicação desta palavra a Pinheiro Machado); Larousse consigna em francez *caudillo*.

Cedilha — De *cedilla* ou *zedilla*, diminutivo de *ceda* (do grego *dzeta*), nome da letra *z*. O francez *cé-dille* tem a mesma origem. A paleographia nos ensina que a cedilha é de origem espanhola; seu emprego data do seculo XIII, embora nem sempre se usasse e ás vezes até se servissem della pleonasticamente. Em Franca começou-se no seculo XVI a pôr um *s* eem cima do *c*

brando; mais tarde o s passou para baixo; d'ahi a ce-
dilha actual.

Centelha — *Scintilla* devia dar *centela* em port.
(cfr. fr. *étincelle*); é um empréstimo (Meyer Lübke,
I, pag. 487).

Chacara — Do quichua *chacra* (Pidal), quinta.

Chinchilha — Genero de mammiferos roedores,
de familia dos lagostomideos, o qual comprehende
duas especies: a *chinchilha lanigera*, do Perú e a *bre-
vicaudata*, da Bolivia. O nome vem da cidade de
Djindjala, na Espanha, que era celebre desde o se-
culo XIII por suas lãs, ás quaes se compararam as pel-
les cinzentas desses animaes, recém-trazidos da Ame-
rica.

Chocolate — Mexicano (chocolatl, cacau + agua,
segundo J. Ribeiro), conforme Pidal, Aulete, Brachet,
Larousse.

Churrasco — Termo do Rio Grande do Sul (Au-
lete). Não existe no esp., onde todavia apparece o pri-
mitivo *churre*, chorume, gordura que dessorra da carne.

Cigarra — V. bizarro.

Cigarro — (Pacheco e Lameira). De *cigarro*,
charuto. O fr. *cigare* tambem (V. Brachet).

Coca — Peruviano, segundo J. Ribeiro. De *ayma-
ra koka*, que significa a planta por excellencia. O fr.
coca tem a mesma origem.

Cochilha — Americano, segundo A. Gomes; no
Rio Grande do Sul, montanha. V. Granada, vocab. rio-
platense razõnado.

Colibri — Caraíba, segundo Pidal, João Ribeiro e
Larousse.

Colorau — (Aulete) especiaria de côr avermelha-
da, que é o pimentão secco e reduzido a pó.

Condor — De *condor*, pronunciado *condôr* em
certas partes da America, segundo Toro y Gomez. Do
quichua *kuntur* (Pidal, J. Ribeiro, Larousse).

Consuelo — Nome proprio, derivado do commum *consuelo*, *consolo*. Uma filha é, ás vezes, um consolo para os paes. Já diz o epico portuguez (Lusiadas, III, 131):

Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha...

Este nome é o fecho da mimosa poesia *Boa noite!* de Castro Alves:

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando,
— Boa noite! formosa Consuelo.

Nós deturpamos a palavra; em esp. este *u* é consoante e não vogal.

Copas — Um dos quatro naipes do baralho.

Cordelejo — V. *animalejo*.

Cucharra — Segundo Aulete, é o nome que se dá no Rio Grande do Sul a uma colher de chifre. Não existe em esp., onde aliás ha *cuchara*, que podia ter originado o termo.

Desaire — (Aulete); ha a fórmula port. *desar*.

Descalabro — O *descalabro* é quebrar a cabeça; o port. é *escalavrar*, ou melhor *escaveirar*, como quer G. Viana.

Deslumbrar — (Aulete). O esp. *deslumbrar* vem de *deslumbre*, hoje desusado, composto de *des* + *lumbre*, de *lumen*, *inis*. O tratamento do *mn* basta para identificar a palavra.

Despacho — Segundo Hoefler, de *despactum*.

Chaco — Circulo formado pelos indios para a caça de vicunha.

Doble — Aulete registra a fórmula como esp. e do jogo do dominó, mas dá o jogo como francez, ao passo

que Brachet o dá como esp. Em esp. ha *doble*, mas parece que a origem pôde ser franceza; tambem se diz *duble* (cfr. fr. *double*) e a pronuncia *dominó* é de um latim afrancezado. Seja como fôr, o *bl* (cfr. *dobro*) mostra que port. a fórma não é.

Dolores — Nome proprio muito usado na Espanha; simplificação de Maria de los Dolores (cfr. Conceição, Mercedes, Paz).

Donaire — (Aulete). Não é derivado de *aire*, mas de *donarium* (Acad.).

Don Juan — Personagem legendario da chronica de Sevilha, feito pela literatura o prototypo do seductor. Inspirou obras immortaes a Tirso de Molina, Molière, Mozart, Byron, Delacroix, Zorrilla.

Duende — (Aulete e Silva Bastos). Basta a diphthongação para identificar.

Dulce — Nome proprio de grande doçura, tirado do adjectivo *dulce*.

Dulcinéa — Por antonomasia: amante, namorada; criação de Cervantes. A dama dos pensamentos de D. Quixote chamava-se Dulcinéa de Toboso.

Duro — (*scilicet* peso). Moeda espanhola.

El-Dorado — Tenha a palavra o mestre J. Ribeiro: “Ao norte do Brasil é que se collocava o imaginario paiz do *El-Dorado*, ficção maravilhosa de um reino encantado cujo principe, unguido ao anoitecer de oleo, pela manhã ao levantar-se revolvía-se em pó de ouro resplandescente. *El-Dorado* tinha palacios de esmeraldas e saphiras e os seus dominios eram fechados por cordilheiras de crystal.” (H. do Br., pag. 55).

El-rei — Os emprestimos lexicaes raramente attingem outras categorias grammaticaes que não o substantivo. E’ verdade que ha casos de emprestimos de pronomes (*fulano*), preposições (*hata*), interjeições (*ojalá*), mas o artigo teria vindo de emprestimo e numa palavra só? Parece que o ouvido port já estava, antes da independencia, affeito a receber a expres-

são, que devia ser *commum* na bocca dos arautos, pagens, que annunciassem a presença dos reis de Leão. Depois, preferiu a expressão espanhola, talvez porque a port. lembrasse a primeira pessoa do preterito de um verbo pouco palaciano...

Empacho — Veja-se o *ch*.

Endecha — Queixa; combinação metrica de quatro versos de seis ou sete syllabas.

“En otros tiempos á las cenizas é defunciones de los muertos mietros elegiacos se cantaban, é aun agora en algunas partes dura, los cuales son llamados endechas.” (Na celebre carta do Marquez de Santilhana ao condestavel de Portugal). O tratamento do *ct* identifica. Aulete faz vir de *dictare*; a Academia de *indictus*.

Engendrar — V. *acendrado*; *ingenerare* não passou para o port., que preferiu o simples *gerar*.

Ensanchas — V. *ancho*; (Aulete, Silva Bastos).

Espadilha — Nome do az de espadas no jogo do homem, de origem espanhola, no voltarete e outros. (Aulete).

Estudantina (adaptado). Bando de estudantes que tocam musica pelas ruas. Que o termo é esp. prova a valsa de Lacomé, tão conhecida, cuja letra começa: *Di Salamanca veniamo*.

Fandango — (Pacheco e Lameira, Aulete, João Ribeiro). Lasciva dança popular espanhola, reminiscencia de dansas mouras, em compasso ternario num rhythmo arrebatador, geralmente acompanhada de guitarra e castanholas. Entre nós a palavra chegou a tomar o suffixo tupi *assú*, o que prova como se vitalizou.

Fiambre — (Aulete, Silva Bastos); segundo Meyer Lübke, I, pag. 518, vem de *frio* com o suffixo *ambre*, o que está de accôrdo com a semantica (comida fria); o *r* chaudi por dissimilação.

Frontão — A palavra já existia no port., mas foi

pedida de emprestimo para outro sentido com a introdução do jogo basco da pelota.

Furacão — Parece vir de *fura* + *cão*; vêm, entretanto, segundo João Ribeiro, Pidal, Aulete, de uma palavra caraíba que significa espirito maligno.

Gana — (Aulete). Ha um verbo germanico *weidanjan* (Diez, Dic. etym.) que significa apascentar (allemão moderno *weiden*) e deu o it. *guadagnare*, o fr. *gagner*, o port. *ganhar*, o esp. *ganar*. Houve alteração de sentido primitivo, que aliás apparece em *gado* e *ganado* e no fr. : *le lapin sort du bois pour gagner*. A ausencia da palatalização identifica. Em esp. *gana* é desejo, appetite; em port. é má vontade (cfr. o fr. *en vouloir*). O composto *ganancia*, lucro, em port. significa ambição.

Garrote — (Aulete). Antigo supplicio espanhol e hoje modo de execução da pena de morte, segundo o Godigo Penal de 1870. O condemnado é assentado numa plataforma onde está fincado um poste; prende-se o pescoço numa colleira de ferro, ligado a um parafuso que atravessa o poste. Algumas voltas do parafuso e a estrangulação se dá.

Garrotinho — (Aulete). Crup, molestiada garganta, a qual tem effeito analogo ao do garrote. Tanto o radical como o suffixo não negam a origem.

Gitano — (Aulete, Pacheco e Lameira). O termo aliás não é muito corrente.

Gongorismo — Exageração de estylo empolado, como fazia o poeta D. Luiz de Gongora.

Granizo — Meyer Lübke repelle a palavra em port. por causa do *n* (I, pag. 464).

Gringo — Termo americano e andaluz, segundo Toro y Gomez; homem que falla uma lingua incomprehensivel (grego). Nome dado pelos brasileiros aos espanhóes e espano-americanos, do mesmo modó que dão o de *gallego* aos *portuguezes*, e o de *carcamano* aos

italianos o de *bife* aos inglezes, o de *boche* aos alle-
mães.

Guaco — Nome dado a diversas plantas america-
nas: uma aristolochia, uma espilantha do Perú (Vis-
conde de Wildik), diversas lianas antilhanas e sut-
americanas.

Guanaco — Do peruviano *huanaco*.

Guano — Do peruviano; adubo animal, abundan-
te nas ilhas Chinchas.

Guerrilha — O suffixo mostra a origem. No co-
meço do seculo XIX a palavra se introduziu no fr.
quando os espanhóes recorreram a este meio para
combater as tropas de Napoleão (*guérilla*).

Habanera — (Pacheco e Lameira, J. Ribeiro)
Dança originaria da ilha de Cuba; na *Carmen*, de Bi-
zet, ha a celebre habanera: *L'amour est un enfant de
bohême*.

Havana — Charuto proveniente de Havana, onde
ha os melhores do mundo.

Hediondo — (Hoefer, J. Ribeiro). Do latim *foe-
tebundus* (Diez, II, pag. 349). Bastava o tratamento do
f inicial para mostrar que a palavra não é port. Em
esp. *fetido, infecto*; em port. *horriavel*.

Hombridade — (Aul.) altivez varonil.

Inca — Quichua, segundo J. Ribeiro. Titulo dos
soberanos do Perú ao tempo da conquista.

Inhame — Do caraíba.

Iguano — Animal da America tropical (C. de Fi-
gueiredo).

Inimistar — *Enemistad e inimizade*. Temos tam-
bem *amistoso*.

Jaguar — Quichua, segundo Pidal.

Jalapa — Localidade do Mexico donde veiu a
planta.

Jota — Antiga dança popular espanhola cultivada
principalmente no Aragão, onde faz parte de todas as
festas, às vezes até religiosas, como a *jota* da Nativi-

dade do Senhor, acompanhada de cantos, na vespera do Natal e a jota do dia de N. S. do Pilar, em Saragoça. A jota é commumente executada por tres dançarinos e dous cantores. Qual o dilettante que não conhece a *Jota Aragoneza* de Glinka ou, pelo menos, aquelle que é o melhor trecho da zarzuela *El duo de la Africana* e que assim começa: *No cantes más Africana*.

Junquillo — (Aulete, Diez, II, pag. 299). O suffixo mostra a origem que tambem é a do fr. *jonquille* (Brachet).

Lagartixa — (Diez, II, pag 299. O *x* é uma transformação do *j* chiante antigo, proveniente do grupo secundario *cl* (*lacerlicula*).

Lambança — Plebeismo que vem de *alabanza* (C. de Figueiredo).

Lamparina — Diminutivo de *lampada*; o suffixo *ino* é o diminutivo italiano por excellencia, sendo raro em esp. (Diez, II, 312) e tendo em port. outros sentidos (Diez, II, 310-3). O radical é esp. mas o diminutivo de *lampara* é *lamparilla*. Apezar de tudo, ao menos no radical se encontra o influxo esp.

Lentejoula — (Aulet). V. pg. 53.

Lhama — Do quichua, segundo Aulete. O *lh* inicial, contrario á indole do port., mostra logo o estrangeirismo.

Lhano — Subst e adj. O *lh* inicial indica que a palavra não é port.; o port. é *chão*, mais usado como substantivo, embora ainda se encontre como adjectivo na expressão — canto — chão, por exemplo. *Lhano*, substantivo, é termo tecnico de geographia. “A America Meridional apresenta tambem regiões bem distinctas;... 3º tres grandes planicies: a do Orenoco, que comprehende os *lhanos* da Venuzuela”... (Lacerda, Curso methodico de geographia, pag. 61).

Limenho — Natural de Lima; o suffixo mostra a origem (C. de Figueiredo).

Lôa — Aulete faz vir de *laus*; a influencia de leis castelhanas é innegavel pois o esp. apresenta *loa*, *loar*, etc. e o port. desfez o hiato com o *v* (louvar, etc.).

Logarejo — V. *animalejo*.

Lola — Nome vulgar das *cocottes* espanholas, talvez por influencia da burleta de Arthur Azevedo, *A Capital Federal*.

Louro — Substantivo). — Synonymo de papagaio, como se vê do *folk-lore*: Papagaio louro, Pera Portugal, Quem passa, Meu louro? (Os nossos brinquedos, collecção Icks, serie B, pag. 261). Pidal dá como quichua.

Maizena — O radical é caraíba (Pidal, Sayce), existe em esp. (Maiz) e deu o fr. *maïs*.

Maja — Elegante andaluza que se conservou fiel aos vestuarios tradicionaes; expressão intraduzivel depois da celebridade que adquiriram os quadros de Goya.

Malaga — V. *Alicante*.

Malaguenha — Musica popular originaria da provincia de Malaga.

Mancenilha — De *manzanillo*; *manzanilla* é camomila. O *n* junto ao *c* e o suffixo corroboram que a origem é esp. O fr. *mancenille* tambem vem do esp. O diminutivo port. de *maçã* é *maçaneta*.

Mandrião — Castro Lafayette faz vir de *mandria*, cobarde; Aulete tambem mas dá o significadc de ocioso

Manilha — Jogo de cartas. Não vem de manilha = manilha, bracelete, mas de *malilla* como o fr. *manille* (em fr. ha outro *manille* que vem de *manilla*).

Manojo — (Aulete) Mólho ou rolo pequeno. V. pg. 64.

Manola — Mulher do povo, de Madrid.

Mantenedor — Não póde vir de *manter*, sim de *mantener*; o *n* naquellas condições cae em port.

Mantilha — (Pacheco e Lameira). O suffixo mos-

fra a origem e demais quem ignora que a mantilha é uma peça integrante do vestuário feminino espanhol e que as andaluzas, a sevilhana em particular, a manejam com uma graça sem igual? Brachet faz o fr. *mantille* vir do esp.

Mazorca — “O tyranno platino (Rosas) com as degolações e a instituição das sociedades de *mazhorca*... (J. Ribeiro, Hist. do Brasil, pag 372). Composto de *más e horca*.

Matahambre — Segundo Aulete, termo do Rio Grande do Sul, que significa carne magra de rez, extrahida do sitio das costellas, junto ao couro.

Matasanos — Medico imperito (C. Lafayette, C. de Figueiredo).

Mazorral — Aulete faz vir de *mazorral*, grosseiro; o final trae uma influencia basca.

Minudencia — A presença do *n* intervocalico, o *ei* em vez de *e* mostra o cunho das leis esp.; seria *miudença* o port.

Mercedes — Nome proprio feminino, derivado do subst. commum *merced*; simplificação de Maria de las Mercedes, nome muito espanhol; uma infanta, irmã mais velha de Affonso XIII, a fallecida ex- Princeza das Asturias, o tinha.

Merinó — (Aulete). Fazenda de tecido cruzado, feita com a lã de carneiros merinos, de uma raça africana introduzida na Espanha antes do seculo XV. A invenção do merinó é attribuida a Dauphinot Pallofeu, natural de Reims; por conseguinte, é crível que tenha vindo pelo fr. *mérinos*, o que a prosodia parece confirmar.

Modorra — (Aulete). Aliás do basco pelo esp. (Diez, I, 85, II, 311).

Morcella — (Aulete, Castro Lafayette, que aliás escreve *murcella*). Será a morcella uma invenção espanhola?

Muchacho — Termo que burlescamente substitue *rapaz* (Castro Lafayette, C. de Figueiredo, Aulete).

Murillo — E' muito popular hoje no Brasil o nome do artista da Immaculada Conceição, deturpado, aliás, na pronuncia.

Ninharia — Em esp. *niñería*, criancice, coisa propria de menino (*niño*); o port. na adaptação preferiu o suffixo *aria*, mais de sua indole Aulete faz vir de *ninho*.

Olha podrida — (Pacheco e Lameira, Aulete). De *olla podrida*, panella apodrecida, como em fr. *pot pourri*. E' um prato genuinamente espanhol; na cozinha brasileira o correspondente é a chamada *roupa-velha*. Faz-se com carne, toucinho, couve, grão de bico, ervilha, pimenta encarnada, isto nas classes pobres; nas ricas, entram chouriços, caças, ovos duros, etc.

Pachorra — Do basco pelo esp. (Diez, II, 341).

Palamenta — Remo; de *pala* (Acad.); o *l* cae em port.

Palito — (G. Viana). O *l* e o suffixo mostram a origem; é verdade que os espanhóes dizem *palillo*.

Pampa — Significa plano em quichua, segundo José de Alencar, "O gaúcho". A. Gomes dá como americano.

Pandeiro — (Lafayette, A. Gomes). E' tão espanhol este instrumento que o fr. o chama *tambour de basque*. Aulete faz vir de *pandurium*.

Paragon — (João Ribeiro). De *parangón*.

Passacalle — Especie de chacona de movimento muito lento; musica com que dansava a passacalle. Era uma dansa grave, de uma só pessoa, geralmente um cavalheiro; esteve muito em voga nos seculos XVII e XVIII.

Patacho — Aulete faz vir do fr. *patache*, que Larousse dá como esp.

Peccadilho — O suffixo faz pensar na derivação

espanhola, que Larousse dá ao fr. *peccadille*; Carré, entretanto, faz vir do it. *peccadiglio*.

Pechada — (C. de Figueiredo). Embate, peito a peito, de dous cavalleiros (americano).

Pelota — Termo de frontão, assim como *pelotari*.

Pepita — De *pepita*, (pepino), pevide (V. pg. 70); o fr. *pépite* tem a mesma origem. Os derivados de *pituita* são it. *pipita*, fr. *pépie*, esp. *pepita* port. *pevide* (Meyer Lübke, I, pg. 451). O termo é de mineração e provavelmente creado pelos espanhóes quando começaram a explorar as riquezas americanas.

Periodico — Nome que os espanhóes dão aos jornaes e que ás vezes entre nós tambem se dá.

Perro — Nome que burlescamente se dá aos cães (Aulete); aliás, basco, segundo Meyer Lübke, I, pg. 47.

Peseta — Moeda espanhola correspondente ao franco; em sentido figurado, um individuo que não presta (Fulano é uma boa peseta).

Petenera — Musica popular espanhola.

Piastra — (Pacheco e Lameira) Moeda espanhola que muito se vulgarizou (Argentina, Chile, Cantão, Egypto, Haiti, Indo-China, Mexico, Turquia, Uruguay); a Espanha foi o vehiculo, mas a origem é italiana, como se vê do tratamento pi = pl (do grego *πλάσσω*). *Piastra* é lamina de metal, placa. Aulete faz vir directamente do it.

Piçarra — Cascalho (V. bizarro).

Picaro, picaresco — (Aulete). O fr. *picaresque*, *picaro* tem a mesma origem.

Piedra — Molestia microbiana recém-descoberta no couro cabelludo; formam-se concreções petreas.

Pitorra — Pelo basco (Diez, II, 340-1).

Platina — (Aulete). Diminutivo de *plata*; a forma portugueza é *pratinha*. A platina foi descoberta em 1735 nas areias auríferas da Colombia pelos es-

panhões que lhe deram este nome pela parecença com a prata. Brachet dá a mesma origem ao fr. *platine*.

Podengo — (Silva Bastos, do catalão; Aulete, do esp. *podenco*). As duas opiniões se conciliam; a origem é o catalão (*enc* é um suffixo genuinamente provençal, Diez, II, 347-8) e o esp. foi o vehiculo.

Polvorosa — (Aulete). Não vem do port. *polvora* e sim do esp. *polvoroso*, de *polvo*, pó; *polvoroso* é synonymo de *polvoriento* e se acha na locução *Poner pies en polvorosa* que existe em port. como attesta Lafayette. As fórmas port. são *pó*, *poeira*, *poeirento*; *polvora* é relativamnte recente, talvez contemporanea de Bertholdo Schwarz (sec. XIV).

Poncho — (Pacheco e Lameira, Aulete) Manto com uma abertura no meio para passar a cabeça; termo usado no Rio Grande do Sul e de origem americana, segundo Toro y Gomez.

Portenho — Synonymo de *buenairense*. O natural do porto em port. é *portuense*.

Potosi — Cidade da Bolivia, a qual no seculo XVIII, por suas ricas minas, chegou a ser a mais consideravel da America do Sul. Diz-se um *potosi*, como se diz um *pactolo*.

Potranca — V. Barranca.

Pronunciamento. A' primeira vista ninguem dirá que seja um termo de origem espanhola. Pondo de parte o fr. *pronunciamento* que claramente mostra a origem, a historia comprova nossa asserção. E' a recusa de obediencia por parte de um chefe militar que goza de popularidade. Um dos mais celebres pronunciamentos foi o de Riego, em 1820; nas republicas sul-americanas o pronunciamento foi uma praga damninha que custou a ser extirpada.

Pujar — De *puxar*, correspondente a *puxar*, ambas de * *pulsiare*; V. pg. 58. Usa-se no composto *sobre-*

pujar e em *pujante*, *pujança*. (Silva Bastos, Aulete). (C. de Figueiredo).

Quadrilha — O suffixo indica a origem; Darmesteter dá o fr. *quadrille* como de proveniência esp. Todavia os dictionarios esp. não consignam a palavra com o significado de dança.

Quina — (Silva Bastos). Reducção do quichua *kina* — *kina*, que deu o fr. *quinquina* (ao lado de *quina*).

Quiniela — Termo de frontão.

Quixote — Não preciso justificar a origem para o heróe de Cervantes, o supremo autor espanhol; tem derivados *quixotada*, *quixotesco*, *quixotismo*.

Quichua — De *quichua* ou *quichúa*, *quechua* ou *quechúa*, povo que habitava o Perú na época da conquista.

Realejo — Pequeno orgão da Barbaria; diminutivo de real (v. animalejo). O positivo ainda se encontra em fr. : *régale*.

Regozijo — (Diez, II, 299, *regocijo*).

Reslumbrar — Transparecer (V. deslumbrar).

Sainete — Muitos escrevem *saynete*, o que faz crer que a palavra tenha vindo atravez do fr. *saynète*; é possível. *Sainete* vem de *sain*, gordura (lat. *sagina*) e significa molho, tudo que realça o merito de uma cousa, bom bocado. E' uma peça bufona do thatro espanhol; são celebres *Las aceitunas*, de Lope de Rueda, e os de Ramon de la Cruz. Hoje é uma pequena obra dramática que comprehende uma scena só ou poucas scenas em que se desenrola entre poucos personagens um assumpto mais ou menos simples.

Salero — Literalmente *saleiro*, figuradamente: graça, encanto, sal.

Salsaparilha — (João Ribeiro, Silva Bastos). De *zarza* (sarça e não salsa) e *Parrillo*, nome proprio. Brunot dá a mesma origem a *salsepareille*.

Samarra — De *zamarra*, vestia de pelle de carneiro. V. bizarro.

Sambenito — (Aulete) De *sambenito*, San Benito, S. Bento. Especie de sobretudo amarello sarapintado, com que a inquisição revestia os condemnados quando conduzidos ao supplicio; parecia com o habito dos beneditinos.

Sancho — De *Sanctus*, segundo Diez, e basco, segundo Astarloa.

Sancadilha — De *zancadilla* (C. de Figueiredo).

Sangrar, sangrento, sangria (Aulete). Não diremos que sejam emprestimos, mas não podemos negar o traço da lei espanhola.

Sapateado — A' primeira vista não parece um castelhanismo; é a historia da musica que nos vai ensinar. Sapateado é uma dansa espanhola sobre um trecho a 3|8; é celebre o do grande violinista Pablo de Sarasate.

Sarabanda — (Pacheco e Lameira). Dansa nobre espanhola,, em uso desde o seculo XVI. Uns a fazem sarracena; outros affirmam que o nome proveio de uma dansarina chamada Sarabanda que primeiro a dansou em França. Entre nós a palavra tambem significa reprehensão na phrase *passar uma sarabanda*.

Savana — (Aulete, Pacheco e Lameira). Planicie coberta de pequena vegetação, na Florida e outras partes da America. Corresponde a *campos geraes* (R. Gabaglia).

Seguidilha — Aulete, Pacheco e Lameira, J. Ribeiro). Canto e dansa populares espanhóes. E' celebre a seguidilha da Carmen:

Presso il bastion di Siviglia.

Semilha — *Scilicet* de Havana. Fumo nacional, proveniente de *semente* cubana; o povo pronuncia *semila*, adaptando a graphia.

Senhorita — Parece incrível que um povo tenha ido buscar na lingua de outro a palavra com que designasse a mulher solteira e moça. Houve uma reacção contra o *demoiselle* e hesitaram entre o *senhorinha*, que não pegou (cfr. o it. *signorina*), e o *senhorita*. Em Portugal diz-se *menina*. Valha-nos ao menos o consolo de que os radicaes e os suffixos são vernaculos.

Sésta — (Pacheco e Lameira). Somneca que se dá durante as horas calmosas do dia; repouso da *sexta* hora, depois do almoço, do meio dia (o dia dos latinos começava ás seis da manhã, de modo que o meio dia era a *sexta* hora). E' um habito muito espanhol. O portuguez adaptou a fórma; o francez tambem (sieste, Brachet).

Silha — (Silva Bastos, Pacheco e Lameira). De *silla*, cadeira, *sella*, do lat. *sella*. V. pg. 20. Meyer Lübke, I, pg. 175.

Sobresalente — Adaptação de *sobresaliente*; port. *sobresahir* (C. de Figueiredo).

Soledade — Nome proprio, tirado do commum *soledade*, solidão; o *l* naquellas condições, cae em port.; *Solidão* de si mesma é já uma fórma refeita, nos classicos a que apparece é *soidão*.

Suelto — Termo jornalístico; noticia *solta*, destacada, entre dois tracinhos.

Tabaco — Caraiba (Aulete). Da pequena antilha *Tabago* na costa da Venezuela. Colombo, em 1492, viu com espanto os indios se comprazerem aspirando a fumaça de um rolo de folhas seccas, acceso na extremidade. Sayce e Brachet confirmam a origem.

Tablado — De *tablado*, de *tabla* (lat. *tabula*); em port. é *taboado*, de accordo com as leis phoneticas.

Tango — (Silva Bastos, Aulete). Americano.

Tejadilho — (Aulete). Diminutivo de *tejado*, de

teja (lat. *tegula*, que deu em port. *telha*). *Tejadinho* é o pequeno tecto de um carro; a fôrma port. é *telhadinho*.

Tenencia — Puramente espanhola; em port. o *n* intervocalico cahiu e deu *tença*. Aulete faz vir de *tenente*.

Tenente — Contraria á indole da lingua portugueza; si não é um latinismo, revela a influencia da terminologia militar espanhola.

Til — Não pôde deixar de vir de *tilde*, com o fr. *tilde* (*Titulum*, * *titlo*, * *tidle*, segundo Pidal). A paleographia nos ensina que esta notação lexica do *n* é da península iberica, cujas linguas são as unicas que a apresentam; *ñ* é abreviação de *nn* ou de um *n* supresso. Aliás, até as primeiras decadas do seculo XVII era empregado como meramente abreviadora: *q̄* = que.

Tomate — (Pidal julga ser mexicano. Brachet, Darmsteter).

Torquemada — Nome de um celebre inquisidor, usado hoje como um substantivo commum.

Toureador — Existindo em port. o radical e o suffixo, como pôde esta palavra ser um castelhanismo?

De accordo; mas é preciso ver que a tourada é um divertimento genuinamente espanhol; por conseguinte a terminologia espanhola passou para as outras linguas, inclusive o port. onde, ás vezes, como aqui, se dá a coincidência. Em port. houve a adaptação, mas em fr. e em it., a palavra conservou-se tal qual (o fr. collocou, aliás, um accento no *e*). O visconde de Wildik distingue o *toureador* do *toureiro*; para elle, este combate a pé e aquelle a cavallo. Larousse dá os dous termos como synonymos.

Trecho (João Ribeiro) — O tratamento do *ct* mostra a origem; em port. a fôrma regular seria *treito*, que, aliás, apparece em *treita*, *atrito*.

Umbral — Meyer Lübke, I, 308. A Academia faz referencia a *lumbral*, de *luminare*. Ha duas falsas etymologias, *hombro* e *umbra*; mas a verdadeira é corruptela de *liminare*, limiar, soleira.

Velar — (Meyeer Lübke, 1, pg. 460). *Vigilare* deu em esp. *velar* e em port. *vigiar*, de accordo com as leis phoneticas; mas houve um chiasma, de modo que apparece de um lado *velar* em port. e *vigiar* em esp.

Venezuula — A Venezuela foi descoberta em 1494 por Colombo que lhe deu o nome de *Costa Firme*, mudado por Ojeda, em 1499 para o actual, que quer dizer *pequena Veneza* por causa das habitações lacustres de indios do lago de Maracaibo.

Vicunha — (Aulete). Do quichua, segundo Pidal.

Vislumbrar — V. Deslumbrar (Aulete, Silva Bastos).

Xerez — Vinho branco afamado das cercanias da celebre cidade andaluza, memoravel na historia pela victoria de Tarik sobre Roderico tão bem descripta por Herculano no Eurico. V. *Alicante*.

Zagalejo — V. *animalejo*.

Zamacueca — Termo americano, danza grotesca de indios. O illustre violinista cubano White escreveu uma celebre zamacueca.

Zarzuela — Pequena producção theatral, genuinamente espanhola; especie de opereta onde o dialogo vem entremeado com o canto.

Zebruno — (Aulete). De facto, o suffixo com idéa de semelhança, embora se mostre em port., o que é raro (*gatuno*, por ex.) é bem espanhol. (Diez, II, 403).

Não podemos terminar este trabalho sem tratar de tres palavras: *gelosia*, *irmão* e *menino*.

Gelosia, segundo Alfredo Gomes, vem do espanhol; em esp. é *celosia* de *celo* do lat. *zelus*, do gr. ζήλος. A presença do *g* brando torna mais accetivel a derivação do it. *gelosia*, ou mesmo do fr. *jalousie*, paravento formado de pequenas palhetas parallelas que permitem ver sem ser visto; com certeza invenção de algum amante *ciumento* que queria espreitar a sua Dulcinéa para aquilatar-lhe a fidelidade.

Irmão é dado por J. Ribeiro como esp. V. pg. 39. Os nomes de parentesco chegado, como *pae*, *mãe irmão filho*, nenhuma lingua recebe de emprestimo de outra. Por um phenomeno commum a toda a península *frater* cedeu diante de *germanus* (V. pg. 69).

Menino, para A. Gomes, vem do esp.; de *mi niño*, segundo Moraes. Aulete e Vicente de Souza, nosso saudoso professor de latim, fazem vir de *minimus*, com o que concordam Pacheco e Lameira (gram. pg. 241). A Academia dá como etymo *meninus*, Meyer Lübke tira do celtico.

A palavra não é de ordem daquellas que se toam de emprestimo; na incerteza da etymologia, é mais curial a resposta de Du Bois-Reymond a altas questões philosophicas. Em esp. existe *menino*, nome dos joven nobres designados para companheiros dos infantes; todos nós conhecemos o celebre quadro de Velasques, "*Las meninas*", do Museu de Madrid.

Menino deu o fr. *menin* (Brachet), empregado pela primeira vez quando se organizou a casa do delphim, filho de Luiz XIV; mas, sendo de um sentido tão especializado, não é crível que se tenha generalizado em portuguez.

Dos elementos gregos que se encontram no espanhol

Os elementos gregos do espanhol podem ser distribuídos em tres classes: 1.º) directos, 2.º) mediatos, através do latim, do arabe; 3.º) de formação neológica.

O padre Sarmiento calculou que, em cem palavras espanholas, dez são gregas de origem; Baret acha este numero exagerado. Soldevilla calcula em 5 % a percentagem hellenica.

Os elementos directos, aliás poucos e incertos, são de época preromanica, medieval ou moderna. A actual cidade de Rosas, perto dos Pyreneus orientales, foi fundada por colonios rhodios; Sagunto, hoje Murviedro, o pretexto da segunda guerra punica, deve a origem a naturaes de Zante (*Ζάκυνθος*), cerca de duzentos annos antes da guerra de Troia; Amposta, vizinha da embocadura do Ebro, corrupção de *emporion*, é de origem phocéa.

Na idade media, os Byzantinos dominaram parte da Espanha nos seculos VI e VII. Justiniano (527-65), ambicioso de reconstituir o imperio romano, até lá mandou seus generaes. "A rixa entre Agila e o usurpador Athanagildo justificou a intervenção de Justiniano nessa contenda dos visigodos de Hespanha; o patricio Liberio como arrhas dos serviços prestados ao segundo desses chefes ficou de posse de varias cidades do littoral de leste da peninsula, em razão de sua importancia commercial. "Gastão Ruch, O imperio grego do Oriente). Na época de Suintila (624) perderam os Byzantinos suas possessões. Seguem-se as

cruzadas; vem depois o periodo de intenso commercio no Mediterraneo; Veneza e Genova põem o occidente da Europa em communicacão com o imperio grego. Mas, que resta de tudo isto?

On peut admettre de prime abord qu'il reste peu de traces des idiomes antérieurs à la conquête romaine." (Diez, I, pg. 85). O mesmo diz Meyer Lübke. No periodo byzantino pequena havia de ter sido a influencia grega. A lingua official do Baixo Imperio era o latim; o monumento legislativo de Triboniano chama-se *Digesto* (ou *Pandectas*).

Na lista dos elementos gregos directos apresentada por Diez (I, pags. 52-4) figuram: ἄσκος, asco; βαυκάλιον, bocal; βούτις βύτις, bota; βριᾶν, brio; βύρσα, bolsa; γυμήτης, ginete; δύσκολος, discolo; ἔρημος, yermo; ζωμός, zumo; ἡμικρανία, migraña; θεῖος, tio; θύλακος, valega (aliás talega); κάρα, cara; κάραθος, carabela; καῦμα, calma; κόλλα, cola; κορμός, corma? λάπη, lapa; νῆμα, nema; ὄσμη, husmo; παλαίειν, pelear; παραβολή, palavra; πλατύς, chato; σάβανον, sávana; σάγμα, salma e v. esp. sauma; σειρᾶν, *sirgar*?; σκάπτειν, sapar; σμυρίς, esmeril; σπιθαμή, espita; στόλος, estol (velho); στρατιώτης, estradiote; τάλαντον, talante; τραγήματα, dragea; τύφος, tufo; φώϊξ, foja?; χαῖος, cayado; χαλᾶν, calar.

Meyer Lübke não trepida em riscar desta lista βριᾶν, θύλακος, παλαιέιν, σκάπτειν, τραγήματα e φώϊξ.

Tudo isto, de facto, é incerto; sentimos que nos falta o solo quando por ahí enveredamos; escapamos hoje as razões historicas de muitas cousas e é difficil restabelecer situações para sempre desaparecidas.

Os elementos oriundos do grego moderno distinguem-se pelos traços reuchlinianos que possuem. Assim, ἀποθήκη dando *botica* (o lat. *apotheca* deu *bodega*), ἔνδιβα dando *endibia*, que não podia vir de ἔντυβον), τάπηξ dando *tapiz* (o lat. *tapes* deu *tapete*); ἀκηδία dando *acidia*, τρύπανον *trépano*, κιθάρα *guitarra*, σμυρίς (σμερί, na ilha de Naxos) *esmeril*, φάρος *farol*, mos-

tram, pelo iotacismo, pela conservação das surdas, pelo tratamento dos grupos consonantae e pelo accentu. sua origem moderna.

Passemos aos elementos mediatos.

Uns provêm do primeiro contacto dos romanos com os gregos da Magna Grecia; outros, do posterior influxo do hellénismo sobre a cultura latina. Podemos identifi-cal-os pelas transcripções; assim, *púrpura* (ant. *pórpola*), *tomillo*, *governar*, etc. pertencem aos primeiros; *cima*, *huérfano*, aos segundos (lat. *cyma*, *orphanus*).

Os vindos atravez do arabe são poucos; cite-mos alambique, de ἀμβίξ; altramuz, de θέρμος; adarme, de δραχμή.

Restam os neologicos.

O estudo do grego, abandonado pela idade media (*græcum est, non legitur*), recommençou no Renascimento depois do exodo dos sabios byzantinos expulsos pelos turcos apoz a tomada de Constatinopla (1453). Nos seculos XVI e XVII appareciam neologismos literarios; no seculo XVIII, as descobertas scientificas tornaram necessaria a creação de uma terminologia que os homens de sciencia foram buscar no grego que das linguas indo-européas é uma das que mais possuem a facilidade de composição e era a mais conveniente por ser neutra, não despertando ciumes internacionaes.

Estas palavras, a principio meramente eruditas, com as applicações industriaes da sciencia cahiram no dominio publico e sua vitalidade é tal que chegam a formar compostos e derivados (*anglofobia*, *telefonar*). Qual o espanhol do povo que ignora hoje a *fotografia*, o *cinematógrafo* ou o *teléfono*?

A transcripção espanhola dos elementos gregos só no terceiro grupo apresenta interesse.

Os directos, de época em que a escripta era pouco vulgarizada, foram transmittidos pela falla e só mais tarde graphados e assim mesmo phoneticamente. Os mediatos obedeceram ás regras latinas de transcripção e depois soffreram as mesmas modificações que os genuinamente latinos. Os neologicos subordinam-se ás prescripções da moderna orthographia.

Assim, as letras do alphabeto grego são respectivamente transcriptas por: *a, b, g, d, e, z*, (ou *c* diante de *e* ou *i*), *e, t, i, c* (ou *qu*), *l, m, n, x, o, p, r, s, t, i, f, c* (ou *qu*), *ps. o*.

O espirito forte se transcreve por *h*, excepto no ρ inicial; nos compostos, não apparece o *h* quando a palavra já existia no grego antigo (*sinodo*, *sinedrio*, *poliedro*), apparecendo quando a formação é erudita (*antihelmintico*). *Parhelio*, por conseguinte, é uma transcripção má; *anhidro* tambem, pois as palavras já existiam.

O υ nos diphthongos é transcripto por *u*; são irregulares, *glucinio, glucosa*.

A transcripção regular do diphthongo $\epsilon\iota$ é *i*; de $\alpha\iota$ e $\omega\iota$ é *e*; de $\omega\upsilon$ é *u*; todavia appareceu *monoico, dioico, elaiómetro*.

O γ diante de guttural (que aliás é uma nasal, o *agma*, o *n adulterinum* dos grammaticos latinos) se transcreve por *n*: *esporangio, anquilosis*.

O θ é transcripto por *th* no nome da letra.

O ι apparece como *i, y*: *iota, iotacismo*, hierofante (cfr. *Jerónimo*), *yodo*.

O κ , cuja transcripção normal é por *c*, apparece com *k* no nome da letra e diante de *e* ou *i*, onde aliás tambem apparece como *qu*: *kinetoscopio, kirie, fenakisticopio, anquilosis, quisto, queratitis*. Essa transcripção, admittida em francez, é combatida pelo douto Ramiz Galvão; todavia, parece-nos justificavel. Tomemos, por exemplo, $\kappa\acute{\epsilon}\rho\alpha\varsigma$, o chifre; que *kerastes* tenha dado *cerasta* admitte-se, pois em latim

deu *cerastes* e o *c* soffreu o tratamento normal românico diante de *e*.

Mais indo-se agora buscar ao grego o nome da molestia da cornea, a guttural de *kéras* sendo forte, seria illogico palatalizal-a; por conseguinte adoptou-se uma transcripção que lhe dá o verdadeiro valor phonico; *queratitis* não passou pelo latim.

Em composição, quando a segunda palavra começa por um φ , dá-se o dobramento desta letra (como aliás em *prorratar*, *prorrogar*), ex: *ornitorrinco*.

O φ é transcripto por *ph* no nome da letra.

O χ apparece como *c* (diante de *a*, *o*, *u*), nos grupos (*ictiología*, *icneumón*, *cronología*); como *qu* diante de *e* e *i* (*esquenanto*, *esquisto*). Com $\alpha\varphi\chi$ ha a maior incoherencia: *archiduque*, *arquitrabe*. No systema metrico infelizmente domina a graphia errada dos francezes, repudiada pelos italianos e hoje difficil de extirpar: *kilómetro*, etc. (todavia *quiliárea*).

Mas o *k* é uma letra que caminha...

Estudadas as regras de transcripção, passemos a ver a formação das palavras neologicas que buscam origem no grego antigo.

Estas palavras são simples, compostas e derivadas.

Nas compostas ha que considerar as formações prefixaes e as formações com *themas* nominaes ou verbaes.

Os prefixos gregos e particulas inseparaveis apparecem no espanhol erudito com os valores originaes: *a* ou *an*, *anfi*, *ana* (*an*), *anti* (*ant*), *apo* (*ap*, *af*), *dia* (*di*), *dis*, *ec* (ou *ex*), *en* (*em*), *epi* (*ep*, *ef*), *cata* (*cat*), *meta* (*met*), *ne*, *para* (*par*), *peri*, *pro*, *pros*, *sin* (*si*, *sil*, *sim*), *hiper*, *hipo*).

Os *themas* nominaes e verbaes apparecem com

uma vogal plastica *o*, que se não deve confundir com a final thematica da segunda declinação.

A vogal plastica latina é o *i*, que não passa aliás de uma transformação da vogal plastica indo-européa que se mantém em grego. “*O (breve) is the I. Eur ‘Composition-Vowel’ par excellence. Not only it does appear in O — stem, but it is often added to Consonant — stems, and sometimes takes the place of the — ā of A — stems.*” Lindsay, *The Latin language*, pag. 359. Brugmann trata largamente do phenomeno no capitulo *Composição do seu Grundirss*.

Apresentamos os diversos typos de formações segundo a ordem que dá Chassang em sua *Grammaire grecque*: hipopótamo, xifópago, fisiología, fotógrafo, antologia, neuralgia..

Deve-se ter sempre em vista o thema e não a forma do nominativo; assim, *aromoso* em vez de *aromático* é irregular (o thema é *aromat*). Um caso especial é o dos compostos de ἵδωρ; no proprio grego antigo, ao lado dos regulares formados com *hydat*, apparecem outros formados com *hydro*, que Brugmann, concordando com Osthoff, explica por um morphema adjectival de character secundario. Com excepção do termo medico *hidátide*, os demais compostos de *hydro* modernamente se fazem com *hidro*.

Nos derivados encontramos muitos dos suffixos do grego antigo com os antigos valores e com valores novos: *da (ida, iada)* patronymicos, familias zoológicas; *izo* em verbos em *izar*; *iko ika* — relativo a, subentendendo-se *τεχνή, ἐπιστήμη*, etc., nos nomes de artes, sciencias; *ino, ina*, que designa materia, em alcaloides, principios resinosos, ordens zoológicas; *io* (lat. *ium*) em corpos simples da chimica, em radicaes chimicos; *isko* em diminutivos; *ismo*, significando doutrina, systema, maneira propria de actuar; *issa*, femininos; *ista*, designando partidario de uma doutrina, de um systema, pessoa que se entrega a um officio, a um

estudo; *ita, ito, iti*, para fosseis, molestias inflammatorias, mineraes; *ma*, resultado da acção; *meno, mena*, nos participios medios; *ter*, que indica agente; *terio*, logar; *si*, em nomes abstractos femininos.

Emfim, de accôrdo com o titulo do nosso trabalho passamos a dar os termos gregos primitivos (e alguns derivados que podem passar por primitivos) e em seguida pelo menos uma palavra espanhola que delles se origine:

"Ααμαι — saciar (*adefagia*) ἄβαξ — *ábaco* ἄβραμῖς — brema, peixe ἀβρότονον — *abrótano*, planta ἄβυσσος — *abismo* ἀγαθός — bom (*ágata*, flor; *Agatocles*, celebre pela *bondade*) ἀγάλλοχον — *agáloco* ἀγάλλω — ornar (*agalmolito*) ἄγαμαι — admirar (*ágave*, planta) ἄγαν — demais (*Agenor*, *demasiadamente viril*) ἀγαπάω — amar (*ágape*, refeição de *caridade* que faziam juntos á noite os primeiros christãos; *Agapito*, amavel) ἀγαρικόν — *agárico*, cogumelo de Agaria, na Sarmacia ἀγασυλλίς — *agasilis*, arbusto ἄγγαρος — correio (*angaria*, requisição de navio ἀγγέλλω — anunciar (*ángel*, o mensageiro divino; *angélico*; *Evangelio*, boa nova ἄγγιος — vaso (*angiospermos*, vegetaes de *sementes* contidas num pericarpo ἀγείρω — reunir (*panegírico*, elogio perante *toda a reunião* ἄγιος — santo (*hagiografía*, descripção da vida de santos ἀγκών — cotovelo (*ancón*, enseada num *cotovelo* do litoral; *ancóneo*, musculo do antebraço ἀγλαός — brilhante (*Aglaya*, uma das Graças) ἀγρός — puro (*Inés*, virgem martyr cujo nome titulus est pudoris, na phrase de S. Ambrosio ἀγορά *ágora* ἄγρα — caça, pesca (*podagra*, rheumatismo que toma o pé) ἀγρός — campo (*agronomia*, leis que regem a cultura dos campos) ἄγγι — perto (*anquilope*, tumor perto do olho) ἄγγω — apertar (*esquinencia*, amygdalite aguda, *angína* que *aperta* a garganta) ἄγω — conduzir (*pedagogo*, o escravo que levava os *meninos* ao collegio) ἀγών — lucta (*agonía*, lucta com a morte; *antagonista*) ἀδάρκη — *adarce*, planta ἀδελφός — irmão

(*Filadelfo*, o que ama o irmão) ἀδῆν — glandula (*adenitis*; *adenoideos*, vegetações em forma de glandulas) ἀδράχνη — *adracne*, planta ἄδω — cantar (*aeda*) ἀετός — aguia (*aetites*, pedra; *halieta*, aguia marinha) ἄζω — seccar (*azalea*, planta que não gosta da humidade) ἄημι — soprar (*asma*) ἀήρ — ar (*aerolito*, *aerostato*) Ἄθηνᾶ — Minerva (*Atenas*, cidade de Minerva; *Ateneo*, casa de ensino, dedicada á deusa da sabedoria) ἀθήρ — barba de espiga (*atero*, papa de farinha de trigo) ἀθλος — combate (*atleta*, homem dos combates) αἰδώς — vergonha (*edeologia*, tratado das partes pudendas) αἰθήρ — éter αἶθω — queimar (*Etiope*, homem de rosto queimado do sol) αἶμα — sangue (*hemorragia*, *anemia*) αἶνος — palavra (*enigma*, palavra obscura) αἶξ — cabra (*égida* ou *egida*, escudo de Pallas, feito com a pelle da cabra *Amalthéa*) αἰρέω — tomar, escolher (*herejia*, escolha feita entre varias crenças) ἀφέσις, figura que toma letras) αἰσθάνομαι — sentir (*estética*, a arte de sentir o bello; *anestesia*, privação de sensibilidade) αἰσχος — fealdade, vergonha (*asco*) αἰτέω — pedir (*dieta*) αἰτία — causa (*etiologia*, estudo das causas das molestias) αἰών — idade, tempo, vida (*Eón*, intelligencia eterna, na philosophia gnostica) αἰωρέω — suspender no ar (*metéoro* ou *meteoro*, phenomeno da atmosphaera) Ἀκαδημῶς — *Academo* (*Academia*, escola de Platão, a qual funcionava nos jardins de *Academo*) ἀκακαλῖς — *acacalis*, planta ἀκακία — *acacia* ἀκαλήρη — *acalefo*, celenterio ἄκανθα — espinho, *acanto* ἄκαρι — ácaro, um arachnideo ἀκεομαι — curar (*panacea*, remedio que cura tudo) ἀκή — ponta (*aciforos*, sub-tribu de dipteros) ἀκινάκης — *acinaces* ἄκινος — *ácino* ἀκμή — ponta (*acme*, a crise de uma molestia) ἀκόλουθος — que acompanha (*acólito*) ἀκόννη — pedra de amolar, estimulante (*acónito*, assim chamado quia nascitur in nudis cautibus quas aconas nomenclant, segundo Plinio) ἀκούω — ouvir (*acústica*) ἀκριβός — exacto (*acribia*) ἀκρις gafanhoto (*acridios*)

ἀκροάομαι — ouvir (*acroamático*, o que se aprende pela audição) ἄκρος — extremo superior (*acróbata*, *Acrópolis*, *acróstico*) ἀκτῆ — praia (*actea*, planta) ἀκτίς — raio (*actinia*, animal radiado) ἀλάβαστρος — alabastro ἄλγος — dôr (*neuralgia*, *nostalgia*) ἀλείφω — untar, unir, confundir, misturar (*sinalefa*) ἀλέκτωρ — gallo (*alectoria*, pedra que se acha na moela dos gallos) ἀλέξω — repellir, defender (*Alejandro*, o homem que defende) ἄλέω — moer (*aleuromancia*, *adivinhação* por meio de farinha) ἄλη — desvio, erro (*acefalomia*, estado do feto de cabeça monstruosa, aberrante da normal) ἀληθής — verdadeiro (*aletologia*) ἄλθω — curar (*altea*) ἄλισμα — *alisma*, planta ἀλκή — força (*Alceo*, *Alcides*) ἀλλᾶς — chouriço (*alantoide*, vesícula fetal em forma de chouriço) ἀλλάσσω — trocar (*sinagmático*, contracto bilateral como o das obrigações do *ut des*) ἄλλομαι — saltar (*halter*) ἄλλος — outro (*alópata*, *alotrópico*, *paralelo*) ἄλγη — *áloe* e *aloe* ἄλς — sal (*halógeno*, *halófilo*) ἄλσος — bosque sagrado (*alsina*, planta) ἄλύω — estar afflicto (*alisma*, inquietação) ἄλφα — *alfa* (a letra, o começo, *el alfa y el omega*) ἀλφάνω — achar (*Alfesibeo*, o pastor que acha bois) ἄλφιτον — farinha de trigo (*alfitomancia*) ἀλώπηξ — raposa (*alopecia*, molestia que faz a raposa perder o pello) ἄλωος aro, disco (*halo* ou *halón*) ἄμα — ao mesmo tempo (*hamadriada* ou *hamadriade*, *nympha* que nascia e morria ao mesmo tempo que os *carvalhos* onde moravam) ἀμάρακος — *amáraco*, planta ἀμαρύσσω — luzir (*amarilideas*, plantas) ἀμαυρός — escuro, pallido, cego (*amaurosis*, molestia de olhos) ἄμβιξ — rebordo (*alambique*, vindo atravez do arabe (Engelmann) ἄμβλύς — rombudo, fraco (*ambliopia*, molestia de olhos) ἀμβροσία — *ambrosia* comida dos *immortales* ἀμείβω — mudar (*amiba*, animal que muda de forma constantemente) ἀμέργω — exprimer (*morga*, fezes de azeite) ἄμμος — areia (*amoníaco*, corpo extrahido do excremento de camelo, accumulado em torno do templo de Jupiter Ammon, nos *areiaes* egypcios) ἄμνιος —

amnios, membrana do feto) ἄμπελος — vide (*ampelideas*, familia de plantas) ἄμυγδάλη — *almendra*, *amígdala* ἄμυδρός — escuro, pouco sensível, fraco (*midriasis*, molestia de olhos) ἄμύνω — repellir, defender (*Amintas*) ἄμφι — por dous lados (*anfíbio*, *anfiteatro*) ἄμωμον — *amomo*, planta ἀνά — para cima, de novo, etc. (*anabaptísta*, *anarcronismo*, *análisis*, *anatomía*) ἀναξ — rei, príncipe (*Astianacte*, o filho de Heitor, *príncipe da cidade*) ἄνεμος — vento (*anemómetro*) ἀνηθον — endro, planta (*aneldo* ou *eneldo*) ἀνήρ — homem (*Andrés*, *andrógino*, *androceo*) ἄνθος — flor (*antología*, *escolha de flores*, *crisantemo*, *fôr de ouro*) ἄνθραξ — carvão (*ántrax*, *antracita*, variedade de carbono) ἄνθρωπος — homem (*antropología*, *antropoide*, *antropomorfo*) ἀνία — tristeza (*Pausanias*, o que cessa as trizezas) ἀνισον — *anis* ἀντί — contra (*antagonista*, *antártico*, *andídoto*) ἄντρον — *antro* ἄξινη — machado (*axinita*, *pedra*) ἄξιος — digno, precioso (*axioma*) ἄξων — eixo (*axis*, *eje*) ἀορτή — *aorta* ἀπατάω enganar (*apatito*, *pedra enganadora*; é transparente como as preciosas). ἄπλοῦς — simples (*haplopétalo*) ἄπτω — ligar (*ápside*, ponto da abobada no qual se ligam os arcos); iluminar, queimar (*afra*) ἀραιός — raro, pouco denso (*areómetro*) ἀράχνη — aranha (*arácnido*) ἀργός — branco, brilhante (*argila*, *arcilla*) ἄργυρος — prata (*argirosa*, *hidrargirio* ou *hidragiro*) Ἄργώ — a nau *Argos* (*argonauta*) ἀρετή — virtude (*aretologia*) Ἄρης — Marte (*Aréopago*, collina de Marte, na qual funcionava um tribunal atheniense) ἄρθρον — articulação (*artrología*, *artritis*) ἀριθμός — numero (*aritmética*) ἀριστερός — esquerdo (*anfarístero*, desageitado de ambas as mãos) ἄριστος — optimo (*aristocracia*, *Evaristo*, *Aristarco*, — *ipo*, — *óbulo*, — *ófanes*) ἄρκτος — urso (*ártico* ou *ártico*) πόλο onde estão as constellações das *Ursas*) ἀρμόζω — adaptar, regular (*armonía*, sons bem adaptados) ἄρον — tinhorão (*aroidéas*) ἀρπάζω — roubar (*arpías*, aves rapaces) ἄρην — cordeiro (*arnoglosa*, planta) ἄρσην — masculino, forte

(arsénico, violento veneno) ἀρτάω — pendurar, suspender (artemón ou artimón, vela mestra) ἀρτεμίσια — *artemisia* ou *artemisa*, planta ἄρτιος — par (artiozoarios, animaes de symetria par) ἄρτος — pão (artocárpeas, familia de plantas cujo typo é a *fructa-pão*) ἀρύω — apanhar agua (arytenoides, cartilagens laryngeas em fórma de *funil* ἄρχω — commandar; no medio, começar, ser o primeiro (arcaico, arconte, *archivo*, *monoligarquia*; arcángel, arcipreste, arzobispo, arquidiócesis, archiduque) ἄρωμα — aroma ἄσαρον — *ásaro*, planta ἀσβολή — fuligem (*asbolina*, oleo extrahido da fuligem das chaminés) Ἄσκαλων — a cidade de Ascalon (*ascalonia*, *chalote*, planta) ἀσκέω — exercer (*asceta*, homem que se entrega a *exercicios* espirituaes) Ἄσκληπιός — *Esculapio* (*asclepiadeas*, familia de plantas) ἀσκός — odre (*ascitis*, molestia em que o abdomen fica inchado como um odre) ἀσπάζω — abraçar, saudar, estimar (*Aspasia*) ἀσπάρραχος — *espárrago* ἀσπίς — escudo (*áspide*, certa vibora) ἀστακός — caranguejo do mar (*astaco*) ἀστήρ — estrella (*astro*, *astronomia*, *asterisco*) ἀστράγαλος — *astrágalo* ἄστυ — cidade (*asteismo*, ironia delicada, propria dos habitantes das cidades) ἄσφαλτος — bitume (*asfalto*) ἀσφόδηλος — *asfódelo*, planta ἀτμός — exalação, vapor (*atmósfera*) ἄτρακτος — fuso, flecha (*atráctilo*, uma composta *espinhosa*) αὐγή — brilho, luz (*augita*, especie de pyroxenio *brilhante*) αὐλή — pateo, sala, parque (*aula*, *áulico*) αὐλός — flauta, tubo (*hidráulica*, estudo do movimento da agua em tubos) αὐξάνω — augmentar (*auxesis*, figura de rhetorica que indica a *exageração*) αὐρα — aura αὐτός — mesmo (*autobiografia*, — *ócrata*, — *óctono*, — *odidacto*, — *ógraso*, *auténtico*, *tautologia*) αὖω — secar (*Austro*, vento *resecante* do sul) ἄφλαστον — *aplustro*, ornamento da popa dos navios antigos ἀφρός — escuma (*Afrodita*, a deusa nascida das *escumas* do mar) ἀφύω — apanhar agua (*afióstomos*, peixes sugadores) Ἀχάτης — o rio Achates, na Sicilia (*ágata*, pedra encontrada neste rio) Ἀχιλλεύς — Achilles (*aquí-*

lea, planta com que *Achilles* curou a *Telepho*) ἄχος — dôr (*Aqueronte*, rio da dôr) ἀχώρες — *acores*, pequenas úlceras na cabeça ἄψινθος — *absintio*, *ajenjo*.

Βαθύς — profundo (*batometria*) βαίνω — ir, vir, andar (*base*, *acróbata*, o que anda nas pontas, *hipérbaton*, *probática*) βάκκαρις — *bácara* ou *bácaris*, planta βάκτρον bastão (*bacterias*, vegetaes inferiores em forma de *bastonetes*) βαλνεῖον — *baño* (*balneario*) βάλανος — *bolota* (*balanófago*) βαλάστειον — *balausta*, planta βάλλω — atirar (*balística*, *bólido*, *émbolo*, *diabolo*, *emblemata*, *hipérbole*) βαλλωτή — *balota*, planta βάλσαμον — *bálsamo* βάπτω mergulhar (*bautizar*, *baptisterio*) βάραθρον — *báratro*, abysmo onde em Athenas eram precipitados os criminosos) βάρβαρος — estrangeiro, grosseiro, *bárbaro* βαρύς — pesado (*barómetro*, instrumento que mede o peso do ar, *barita*, nome que depois se deu á terra pesada descoberta por Scheele em 1774, *bario*, *baritono*, *voz grave*) βάσανος — pedra de toque (*basanita*, mineral outrora usado como *pedra de toque*) βασιλεύς — rei (*Basilio*, *basilica*, casa do rei) βάτραχος — *rã* (*batracios*) βάττος — rei de Cyrene, que era gago (*batología*) βαῦκος — especie de vaso (bocal) βδάλλω — *sugar* (*bedelio*, *gomma* resina do Oriente) βέρβερι — certo marisco (*bérbero*, *bérberos* ou *berberis*, planta de folhas parecidas com marisco) βήρυλλος — *berilo* (*brillar*) βήσσω — tossir (*béquico*, que é bom para tosse) βῆτα — *beta* (*alfabeto*) βίβλος — livro (*Biblia*, o livro por excellencia, *bibliófilo*, — *ógrafo*, — *ómano*) βιβρώσκω — comer (*bromatología*, estudo dos alimentos) βίος — vida (*biografía*, — *logía*) βίσων — *bisonte*, boi da *Bistonia*, na Thracia βλάπτω — prejudicar, ferir (*blasfemar*, dizer coisas que *offendem*, *bramar*!) βλαστάνω — fazer brotar (*blástema*, parte do embryão vegetal) βλέννα — mucosidade (*blenorragia*) βλέπω — ver (*blefaritis*, inflammação na palpebra) βλίτον — *bledo*, planta βόθρος — *fossa*, cavidade

(*botriocéfalo*, verme intestinal) βελός — bulbo βόμβος — zumbido (*bombo, bomba*) βερβορούζω — roncar (*borborismo, ruído* abdominal pela deslocação de gazes βορέας — vento norte (*boreal, borrasca*) βόσκω — fazer pastar (*bosque, botânica*) βόστρυχος — madeixa (*bostrico*, um insecto) βουβών — virilha, tumor, *bubón* βούλωμαι — querer (*abulia*, molestia em que se dá a abolição de *vontade*) βοῦς — boi (*Bósforo*, passagem do boi; *bucéfalo*, cabeça grande; *hecatombe*, sacrificio de cem bois; *bucólico, butírico*) βραδύς — lento (*bradipesia, digestão lenta*) βραχίον — braço (*braquial*) βραχύς — breve (*anfibraco*, pé com uma longa *cercada de breves; tribraquio*, pé com tres breves) βρέχω — molhar, chover (*bregma*, a molleira, parte do corpo que se molha quando *chovisca*) βριάω — tornar robusto (*Briareo, robusto gigante*) βρόγχος — garganta (*bronquíos*) βροντή — trovão (*bronteón*, aparelho com que se imitava a trovoadá nos theatros gregos) βροτός — mortal (*ambrosia*) βρόχος — laço (*anabroquismo*, antigo processo de cura da trichiase) βρύχω — comer (*brugo*, coleoptero *voracissimo*) βρύχω — estremecer, rugir (*onobríquis*, planta) βρύω — jorrar, brotar (*brionia, embrión*) βρωμος — fedor (*bromo*, metalloide fedorento) βύρσα — bolsa βύσσος — *biso*, linho finissimo βύω — arrolhar, obstruir, encher (*botija*).

Γάγγλιον — novelo, tumor, *ganglio* γάδος — pescada (*gado, gádidos*) γάγγραινα — *gangrena* γάλα — thesouro real (*gazofilacio*) γάλα — leite (*galactómetro, polígala*, planta muito leitosa) γάλη — doninha, gato, esqualo (*galeopitecos, simios* que parecem com *gatos*) γαλήνη — calma do mar (*galena*, sulfeto de chumbo de laminas cujas facetas são unidas e brilhantes como o *mar sereno*) γαμέω — casar (*bígamo, polígamo, fanerógamo, criptógamo, gamopétalo, gamosépalo*) γάμμα — *gama*, a escala musical, por causa do *gamma* ajuntado por Guido d'Arezzo para designar a nota que

precedia a primeira oitava grave) γάνος — brilho, brancura, alegria, bebida agradável (*ganoides*, peixes de escamas *brilhantes*; *Ganymedes*, príncipe troiano raptado por Jupiter para *tomar cuidado* com a *bebida agradável*, isto é, servir o nectar) γαργαρίζω — fazer ruído (*gargarizar*) γαστήρ — estomago (*gástrico*, *gastralgia*, *gastrónomo*, indivíduo que obedece ás leis do estomago, *gasterópodos*) γείτων — vizinho (*Aristogiton*, *optimo vizinho*) γελάω — rir (*Gelasio*) γεντιάνη — genciana γένυς — queixo (*génica*, nome de apophyses do maxillar inferior) γέρανος — grou (*geranio*, planta de fructos alongados e pontudos como o bico de grou) γέρων — velho (*gerontocomio*, *asylo* para velhos) γεύω — fazer provar (*ageustia*, *privação* do sentido do gosto) γέφυρα ponte (*gefíreo*, vermes que servem de *transição* para os echinodermos) γῆ — terra (*geodesia*, — *grafia*, — *logia*, — *metria*, *apogeo*, *perigeo*) γῆρας — velhice (*agerasia*, *velhice vigorosa*) γίγας — gigante, jayán γίγγλιμος *ginglino*, articulação que se move como um gonzo γίγνομαι — nascer (*génésis*, *genealogia*, *hidrógeno*, *cosmogonia*) γιγνώσκω — conhecer (*gnomo*, *diagnóstico*, *pronóstico*) γλαυκός — azulado, verde claro, *glauco* γλήμη — ramela (*legaña!*) γλήνη — cavidade (*glenoides*, cavidade que no omoplata recebe a cabeça do *humerus*) γλυκύς — doce (*glucínio*, metal que produz saes *doces*: *glucosa*, composto hydrocarbonado *assucarado*; *glicerina*, substancia *assucarada*) γλύπτω — gravar (*jeroglifo*, *gravura* dos *sacerdotes*, egypcios; *glíptica*, arte de *fazer relevos* em pedras preciosas) γλῶσσα — lingua (*glosa*, *interpretatio linguæ secretioris* (Quintiliano, I); *glosario*, *glotis*, *poligloto*) γνάθος queixo (*prognatismo*) γνάπτω — raspar, pentear (*gnafalio*, planta) γόνγγρος — *congrío*, peixe γόνγγυλος — redondo (*góngilo*, corpusculo reproductor de certas hepáticas) γόμφος — prego, cravelha (*gonfosis*, articulação dos dentes nos maxillares) γόνυ — joelho (*gonalgia*) γοργός — terrível (*Gorgones*, nome das tres *terriveis* filhas de Phorco) γράφω — gravar, es-

crever (*gráfico, grafito, grafologia, geografia*) γρίφος — rede de pescar, enigma (*logogrifo*) γρύζω — grunhir (*grillo*) γρυπός — curvo (*grifo*, animal fabuloso de bico e garras curvas) γυμνός — nú (*gimnástica*, exercício feito com o corpo nú; *gimnospermo*, vegetal de sementes descobertas; *jinete*, soldado agil por trazer armadura leve) γυνή — mulher (*gineceo, ginecologia*) γυρός — circular, redondo (*giro, giroscopio, girifalte*, falcão de vôo circular) γύψ — abutre (*gipaeto, abutre-aguia*) γύψος — *yeso* γωνία — angulo (*goniómetro, diagonal, trigono, pentágono*, etc.)

Δαιδάλλω — trabalhar com arte (*Dédalo*, o astucioso constructor do labyrintho de Creta) δαίμων — deus, genio, (*demonio*, espirito bom ou mau entre os antigos, maligno entre os christãos) δαίω — dividir (*geodoesia*) δαίωμαι — queimar (*dadila*, um dos oleos que constituem o oleo de terebenthina, extrahido de madeira resinosa que arde bem) δάκρυ — lagrima (*dacriolita, calculo lacrimal*) δάκτυλος — dedo (*dáctilo*, — *ógrafa*, — *oscopio*, *dátil*) δαμάζω — domar (*diamante, adamantino, indomavel* por sua dureza) δανάκη — danaza, Δαρείος — Dario (*dárico*, moeda) δασύς — denso (*dásipo*, o tatú, animal de dedos espessos proprios para cavar) Δᾶτις — Datis, persa (*datismo*, ridicula accumulacão de synonymos, á moda de Datis) δάφνη — loureiro (*Dafne*, a metamorphoseada em loureiro, *dafnáceas*) δείκνυμι — mostrar (*paradigma*) δεινός — terrivel (*dinoterio, dinosaurio*) δέκα — dez (*decámetro, decágono*) δέλτα — delta (a letra e a foz de certos rios) δελφίς — *delfín, golfín*, (*Diez*, I, 218) δελφύς — madre (*didelfos* mammiferos de utero duplo) δένδρον — arvore (*rododendro, dendrita*) δέρω — esfolar (*dermis*) δεσπάζω — ser senhor (*déspota*) δεύτερος — segundo (*Deuteronomio*) δέχομαι — receber

(*Pandectas, colédoco*) δέω — ligar (*diadema, asindeton, polisindeton*) δέω — ter falta de, ter necessidade de, ser mister (*deontologia, conhecimento dos deveres*) δηλέομαι — estragar, destruir (*deletéreo*) δῆλος — aparente, claro (*urodelos, batracios de cauda persistente*) δῆμος — povo (*demótica, democracia, epidemia*) διαίνω — molhar (*adianto, feto de folhas finas que a agua não molha*) διδάσκω — ensinar (*didáctico*) δίδυμος — gêmeo (*didimio, corpo que Welsbach dividiu em dous outros: o neo e o praseodymio*) δίδωμι — dar (*dosis, antidoto, anécdocta, Teodoro*) δίκη — justiça (*teodicea, justiça divina; síndico, o que em justiça defende interesses communs*) δίκταμον — *dictamo*, planta δίκτυον — rede (*dictioide*) δῖνος — turbilhão (*antidínico, contra as vertigens*) δῖος — divino (*eudiómetro*) διπλοῦς — duplo (*diploma*) δίς — duplas vezes (*dicotyledóneas*) δίσκος — disco διφθέρα — pelle preparada, pergaminho (*difteria*) δίχα — em duas partes (*dicotomia*) δίψα — sede (*dipsáceas*) δοκέω — parecer, crer (*docimasia, dogma, ortodoxia*) δολιχός — longo (*dolicocéfalo*) δόλος — dolo (*dolerita, basalto enganador por parecer-se com o diorito*) δόρξ — cabrito montez, camurça (*dorcadio, insecto*) δόρυ — madeira, chuço (*doríforo*) δοῦλος — escravo (*dulia, hiperdulia, cultos aos Santos e á Virgem*) δοχμός obliquo, curvo (*docmaico, pé muito desigual*) δράβη — *draba*, planta δράκων — *dragón* δραμεῖν — correr (*dromedal ou dromedario, hipódromo*) δράσσω — empunhar (*dracma, moeda que representava um punhado de obolos*) δρέπω — colher, ceifar (*dropacismo, applicação de um emplastro que arrancava os cabellos*) δρόσος — orvalho (*drosometria*) δρύππα — azeitona madura (*drupa*) δρυς — carvalho (*driada ou driade*) δύναμαι poder (*dínamica, dinastia, dinamita*) δύνω — mergulhar, penetrar (*anadiómenes, a Venus emergente*) δυς — particula inseparavel que significa dificuldade (*disnea, dispepsia*) δώδεκα — doze (*dodecágono*) δῶρον — dom (*Teodoro*).

Ἐβενος — *ébanos* ἐβίσκος — malvaisco, *hibisco*
 ἐγείρω acordar (Gregorio) ἐγώ — eu (*egolatria*) ἔδρα
 — assento (*poliedro, cátedra*) ἔθνος — nação, raça (*etno-*
grafia) εἶδον — vêr, saber (*idea, idilio, ídolo*, a termi-
 nação *oides* em geometria, anatomia) εἴκοσι — vinte
 (*icosaedro*) εἶκω — parecer (*iconoclasta, iconografia*)
 εἰλέω — enrolar (*ileon*) εἰμί — ser (*ontología!*) εἶμι —
 ir (*ion*) εἰρήνη — paz (*Irene*) εἶρω — dizer falar; no
 médio, interrogar (*ironia*) εἰς — para (*esotérico, epi-*
sodio) εἷς — um (*hendecasilabo*) ἑκατόν — cem (*heca-*
tombe, hectómetro) ἐλαία — oliveira (*elaiómetro*)
 ἐλαύνω — impellir (*elástico*) ἔλαφος — veado (*elafebo-*
lias) ἔλεγχος — *elegia* ἐλέγχω — convencer, provar (*elen-*
co) ἐλεῖν — tomar (*elépolis, ilota*) ἐλένη — facho
 (*Helena*) ἔλεος — compaixão (*limosna! eleisión*)
 ἐλεύθερος — livre (*Eleuteria*) ἐλέφας — *elefante* ἐλίσσω
 enrolar, fazer gyrrar (*hélice*) ἔλκος — *ulcera* (*helcolo-*
gia) ἔλκω — arrastar (*remolcar!*) Ἑλλάς — *Hélade*
 (*heleno*) ἐλλέβορος — *eléboro* ἔλμις — *lombriga* (*hel-*
minto) ἐλπῖς — *esperança* (*Elpidio*) ἐμέω — vomitar
 (*emético*) ἐμός — *emido*, tartaruga ἐν — em (*encáusti-*
ca) ἐννεά — (*eneágono*) ἔντεα — armas, utensílios, ins-
 trumentos (*auténtico*) ἔντυχος — (ou melhor ἐνδιβα —
endibia, planta ἐνυδρίον — *nutria* ἐξ — fóra de (*exoté-*
rico, éxodo, exosmosis) ἕξ — seis (*hexágono, — edro,*
ámetro ἐπισίσιον — pubis (*episiocèle*) ἐπτὰ — sete (*he-*
ptagono) ἔπω — dizer (*épico, epopeya*) ἐράω — amar
 (*erótico, Erasmo*) ἔργον — trabalho (*energía, ergás-*
tulo, erg, as palavras terminadas em *urgo*) ἔρδω —
 fazer (*orgia!*) ἔρεβος — *escuridão* (*Erebo*) ἐρέθω — pi-
 car, provocar, irritar (*eretismo*, estado de erecção)
 ἐρείκη — urze (*ericáceas*) ἐρεύθω avermelhar (*erisipela,*
Eritrea) ἔρημος — *yermo* (*eremita*) Ἐριννύς — *fúria*
 (*Erinis*) ἔριον — *lã* (*eriocaulé*) ἔρις — *disputa* (*eristi-*
ca) Ἑρμῆς — *Hermes* (*hermético, hermeneútica*) ἔρνος
 raminho, broto (*hernia*) ἔρπω — *rastejar* (*herpe*) ἔρχομαι
 — *vir* (*prosélito! Eliseo*) ἐσθίω — *comer* (*dermesto,*
insecto) ἔσπερα — *tarde, poente* (*Hesperia*) ἐστία —

fogão, casa (*hestieas*, festas gregas) ἑσγάρα — fogão. altar (*escara*, crosta negra das queimaduras) ἑσχατος — ultimo (*escatologia*) ἐσπίρος — amigo, companheiro (*hetera*) ἑτσός — verdadeiro (*etimologia*) ἕτερος — outro (*heteróclito*, *heterogéneo*) ἔτος — anno (*etesios*, ventos *annuaes* do Egypto) εὖ — bem (*eucalipto*, *Evaristo*) εὐνή — leito (*eunuco*) εὐριπος — estreito onde ha fluxo e refluxo (*Eurípedes*, tragico grego nascido no dia da batatalha do Euripo) εὐρύς — largo (*aneurisma*) εὐχομαι — pedir (*eucolegio*) ἐχῖνος — ouriço (*equinodermos*) ἕχης — vibora (*equidna*) ἕλω — ter (*hético*, *hético*, *énteco* (Diez, I, 228), *caquexia*, *eunuco!*, *época!*, *esquema!!* *cédula!!!*) ἔψω — cozer (*opso-mania*) ἔως — aurora (*eoceno*, aliás da fórmula poetica ἠός).

Zάω — viver (*ázoe*, *zodiaco*, *zoologia*) ζέα — espelta (*zeófago*) ζεύγνυμι — juntar (*zeugma* ou *zeuma*, *sicigia*, *cigomático*) ζέφυρος — céfiro ζέω — ferver (*zeolita*, *eczema*) ζῆλος — emulação, ciume (*celo*) ζῆτα — (*ceda* ou *zeta*) ζητέω — procurar (*zetética*) ζιγγίβερις — jengibre ζιζάνιον — cizaña ζίζυφος — yuyuba ζύμη — fermento (ácimo ou ázimo) Ζωῖλος — zoilo ζωμός — molho, caldo, (*zumo*) ζώννυμι — cingir (*zona*).

Ἡέη — mocidade (*efebo*) ἡγέομαι — conduzir, commandar; crer (*hegemonia*, *exégesis*) ἡδύς — suave (*hedonismo*) ἡθέω — filtrar (*etmoides*, osso em forma de crivo) ἡθος — costume (*ética*) ἡλεκτρον — ambar amarello (*electricidade* descoberta por fricção do ambar) ἡλιος — sol (*eliotropio*, *afelio*) ἡλος — prego (*helamis*, roedores com incisivos biselados) ἡμέρα — dia (*hemeralopia*, *efimero*) ἡμισυς — meio (*hemicyclo*, *hemistiquio*) ἡπαρ — figado (*hepatitis*, *hepática*) ἡπειρος — continente, terra firme (*Epiro*) ἡπίαλος

— *epialos*, febre continua ἡρύγγιον — *eringe*, planta ἕρως — *héroe* ἥσυχος — tranquilo (*hesiquiastas*, eremitas *quietistas* do sec. XI) ἤτορ — coração (*holetros*, familia de arachnideos) Ἡφαίστος — *Hefaisto* ἦχος — som, eco.

Θάλαμος — *tálamo* θάλασσα — mar (*talassocracia*) θάλλω — brotar, florir (*talo, talio, talófitas*) θάπτω — sepultar (*epitafio*) θάρρηλος — vaso cheio de fructos cozidos que se offereciam a Apollo (*targelias*) θάψος — madeira para tingir de amarello (*tapsia, planta*) θεάομαι — olhar (*teatro, teoría, taumaturgo*) θείνω — bater (*tenar*, nome da eminencia da mão, abaixo do pollegar) θεῖον — enxofre (*tiónico*) θέλω — querer (*monotelitas*) θέμις — ordem, lei, direito, justiça (*Temis*) θεός — Deus (*Teodoro, Teófilo, entusiasmo, ateo*) θεραπεύω — servir, cuidar (*terapeútica*) θέρω — esquentar (*termal, termómetro, termologia*) Θῆβαι — *Tebas* (*tebaida*) θῆλυς — *feminismo* (*epitelio*, primitivamente a epiderme do mamillo) θήρ — fera (*pantera, megaterio*) θησαυρός — *tesoro* θῆτα — *theta* θλάσπι — *tlaspi*, planta θλίβω — apertar, esmagar (*ectilisis*) θνήσκω — morrer (*Atanasio, tanatofobia*) θόλος — abobada, cupola (*toldo*, Diez, I, 338) θοός — rapido, agil (*Cimotoe*, que anda rapidamente sobre as ondas) θράομαι — assentar-se (*trono*) θρασύς — ousado (*Trasíbulo*, homem de *vontade audaz*) θραύω — quebrar (*cocotrausto*, passaro que *quebra* bagas, sementes, *carocos*) θρέω — gritar, fazer barulho (*threno*) θρίαμβος — *triufo* θριδάξ — alface (*tridacio*, extracto de alface) θρίξ — cabelo (*triquina*, verme como um fio de cabelo; *tris*) θρόμβος — coalho de sangue (*trombo*) θύμος — *tomillo*, cebola selvagem θυμός — coração, alma; vida (*entimema*, syllogismo do qual uma premissa fica no *espírito*, não é expressa) θύννος — atún θύρα porta (*ditirambo*, hymno ao deus que teve duas portas de sahida para o mundo) θυρεός — escudo (*tiroides*, glandula em *fórma de escudo*) θύρσος — *tirso* θύσανος — franja (*tisanópteros, insectos*) θύω

— queimar perfumes, immolar (*timiama*, certa droga aromática) θῶραξ — couraça (*tórax*).

Ἰάλλω — enviar, lançar, perseguir, correr (*efialtes*, pesadelo onde parecemos ter um peso lançado sobre nós) ἴαμβος — *yambo* ἰάομαι — curar, concertar (*pediatria, psiquiatria*) ἴασπις — jaspe ἴβις — *ibis*, ave ἴδιος — proprio, especial, particular (*idioma, idiotismo, idiota, idiosincrasia*) ἱερός — sagrado (*jerarquía, jeroglifo, hierofante, Jerónimo*) ἱεμί — lançar, enviar (*diesi*, accidente que lança a nota através da escala; *cateto*, lado perpendicular do triangulo, isto é, lançando para baixo) ἱκτερος — *ictericia* ἱλάσσομαι — aplacar, tornar propicio (*Hilario*) ἰώ — violeta (*yodo*, por causa da côr dos vapores) ἵππος — cavallo (*hipocampo, lagarta* parecida com *cavallo*, cavallo marinho; *hipopótamo*, cavallo do rio; *Hipólito*, o homem que deve ser despedaçado por cavallos, o enteado de Phedra) ἴρις — arco-iris, *iris* (*planta*) ἰς — fibra (*inopexia, coagulação da fibrina*) ἰσάτις — *isatis*, planta ἰσθμός — *istmo* ἴσος — igual (*isócromo, isómero, isósceles*) ἴστωρ — o que sabe, julga, testemunha (*historia*) ἴστημι — pôr de pé, deter (*estático, éxtasi ou éxtasis, sistema, apostema, apóstata*) ἰσχίον — anca (*isquión, ciático!*) ἰχθύς — peixe (*ictiologia, ictiosauro*) ἰχνος — pista, passo (*icnografia, traço de um edificio; icneumon*, um insecto e um mamífero) ἰχώρ — sangue limpido (*icor, pus*; entretanto, era o sangue dos deuses, como se vê da *Iliada*, V, 339) ἰῶτα — *iota* (*jota*).

Κάβειροι — *Cabires* Κάδμος — *Cadmo* (*cadmia, cadmio*) καθαίρω — purificar (*catártico*, acido das folhas da planta *purgativa* sene; *cadarzo*, segundo Meyer Lübke) καινός — recente (*eo-, mio-, plioceno*) κáινωμαι — vencer (*Cástor, castor*) καίω — queimar

(causterio, cáustico, holocausto, calma) κακός — mau (cacofonia, cacografia) κάκτος — cacto κάλαθος — cesto (calátida, planta) κάλαμος — caniço (cálamo, calamidade com interessante semantica) κάλανδρα — calandria καλέω — chamar (Anacleto, Paracleto ou Paraclito, eclessiástico, igreja!) καλός — bello (caligrafia, calidoscopio, calomel ou calomelanos) καλύπτω — cobrir, envolver (cáliz, eucalipto, por causa da forma do calice; apocalipsis, livro onde se revelam, descobrem cousas futuras) καμηλός — camello κάμμαρος — cámaro ou cámbaro ou camarón ou gámbaro κάμνω — trabalhar, fatigar-se (acamatós, completo repouso dos musculos) κάμπτω — dobrar, curvar (hipocampo, lagarta flexível parecida com cavallo, cavallo marinho; cámara, compartimento abobadado) κάνθαρος — cántaro κανθός — gargalo estreito de bilha (decantar, transvasar delicadamente um liquido onde se fez uma borra) κάννα — caniço, junco (caña, canal, canela, canilla) κάνναβις — cañamo (canabíneas) κάνων — regua (canon, canonje, cañon) καπνός — fumaça (apocapnismo, fumigação) κάππα — kappa κάππαρις — alcaparra (pele arabe, Engelmann) κάραθος — caranguejo, lagosta, escaravelho (escarabajo, carabela, diminutivo do baixo lat. carabus, G. Ruch, Anuario do Collegio Pedro II, vol. I, pag. 280) κάρδαμον — especie de agrião (cardamina, gallicismo segundo Toro y Gomes que prefere mastuerzo) καρδία — coração, cardias (cardiaco, pericardio, carditis) κάρη — cabeça (cara) καρκίνος — caranguejo (carcinoma) κάρως — somnolencia (carótidas, arterias de que os antigos faziam a séde da somnolencia) καρπός — fructo (carpo, epi-, endo-, meso-, pericarpio) Καρύαι — a cidade laconia de Caryas, cujos habitantes foram escravizados (cariátide, termo de architectura) κάρυον — noz, avelã, caroço, nucleo (cariofileas) κάρφω — seccar, murchar (carfolita, pedra com apparencia de palha) κασσία — canna fistula, casia κασσίτερος — estanho (casiterita) κάστανον — castaña, isto é, noz da cidade thessalica de Castana

κατά — para baixo (*catarro, catástrofe, cátedra*), segundo (*cada, segundo Bréal*) καυκαλῖς — *caucalis*, planta καυλός — caule, tronco (*col*) κάψα — *caja* (*cápsula*) κέδρος — *cedro* κελεύω — ordenar, exhortar (*chusma, segundo Meyer Lübke*) κενός — vazio (*cenotafio*) κεντέω — picar (*centro, porque, enquanto um dos braços do compasso descreve a circumferencia, o outro pica somente o centro*) κεράννυμι — misturar, temperar o vinho (*crasis, vaso onde se temperava o vinho, cráter parte do vulcão em fôrma de taça, cerámica, a arte de fazer objectos com uma terra misturada de agua*) κέρας — chifre (*cerasta, serpente chifruda, queratitis, inflammação da cornea; rinoceronte, animal que tem chifre no nariz*) κέρασος — *cerezo*, planta que Lucullo trouxe da cidade de Cerasonte, na Anatolia κερανός — raio (*ceraunoscopio*) Κέρβερος — *Cerbero* κέρκος — cauda (*cercopiteco, macaco de cauda comprida*) κεφαλή — cabeça (*cefalalgia, acéfalo, encéfalo, cefalópodo*) κέδομαι — ter cuidado (*acidia*) κήλαστρος — ameixieira brava (*celastríneas*) κήλη — tumor (*hidrocele*) κηρός — *cera* (*cerio, cerita*) κηρύσσω — proclamar (*caduceo ou cadúceo, vara do divino arauto, Mercurio*) κιβώριον — fava do Egypto, taça, *ciborio* κιθάρα — *citara, guitarra* κίκιννος — cabellos frisados (*Cincinnati*) Κιλικιος — natural da Cilicia (*cilicio, cintura mortificante, de grosso panno de pelle de cabra, usado pelos soldados e marinheiros da Cilicia*) κιμωλία — terra branca do monte da ilha de Cimoli, uma cyclada (*cimolita*) κινάρα — alcachofra (*cinara*) κινέω — mover (*cinemática, parte da mechanica que estuda o movimento; cinematógrafo*) κιννάβαρι — *cinabrio* κιννάμωμον — *cinamomo* κίρκος — *círculo, circo* (*cricoides*) κιρρός — amarello (*cirrosis, molestia em que o figado apresenta granulações côr de palha*) κισός — variz (*cirsocele*) κισός — hera (*cisoídea, curva parecida com o contorno da folha da hera*) κίστη — *cesta* (*cesto, cisto, cisterna*) κίστος — sargaço (*cistineas*) κίτρον — limão (*citrico*) κίχορα — *chicória ou achicoria*

(é curiosa a metathese da aspirada) κίων — uvula (cionitis) κλάδος — ramo (*cladodio*, gomo que se dilatou e apresenta o aspecto de folha) κλάω — quebrar (*iconoclasta*) κλείω — fechar (*clitoris, aclidia*) κλέος — ruído, fama, gloria (*Clio*, a musa da historia, os nomes em *cles*: *Temístocles*, celebre por sua justiça, *Sófocles*, celebre por sua sabedoria) κλέπτω — roubar (*clepsidra*, relógio que marca o tempo *roubando agua*; *cleptomania*, doença *mental* que força o individuo a *roubar*) κλήμα — sarmento (*clemátide*, planta) κλήρος — suffragio, sorte, divisão, parte (*clero*, porque a tribu de Levi só tinha a *parte* do Senhor) κλίμαξ — escada (*clímax*, termo de rhetorica e de musica; *Clímaco*, sobrenome que recebeu S. João da Palestina porque escreveu um livro intitulado *Clímax* onde mostrou os trinta degraus que a alma tem que subir até alcançar a perfeição) κλίνω — inclinar (*clínica*, isto é, junto ao leito; *clima*, zona onde se vê a polar mais ou menos *inclinada* e, por conseguinte, faz mais ou menos calor; *enclítico, proclítico*) κλόνος — agitação, desordem (*clónico*, espasmo com movimento convulsivos) κλύζω — lavar (*clistel* ou *clister, cataclysmo*, isto é, inundação de cima para baixo) κλώθω — fiar (*Cloto*, a parca que fia) κνίψ — mosquito (*clnife*, um hymenoptero) κόγχη — concha (*cuenca*) κόθερνος — coturno κοίλος — cavo (*celíaca*, arteria da cavidade intestinal) κοιμάω — dormir (*cementerio, logar* onde se *dorme* o somno eterno) κόκκος — caroço, baga (os microbios cujo nome termina em *coco*) κόκκυ — cuco (*cóccix*, osso que apresenta alguma analogia com o bico do *cuco*) κολάπτω — bater (*golpe!* Diez, Meyer Lübke, Pidal) κολέος — baina, estojo (*coleóptero*, insecto cujas azas superiores corneas servem de *estojo* das inferiores) κόλλα — cola κόλλυθος — pequena moeda (*colibístico*, relativo ao cambio) κολύρα — pão mal levedado (*colírio* medicamento em fórmula de massa de pão) κολοκάσιον — *colocasia*, planta κολόκυνθα — abóbora, (*coluquintida*) κόλον — pratos, nutrição

(*discolo*, individuo exigente em materia de comidas) κολοσσός — *coloso* κελούω — cortar, mutilar (*coluro*, o meridiano celeste dos solstícios, circunferencia com as *extremidades mutiladas* por outras na esphera armillar) κολοφών — cumieira, fim (*colofón*, fecho das obras typographicas antigas) κολοφωνία — resina da cidade lydia de Colophono (*colofonia*) κόλπος — seio, dobrar, *golfo* κολυμβάω — mergulhar (*colimbo*, ave) Κολχίς — a Colchida, patria de Medéa (*cólquico*, planta venenosa) κομέω — tratar, cuidar (*manicomio*) κόμη — cabelleira (*cometa*) κόμμι — *goma*, κόνδυλος — articulação (*cóndilo*, articulação do *humerus* com o *radius*, do *femur* com a tibia) κενέω — trabalhar, apressar-se servir (*diácono*, ministro ecclesiastico que serve ao bispo no altar) κοντός — estaca, croque (*contera*) κόπρος — excremento (*coprolito*, excremento fossil; *coprófago*) κόπτω — cortar (*coma*, após-, *síncope*) κοράλλιον — coral κόραξ — corvo (*coracoides*, uma apophyse do omoplata) κορέννυμι — saciar (*ácoria*) κόρη — menina dos olhos (*ácoro*, planta usada em molestias de olhos) κόρις — percevejo, *coris* (planta) (*culandro!* por *coriandrum*) κορύβας — *coribante* κόρυζα — ranho (*coriza*) κόρυμβος — *corimbo* κόρυς — capacete (*coruscar*) κρυφή — cabeça (*corifeo*, o cabeça do côro) κορώνη — gralha (*coronoidea*, nome de varias apophyses) κόσκινον — crivo (*coscinomancia*) κόσμος — ordem, belleza, mundo (*cosmético*, *cosmopolita*, *cosmografia*) κόστος — *costo*, planta κοτύλη — cavidade (*cotiledón*) κούρος — moço, isto é, que está na idade de cortar os cabellos (*Epicuro*, *Dioscuros*, moços de *Jupiter*) κόφινος — cesta (*cuébbano* ou *cuévano*) κόχλις — caracol (*cuchara!*) κραιπάλη — embriaguez (*crápula*) κράσπεδον — orla, franja (*craspedóforo*, insecto) κράτης — força (*autó-*, *demó-*, *aristócrata*) κρέας — carne (*creosota*, substancia que salva da podridão a carne; *páncreas*) κρείων — rei, chefe (*Creusa*) κρηθμον — *critmo*, planta κρημνός — precipicio (*cremnóbata*, acrobata que anda sobre precipicios, como Blondin no

Niagara, por exemplo) κρήνη — fonte (*Hipocrene*, fonte do cavallo Pegaso) κριθή — cevada (*critoman- cia*) κρίνον — lirio (*crinómiro*, medicamento aromati- co antigo) κρίνω — escolher, julgar (*crisis*, *criterio*, *crítica*) κριός — cordeiro (*criocéfalo*) κροκόδειλος — crocodilo κρόκος — açafão (*crocino*) κροκότας — hyena (*crokota* ou *crucusa*) κροσσός — franja (*crosoπέταλο*) κρόταφος — temporas *croτάfica*, arteria das *temporas*) κρότος — barulho (*crótalo*) κρύος — gelo (*criómetro*, *crystal*, o gelo é o cristal por excellencia) κρύπτω — es- conder (*criptógamas*, *apócrifo*, *criptón*, o gaz escon- dido no ar, *gruta*) κτάμαι — adquirir (*Epicteto*, phi- losopho que foi *escravo*) κτίζω — construir fundar (*anfictions*, embaixadores que residiam em casas *construidas ao redor* do templo Delphos) κύαθος — ta- ça (*ciatoídeo*) κύανος — azul (*cianoíde*) κυβερνάω — governar κυβη — cabeça (*cibística*, dansa grega com cambalhotas) κύβος — cubo κυδωνέα — marmelo silvestre (*cidonina*, substancia gommosa das sementes do marmelo) κύκλος — circulo (*ciclo*, *ciclón*, *cicloide*, *Ci- cladas*, *encíclica*, *enciclopedia*) κύκνος — cisne (por *cicinus*) κύλιξ — cáliz, taça κυλίω — rolar (*cilindro*) κυλλός — concavo, curvado, torto; desforme (*cillosis*, o *pied-bot* dos francezes) κύμα — onda (*Cimotoe*) κύμβη — vaso concavo, barca (*címbalo*, *catacumba*) κυμινον — *comino* κυνάρα — roseira brava (*cinara*) κυπάρισσος — *ciprés* Κύπρος — Chypre (*cobre*, o metal de Chypre) κυπρινος — carpa (*cíprino*) κύπτω — incli- nar, abaixar-se para adiante (*cifosis*, curvatura ano- mala da columna vertebral) Κυρήνη — a cidade de Cy- rene (*Cireneo*, o homem que ajudou a Jesus na Via Dolorosa) κύρος — autoridade, garantia (*Ciriaco*, *kirie*, o começo da ladainha) κύστις — bexiga (*quisto*, *cistit- tis*) κύτισος — *citiso*, *codeso* κύτος — cavidade, cellula (*leucocito*, *cellula* ou *globulo branco* do sangue) κυψέλη — cavidade, cofre (*Cipselo*, rei de Corintho, escondido dentro de um cofre em sua infancia; *cipse- lo*, um *passaro*) κύω — conceber filhos, trazer (*alción*,

Incubat alcyone pendentibus æquore nidis, segundo Ovidio) κύων — cão (*cínico, cinocéfaló*, especie de macaco) κώδεια — cabeça de papoula (codeína, alcaloide soporífero) κωκύω — lamentar (*Cocito*, rio do Inferno) κῶλον — membro parte (*colon, cólica*) κῶμα — somno continuo e pesado, *coma* κῶμος — festim, orgia (*comedia*, isto e, *canto* de festim) κώνειον — cicuta (*conicina*, um alcaloide) κῶνος — cono κώνωψ — mosquito (*conopso*) κώπη — remo (*copépodos*, crustaceos com antenas natatorias) κωρυθός — aljava (*goldre!* Pidal) κώρυκος — certa bola dos atletas (*coricomáquia*) κωφός — surdo, mudo, (*cofosis*, surdez absoluta).

Λᾶας — pedra (*Latomias*, prisões talhadas na rocha) λαβύρινθος — laberinto λαγχάνω — obter por sorte (*Laquesis*, a parca que segurava o fuso) λαγως — lebre (*lagóstomo, labio leporino*, fendido) λαέρτης — um insecto (*Laertes*, o pai de Ulysses) λαιμός — garganta (*lemodípodos*, crustaceos cujas patas dianteiras estão inseridas debaixo do pescoço) λαίβς — tordo (*Laio*, o pai de Edipo) λαλέω — falar, tagarelar (*Eulalia*, mulher que *fala bem*) λαμβάνω — tomar (*astrolabio, lema, sílaba, epi-, catalepsia*) λάπη — lapa (Diez, I, 52) λάμια — *lamia* λάμπω — brilhar (*lámpara, eclampsia*) λανθάνω — estar escondido, ignorar (*letargia*, somno de *inercia* e *esquecimento*; *lantano*, metal escondido no cerito) λάός — povo (*Nicolás*, o *vencedor* de povos; *lego*, do *povo*, não da ordem religiosa; *liturgia!*) λαπάζω — *amollecer*, esvaziar (*laparotomia, incisão* no *flanco* para operar a hernia lombar) λάριξ — *lárice* ou *alerce* λάρος — *gaivota* (*laro*) λάρυγξ — *laringe* λάσσω — *retumbar*^a gritar (*lacedemonio*, segundo Chassang) λάτρις — *mercenario, escravo, adorador* (*idolatria*) λέγω — *fazer deitar* (*loquios*, *corrimentos consecutivos* ao parto); reunir, escolher (*égloga, ecléctico, antologia*) falar, dizer (*léxico, lógica, prolegómenos* e as palavras terminadas em *logia*) λειμών — *prado* (*lemaza* (ant.), *limáceo*) λείος — *polido, unido*,

liso (*lienteria*, diarrhéa em que os alimentos são expellidos sem elaboração) λείπω — faltar, deixar (*eclipse*, *elipse* (geom.), *elipsis* (gram.), *Paralipómenos*, livros da Biblia que contém o que *falta* nos quatro dos Reis) λείριον — *lirio* λείγω — *lamber* (*liquen*, inflammação dartrosa que parece *lamber* a pelle, planta parecida com a inflammação) λεικάνη — *bacia*, prato (*lecanomançia*) λέκιθος — *gemma* de ovo (*lecitina*, corpo graxo da *gemma* do ovo) λέμνα — *lentilha* d'agua (*lemnáceas*) λέπω — *pellar*, *esfolar* (*lepra*, enfermidade que *esfola* a pelle; *lepidóptero*, insecto de azas escamosas) λεπτός — *delgado* (*leptocarpo*) λευκός — *branco* (*leucorrea*, *leucocito*, *Leocadia*, natural da ilha jonica de Leucade, de *brancos* rochedos) λέων — *leão* (*leopardo*, *Leoncio*) λήγω — *acabar*, *cessar* (*cataléctico*, verso que *acaba* com falta de uma syllaba) λῆδος — *esteva* cipriota donde se extrae o *ládano* λεμνίσκος — *fita* (*lemniscata*, curva em fôrma de 8 como um laço de *fita*) ληνός — *lagar* (*Leneas*, festas de Baccho) λίθος — *pedra* (*aero-*, *monolito*, *litio*) λιμήν — *porto* (*limenarca*) λιμός — *fome* (*bulimia*, fome bovina, aliás canina) λίπος — *gordura* (*lipoma*, tumor gorduroso) λίσσομαι — *pedir* (*letania!*) λιτός — *unido*, *simples*, *pequeno*, *delgado* (*litote*, figura que diz *menos* para dizer mais) λίτρα — *libra* (peso e medida) (litro) λόβος — *lobo* λόγχη — *lança* (*loncha*, uma pedra chata, *lonja*) λοιμός — *peste* (*lemologia*) λοξός — *obliquo* (*loxodromia*, termo de nautica; *lujación*) λόφος — *crista*, *pennacho* (*lofobránquios*, peixes) λύγξ — *lince* (*onza!*) λύθρον — *sangue* misturado com poeira (*litra-rieas*, plantas) λύκος — *lobo* (*Liceo*, jardim consagrado a Apollo destruidor de *lobos*; *licopodio*, pé de lobo) λύπη — *tristeza* (*lipemanía*, *Alipio*) λύρα — *lira* λύσσα — *raiva* (*lison*, crucifera outrora empregada contra a *raiva*) λύχνος — *lampada*, *archote* (*licnobio*, bohemio que não vê a luz do sol) λύω — *desligar*, *soltar* (*análisis*, *diálisis*, *parálisis*, *Lisímaco*) λῶρον — *cor-*

reia (*lorantáceas*, plantas de folhas *coriaceas*) λῶτος
— *loto* (flor, herva e arvore).

Μαγνησία — cidade da Lydia (*magnético*, relativo a um minereo de ferro, encontrado a principio proximo áquella cidade; *magnésio*) μαδός — calvo (*madarosis*, queda dos cilios) μάζα — *masa* μάζος — *mamma* (*Amazonas*, mulheres *sem seios*; Μείανδρος — o sinuoso rio Meandro, na Troade (*meandro*) μαμιάω — ser agitado por violentos transportes (*memacterias*, festas em honra de Zeus *violento*) μαινομαι — ser louco (*mania*, *melómano*, *erotómano*) μαίωμαι — desejar, procurar, atirar-se com ardor (*autómato*, que tem *desejos propios* e por conseguinte move-se para onde quer) μάκαρ — feliz (*Macario*) μακρός — grande (*macrocéfalo*) μαλάσσω — amollecere (*malacologia*, estudo dos *molluscos*; *malacopterigios*, peixes de *barbatanas* (*azas*) *flexiveis*) μάλα — *malta*, mistura de pez e cera μαλλός — *tosão* (*marlota*, atravez do arabe *mal-louta*, segundo Engelmann) μάνδρα — *estabulo* (*archimandrita*, *superior* de um mosteiro, o qual guarda as ovelhas espirituaes) μαθηάω — aprender (*matemática*, a *sciencia*, por excellencia) μανός — delgado, rarefeito (*manómetro*, instrumento que *mede a rarefacção* dos vapores das machinas) μάντις — *adivinho* (*nigromante*, *quiromancia*) μάραθρον — *funcho* (*Maraton*, campo de *funcho*, logar celebre na historia da civilização) μαράινω — *murchar* (*amaranto*, a crista de gallo, a flôr que, segundo Milton, se mostrava no paraíso junto á arvore da vida; *marasmo*) μάρμαρος — *nacar*, *perola* (*Margarita*, *margarina*) μαρμαίρω — *brilhar* (*mármol*) μάρσιπος — *sacco* de couro (*marsupial*, animaes com sacco na barriga como a gambá) μάρτυρ — *testemunha* (*mártir*; *Eritis mihi testes...*, dizia Christo (Act., cap. I) μασάωμαι — *mascar*, *comer* (*masetero*, o musculo da mastigação, *mostacho*!!) μάσσω — *amasar* μάστιξ — *chicote* (*mastigóforo*, o policia dos

amphitheatros) μάτην — em vão (*mateologia, estudo de materias abstractas fóra do nosso alcance*) μάχομαι — combater (*tauromaquia, nauumaquia, Telémaco, Andrómaca*) μεγάριω — invejar, odiar, fascinar (*megera, uma furia*) μέγας — grande (*megalomania, megaterio*) μέδω — reinar; no medio, tomar cuidado, pensar (*Medusa, a princeza*) μέθυ — vinho doce (*amantista, pedra que preservava da embriaguez*) μείρομαι — partilhar (*isomeria, polimeria*) μείων — menor (*mioceno*) μέλας — negro (*melancolia, negra bilis dos atrabiliarios, calomel ou calomelanos, nome dado por Turquet de Mayerne em honra a seu servente que era um bello pretinho*) μέλι — mel (*hidromel, que é talvez um hybridismo; melisa, herva cidreira*). μελία — freixo (*melíaceas*) μέλος — membro, *melodia* (*melomano, melodrama, Filomela*) μέλω — cantar, celebrar (*Melpómene, a musa da tragedia*) μέλω — ter cuidado (*Melibeo, o pastor que cuida dos bois*) μένος — valor, coragem, força, violento desejo (*Euménides, nome dado por antiphrases ás Furias*) μέσος — medio (*mesocarpio, mesenterio*) μετά — significando troca, collocação posterior (*metacarpo, metamorfosi ou is, metempsychosis ou ícosis, metáfora, metátesis, metafísica, os tratados de Aristoteles que vinham depois da physica*) μέταλλον — mina, *metal* μέτρον — medida. (*metro*) μέδομαι — ter cuidado, meditar, (*Diomedes, o cuidado de Jupiter*) μήκος — comprimento (*mecómetro, instrumento para medir o comprimento do feto*) μήκων — papoula (*meconio*) μήλη — sonda do cirurgião (*anquilomele, sonda curva*) μήλον — maçã (*málico, melinita, explosivo côr de marmelo*) μήν — mez (*amenorea, menopausia, emenagogo*) μήνη — lua (*neomenia, menisco, lente convexo-concava em fórma de crescente*) μήνιγξ — membrana fina (*meninge*) μήτηρ — mãe (*metritis, metrópoli ou is*) μηχανή — *máquina*, meio (*mecánica*) μαιίνω — sujar, tingir (*miasma, exhalção deleteria; amianto, mineral incombustivel*) μίγνυμι — misturar (*mixolidio, modo da musica grega*) μικρός —

pequeno (*microbio, microcéfalo, microcosmo*) μιμέομαι — imitar (*mímica, pantomima, representação theatral* muda onde *tudo* é por *mímica, mimetismo, imitação* do meio) μίνθα — hortelã pimenta (*menta*) μινύθω — diminuir (*miníante, planta*) μῖσος — odio (*misántropo, misógino*) μίτος — fio (*polimita, de muitos fios* de diversas côres) μίτρα — diadema, turbante, *mitra* μίτυλος — que tem os chifres quebrados (*mitulo, almeja!*) μνᾶ — *mina* μνάομαι — lembrar (*mnemónica, amnesia, amnistia*, isto é, esquecimento e não perdão) μόγος — trabalho, fadiga (*mogilalismo*) Μολοσσοί — *Molosos*, povo do Epiro (uma especie de cão e um pé de verso antigo) μόλυβδος — chumbo (*molibdeno, corpo simples* cujo sulfeto se parece com o *chumbo*) μόνος — só (*monosílabo, monarquia, monástico, monacal, monje*) μόρον — *mora* (*Morea*, nome que o Peloponeso passou a ter depois do sec. VI por causa da grande quantidade de amoreiras de que se cobriu para sustentar os bichos de seda trazidos da India) μορφή — fôrma (*morfologia, amorfo, metamorfosi* ou *is; Morfeo*, o deus das fôrmas e visões nocturnas, *artificem simulatoremque figuræ Morphea*, segundo Ovidio; *morfina*, alcaloide soporifero) μόσχος — bezerro, broto *musgo* ou *musco*, (nuez) *moscada, moscatel*, vinho perfumado, *almizete*, substancia odorifera de um cabrito do Thibet) μουσα — *musa* (*museo*, casa destinada ao estudo das letras, sciencias e artes e onde para isso se reúnem numerosos objectos; *música*, a *arte*, das *musas*; *mosaico*, pedacinhos que formam obras de arte) μοχλός — alavanca (*hipomoclio* ou *on*, ponto de apoio da *alavanca*) μῶ — *mi* (*mutacismo*, vicio de pronuncia) μυελός — medulla (*mielitis*) μῦθος — fabula, narração, *mito* μῦα — *mosca* (*miodarios*) μύκης — cogumelo (*micología, micosis*, molestia produzida por *cogumelo*) μυκτήρ — narina (*micterismo*, zombaria, os antigos ligavam a idéa de *narigudo* á de zombeteiro) μόλη — *mó* (*almidón, amiláceo*, substancia farinhenta feita *sem mó*) μύριχη — tamargueira (*mírlica*) μύριοι

-- dez mil (*miriámetro*) μύρμηξ — formiga (*Mirmidón*, Ovidio, *Met.*, VII, 654) μύρος — morena (pelo latim *muræna*) μύρρα — mirra μύρτος — murta (*mirtáceas*) μύρω — gottejar, correr (perfume) (*miristicáceas*) μῦς — rato, musculo (*miosota* ou *is*, planta cujas folhas se parecem com a orelha do rato; *miologia*, estudo dos musculos) μύσσω — assoar o nariz (*mixa*, o vertice da mandibula das aves) μυγός — fundo (*endomico*, insecto) μύω — fechar (*miope*, individuo que fecha os olhos; *misterio*, cousa fechada) μῶμος — censura, motejo (*momo*, *momería*).

Νάβλας — nabla νάνος — anão (*enano*, *nanocéfalo*) ναός — templo (*neócoro*, o que velava pela limpeza do templo) νάπη — collina ou valle arborizado, floresta, bosque (*napéa*, nympha dos bosques; *Napoleon*, leão da floresta) νάρδος — nardo νάρκη — torpor (*narcótico*, *narciso*, planta com propriedades soporíferas) ναῦς — navio (*náusea*, enjôo de mar, *nauta*, *naumaquia*, *náutica*) νάφθα — nafta νάω — correr (agua) (*náyade*, nympha das aguas; *Nereo*, deus marinho; *aneroide*, barometro sem liquido) νεβρός — filhote de corça (*nebrita*, pedra) νεῖκος — disputa, altercação (*Polínice*, cuja historia justifica o nome) νεκρός — morto (*necrología*, *necrópolis*, *necrosis*, *migromante*) νέκταρ — néctar νέμω — pastar, distribuir, governar (*nómada* ou *e*, *autónimo*, as palavras terminadas em *nomía*, *numismática*) νέος — novo (*neófito*, *neológico*) νεῦρον — nervo (*neurología*, *neurastenia*, *neuralgia*) νέφος — nuvem (*nefelemancia*) νεφρός — rim (*nefritis*) νέω — nadar (*pleuronectos*, peixes que nadam de lado) νέω — fiar (*nema*, *nematodo*, classe de helminthes) νη — particula privativa (*nepenta*, bebida que na Odysséa Helena dá a Telemaco para acalmar-lhe a dôr, *prival-o* da dôr; nome de planta) νῆσος ilha (*Peloponeso*, *Micronesia*, *Polinesia*) νεύω — inclinar a cabeça (*neuma*) νίκη — victoria (*Nicasio*, *Nicandro* e *Nicanor*, o que vence homens, *Nicodemo*, *Ni-*

colás o que *vence povos*; *Aniceto*, o invencível; *Nicéforo*, o que *traz a victoria*; *Nicea*; *epínicio*, canto de *victoria*) Νιόβη — Niobe (*niobio*, corpo simples dedicado a Niobe) νίτρον — *nitro* νίξω — nevar (*Nifates*, montanha asiatica coberta de neves, *rigidus Niphates*, como diz Horacio) νέθος — bastardo (*noto*, sobrenome de Dario II, filho *natural* de Artaxerxes I) νόσος — molestia (*nosologia*, *nosografia*) νόστος — regresso (*nostalgia*, a *dôr da volta*) νοῦς — espirito (*noologia*, synonymo de *psychologia*) νύμφη — *ninfa* νύξ — noite (*nictalopia*, *visão nocturna* com si fosse de dia) νύσσω picar, ferir (*escleroticonixis*, *perfuração da esclerótica* para operar a cataracta) νυστάζω — cabecear (*nistagmo*, *oscillação do globo ocular* em torno do eixo vertical ou do horizontal) νῶτος — dorso (*notalgia*).

Ξανθός — amarello (*xantina*, materia corante das flores) ξενός — estrangeiro (*xenófilo*, *xenóphobo*, *Poli-xeno*, *homem que acolhe muitos estrangeiros*; *Jenofonte*, que fala uma *lingua estrangeira*; *proxeneta*, o que serve de mediador para proteger o estrangeiro, caften; *Euxino*, nome dado ao mar Negro por antiphrase) ξηρός — secco (*filoxera*, insecto que faz *secar as folhas das vinhas*) ξί — *xi* (*equis*) ξίφος — espada (*monstro xifópago* constituido por dous individuos *ligados* desde o appendice xiphoide, que remata inferiormente o esterno, até o umbigo) ξύλον — madeira (*xilófago*, *xilófono*, instrumento musico de *pau*) ξύω — raspar, polir (*xisto*, galeria onde os *athletas* se raspavam; *Sixto* (cfr. o francez).

Ὀζορ — companheira, esposa (*oartocracia*) ὀβελός — espeto (*obelos*, signal paleographico; *obelisco*, agulha de pedra) ὀβολός — *óbulo* ὀβριζον — *obrizo* ὄγκος — tumor (*oncotomia*) ὁδός — caminho (*ánodo*, *cátodo*, *éxodo*, *método*, *periodo*, *episodio*, *sínodo*, *assembléa*

de padres convocados pelo bispo) ὀδύς — dente (*odontologia, mastodonte*) ὀδύνη — dôr (*anodino*, que acalma a dôr) ὀδύσσασθαι — zangar-se (Ulises! πολλοῖσιν γὰρ ἔγωγε ὀδύσσαμενς... τὸ δ' ὀδυσσεὺς ὄνομ' ἔστω ἐπόνυμον, como explica Autolyco por bocca de Homero; *odisea*, viagem cheia de peripecias como o regresso de Ulysses a Ithaca) ὄζω — cheirar bem ou mal (*osmio*, metal cujo peroxydo tem um cheiro desagradavel; *ocena*, mau cheiro do nariz; *ozona* ou *o*, oxygenio electrizado com cheiro de enxofre; *husmo*!) ὄθρῦς — montanha arborizada (o monte *Otris*, na Thessalia) οἰδέω — estar inchado (*edema, Edipo*, isto é, *pés inchados*, por estar a criança pendurada numa arvore, segundo Sophocles) οἶκος — casa (*monoico, dioico, diócesi* ou *is, parochia, economia, lei da casa; ecuménico*, concilio que abrange toda a terra *habitada*) οἶμος — caminho; fig. canto (*proemio, quod ante ingressum rei ponitur*, diz Quintiliano; *paremiologia*, estudo dos proverbios, dictos que se citam a proposito, quando estão *juntos* do *caminho* do que se trata) οἶνος — vinho (*enófilo, enófobo, enologia, enómetro*) οἶστρος — vespa cuja picada enfurecia; Virgilio fala della nas Georg. III, 147... (*estro*, furor poetico) οἶσω — levar (*esófago*) ὀκτώ — oito (*octaedro*) ὀλίγος — pouco (*oligarquia, oligisto*, minerio que tem menos ferro que o magnetito) ὀλοθύριον — *holoturina* ὄλος — todo inteiro (*holocausto*, todo queimado; *católico*, isto é, universal) Ὀλυμπος — o monte *Olimpo* (*olímpico, Olimpico, olimpiada*) ὄλυθος — figo verde (*Olinto*, cidade ὄλυρα — trigo candial (*Olios*, cidade grega) ὄμηρος — refens, cego (*Homero*) ὄμός — semelhante (*homogéneo, homólogo, homónimo, homilia, anómalo, homeopatia*, porque *similia...*) ὄμφαλός — umbigo (*onfaloideo*) ὄνειρος — sonho (*onirocrisia*) ὄνίνημι — ser util (*Onésimo*, como faz sentir S. Paulo na epistola a Philemon: καὶ σοὶ καὶ ἐμοὶ εὐχρηστον) ὄνομα — nome (*onomatopeya, onomástico, anónimo, antónimo, homónimo, sinónimo, Jerónimo, nome sagrado*) ὄνος — asno (ona-

gro) ὄνηξ — unha (*ónice* ou *ónique* ou *ónix*) ὄξύς — azedo, agudo (*óxido*, *oxígeno*, *oxálico*, *oxitono*, *oxiu-ros*, vermes de *cauda aguda*) ὀπάλλιος — *ópalo* ὀπίσω — atraz (*opistógrafo*, documento antigo escripto no recto e no verso) ὀπλον — arma (*hoplita*, *oploteca*, *panoplia*, reunião de *todas* as *armas*) ὀπός — succo (*opio*, o succo da papoula) ὀπτάω — assar, cozinhar (*artopta*, forno portatil para *pão*) ὀράω — ver (*éforo*, autoridade fiscalizadora espartana; *panorama*, *vista* geral; *cosmorama*, *vista universal*) ὄργανον — instrumento (*órgano*) ὄργή — colera, paixão (*orgasmo*) ὀρέγω — estender; no medio attingir, desejar (*anorexia*) ὀρθός — direito, recto, justo (*ortodoxia*, *ortodromia*, *ortografia*, *ortopedia*) ὀρέγανον — *orégano* ὄρκος — juramento (*exorcismo*) ὄρμινον — *ormino*, planta ὄρμός — porto (*Palermo!*) ὄρνις — ave (*ornitologia* *ornitorrinco*) ὄροβος — chicharo (*orobanca*, planta) ὄρος — *suer*o, segundo Meyer Lübke (*orroquesia*, *evacuação*) ὄρος — montanha (*orografia*, *oréada* ou *e*, *nympha* das *montanhas*) ὄρος — limite (*horizonte*, *aoristo*, isto é, indefinido; *aforismo*, sentença que em poucas palavras *delimita* uma doutrina) ὄρυζα — *arroz!* ὀρύσσω — cavar (*orictero*, roedores que excavacam) ὀρφός — privado de (huérfano, orfandad) ὄρφος — *orfo*, *peixe* ὀρχέομαι — dansar (*orquestra*, porque, segundo Reinach, era nesta parte do theatro grego que o côro evoluia) ὄρχις — testiculo (*orquitis*, *orquídeas*, familia de plantas cujo genero typico tem na raiz dous tuberculos parecidos com testiculos) ὄσσομαι — ver (*óptica!* *sinopsis!*) ὀστέον — osso (*osteologia*, *periostio*) ὀστρεον — ostra (*ostracismo*, banimento votado com casca de ostra como cedula) ὄσυρις — *osiris*, planta ὀσφραί — νομαι — cheirar (*osfresilogia*) ὀσφύς — ama, rins, flanco (*osfialgia*) ὄσχος — raminho carregado de fructos (*osqueitis*, inflamação no escroto) οὐ — não (*Utopia*, região hypothetica onde Thomaz Morus localizou um governo ideal como o da republica de Platão ou o da Civitas Solis de Campanella)

οὐλή — cicatriz (*epulótico*, que favorece a *cicatrização*) οὐλον — gengiva (*epulia*, tumor carnudo na *gengiva*) οὐρά — cauda (*urodelo*, *uropigial*, *anuro*, *macruro*, *coluro*, *esquilo!!*, velho e de Santander, animal que faz *sombra* com a *cauda*) οὐρανός — ceu (*Urano*, *Urania*, *uranio*, *uranografía*) οὐρεν — urina (*uremia*, *uréter*, *uretera* ou *tra*, *anuria*, *dysuria*, *diurético*) οὐρες — vento favoravel (*Palinuro*, *vento* que favorece o *regresso*; *huero*, segundo Diez) οὖς — orelha (*otitis*, *otoscopia*, *otorréa*, *parótida*, glandula salivar junto á orelha) ὀφθαλμός — olho (*oftalmia*, *oftalmologia*, *oftalmoscopio*) ὄφις — serpente (*ofidio*) ὄφρυς — sobrancelha (*ofris*, planta orchidea com duas sepalas superiores arqueadas) ὄγλος — multidão (*oclocracia*) ὄψ — voz, palavra, discurso, canto (*Caliope*, a musa de *bella* voz, inspiradora dos poetas épicos) ὄψέ — tarde (*opsígonas*, os dentes do siso, que *nascem tarde*, depois dos molares).

Παιάν — *péan* παις — criança (*pedagogo*, *pederasta*, *pediatria*, *paje!*, segundo M. Lübke, *enciclopedia*, *educação* em todo o *cyclo* das sciencias e artes) παίω — bater (*anapesto*, isto é, batido, ao inverso (do *dactylo*) παιών — *peón*, medico (*peonia*, planta muito gabada antigamente por suas propriedades *medicas*) πάλαι — outrora (*paleografía*, *paleolítico*, *paelontologia*) πάλη *lucta* (*palestra*, lugar onde os *athletas* se exercitavam) πάλιν — de novo (*palimpsesto*, antigo manuscripto que era *de novo raspado* para se escrever outra vez; *palinodia*, *canto* em que o poeta se retracta) πάλλω — agitar, saltar (*Palas*, a deusa que *agita* a *lança*; *paladión*, estatua de *Pallas* a qual serve de *salvaguarda*; *paladio*, metal dedicado a *Pallas*; *catapulta!* *machina* que *lança* pedras para *baixo*) πανδούρα — *pandora* πάν — *Pan* (*pánico*, terror inspirado por *Pan*) πάππας — *papai*, nome infantil de *ternura*, que a principio se dava a todos os *bispos* e depois

se especializou ao de Roma, o *papa*) *πάπυρος* — *papiro* (*papel, pabilo*) *παρασάγγης* — *parasanga* *πάρθος* — *leopardo* *πάρθενος* — *virgem* (*partenogénesis, Parténope, Partenón*, o templo da *Virgem*, isto é, *Minerva*) *πᾶς* — todo (*panacea, pancrácio, páncreas, panegírico, panoplia, panorama, panteón, panteísmo, pantera, pantógrafo, pantomima, diapasón* (atravez de todas as notas), *pan-* americano) *πάσσω* — polvilhar (*catapasma*, pó para polvilhar uma parte do corpo) *πάσχω* — sofrer (*patético, patologia, apatia, simpatia, antipatia*) *πατάνη* — *patena* *πατέω* — calcar aos pés, andar (*peripatética*, a escola de Aristoteles, quia disputabant *inambulantes* in Lycæo, segundo Cicero) *πατήρ* — pai (*patriarca, patrologia, patronimico*) *παύω* — fazer cessar (*pausa*) *παχύς* — espesso (*paquidermo*) *πέδον* — solo (*paralelepípedo, pará, allelon, epí, pédon*, solido com faces paralelas) *πέζα* — tornozelo, planta do pé (*trapecio*, isto é, com *quatro* (*tetra*) *pés*, mesa, quadrilatero em fórmula de mesa) *πειθω* — persuadir (*Pisistrato*, o que *persuade* o *exercito*) *πειρα* — experiencia (*empírico*, baseado na experiencia) *πείρω* — furar, passar (*pirata, poro, emporio*) *πέλαγος* — *piélagos* (*Pelayo*, o marítimo; *archipiélagos*, o mar principal, coalhado de ilhas, Cycladas, Esporadas) *πελαργός* — *cegonha* (*pelargonio*, planta assim chamada por causa da fórmula do fructo) *πέλας* — proximo (*plesiosauro*) *πέλλα* — casca, pelles (*erisipela, vermelhidão* na *pelle*) *πελλός* — pardo, negro (*peliosis, purpura rheumatico exanthematica*) *Πέλση* — *Pélope* (*pelopio*) *πέλτη* — *pelta* *πέλω* — ser, existir, *epipolasis*, nome que na chimica antiga se dava á circumstancia de ficar um corpo *sobrenadando* num liquido) *πέμπω* — enviar, escoltar (*pompa*, isto é, uma procissão com luxuosa *escolta*) *πέμφιξ* — bolha de ar, pustula (*pénfigo*, molestia de pelle) *πέντε* — cinco (*pentágono, pentagrama, pentámetro, Pentateucho, cinco livros; Pentecostés*, o *quinguesimo* dia depois da Resurreição, a descida do Espirito Santo) *πέπερι* — pimenta (*piperáceas*)

πέπλος — *peplo* πέπτω — cozer, digerir (*pepsina, peptona, dispepsia*) Πέργαμον — a cidade de *Pérgamo* (*pergamino*; quando os Ptolomeus proibiram a exportação do papyro, aperfeiçoou-se em Pergamo, no tempo de Eumenes II a preparação de pelles de carneiro) πέρδιξ — *perdiz* περί — ao redor (*pericardio, pericarpio, perifrasi* ou *is, perihelio, periodo, perimetro, periscopio*) περισός — superfluo (*perisologia*) πέρκος — com manchas negras (*perca, peixe*) περονή — gancho, cavilha (*peroné, osso*) πεσσός — tento, tampão de fios (*pésario, instrumento de gynecologia*) πετάννουμι — abrir, desenrolar (*pétalo, parte que desabrocha no botão das flores*) πέταυρον — estaca, *petauro*, tablado de acrobatas) πέτρα — pedra (*petrofaringeo*) πεύκη — pinho, tocha (*peucédano, planta*) πηγή — fonte (*Pegaso, cavallo cuja patada fez jorrar a fonte de Hippocrene*) πήγνυμι — fixar, congelar, reunir (*pectosa, principio tirado dos fructos verdes; pegmatita, pedra; xifópago*) πελαμός — *pelamis*, especie de atum πήγη — fio do tecelão (*pañõ*) πήρα — sacco de couro (*perineo*) πί — *pi* πιέζω — apertar, calcar (*piezómetro, aparelho que mede as pressões*) πίθηκος — macaco *pitécantropo*, o elo entre o macaco e o homem, segundo Mortillet) πικρός — amargo (*picrico*) πῖλος — feltro, lâ calcada (*píleo*) πιμελή — gordura (*pimélico, acido derivado do oleico*) πίναξ — prancha, tabua, quadro (*pinacoteca*) πίνω — beber (*propinar*) πίπτω — cahir (*peripecia, incidente inopinado que traz o desfecho do drama; síntoma, o que cae juntamente, coincide com a molestia; asintota, recta que se approxima de uma curva sem poder cahir; tomaína, veneno do corpo cahido, o cadaver*) πίσσα — pez (*pisasfalto*) πιστάκη — *pistacho* πίτυρον — farelo, caspa, dartro (*pitiriasis, uma dermatose*) πλάγιος — obliquo (*plagióstomos, peixes de boca transversal, como tubarão*) πλάνη — vagabundagem (*planeta, astro que vaga pelo ceu*) πλάξ — *placa, lage, prancha* (*placenta, isto é, bolo achatado*) πλάσσω — modelar, untar (*plástica, cataplasma, emplasto*)

πλατύς — largo (*plaza, plátano, Platón*, homem de largas espaldas) πλέζω — trançar (*plecópteros, peixes*) πλέος — cheio (*plétora, pleonasma*) πλευρόν — lado (*pleura*) πλέω — navegar (*Pléyades, estrelas tidas* como presagio de boa navegação; *epiploon*, membrana que *fluctua* sobre os intestinos; *periplo, circumnavegação*) πλήσσω — bater, ferir (*llaga!*, o resultado de uma pancada; *plectro*, a palheta com que se *ferem* as cordas do bandolim; *hemiplegia*, que *ferem* a metade do corpo; *plagio!* porque em Roma os plagiarios, isto é, homens que vendiam escravos de outros, eram *chicotados*) πλίνθος — tijolo, telha (*plinto, sócco* de um pedestal ou columna) πλοῦτος — rico (*Plutón*, o deus do subsolo, onde estão enterradas as riquezas; *plutocracia; Plutarco, o chefe dos ricos*) πλύνω — lavar (*plinterias, festas em honra de Minerva* durante as quaes se *lavavam* os ornatos desta deusa) πνέω — soprar, respirar (*neumática, neumónico, disnea*) ποιέω — fazer (*poeta, isto é, o homem que faz o verso, para differençar dos que cantam versos alheios; poema; poesia, as palavras em peya, como onomatopeya e outras*) ποικίλος — de varias cores (*Pecile, portico ornado de pinturas coloridas*) ποινή — pena (*Victor Henry, Meillet*) πόλεμος — guerra (*polémica, discussão pouco amavel; Ptolomeo, com resquícios do paleojonico homerico*) πολέω — virar, remexer, habitar (*polo, bucólico!*) πόλιον — *polio*, planta πόλις — cidade (*política, policia, cosmopolita, metrópoli ou is, Andrinópolis, Nápoles, Constantinopla, Pamplona, a cidade de Pompeu*) πόλιος — especie de papa (*pultáceo*) πολύς — muito (*poliedro, poligamia, polígono, polinomio*) πούλος — *pulpa* πόντος — mar (o *Ponto Euxino, o reino do Ponto, Poncio*) πόρνη — prostituta (*pornografia*) πορφύρα — *púrpura* (pórfido, *Porfirio*) πόσος — quão grande (*posologia, se não vem de πίνω, como querem alguns*) πόσθη — *prepucio*, segundo Saraiwa ποταμός — rio (*hipopotamo, Mesopotamia*) πούς — pé (*podómetro, antípoda, tripode, pólipa, pulpo!*) πράσσον —

alho verde (*prasio*, quartzo, *prasma*, idem) πράσσω — fazer (*práctica*, *plática*) πρέσβυς — velho (*presbita*) Πρίαπος — *Priapo* πρίασθαι — comprar (*Priamo*, porque sua irmã Hesione o resgatou do captivero de Hercules) πρίω — serrar (*prisma*, porque parece feito a serrote) πρό — diante de (*problema*; *atirado na frente*; *proclítico*; *pródromo*, precursor; *profeta*; *progna-to*; *programma*; *pronóstico*) πρός — para (*prosélito*, *prosodia*, *proscopopeya*) πρύτανις — chefe, guarda (*Pritaneo*, edificio onde se recolhiam na velhice os grandes homens pobres) πρωκτός — trazeiro (*proctitis*) πταίρω — espirrar (*árnica*) πτελέα — olmeiro (*Ptelea*, cidade da Thessalia) πτερόν — aza, (*áptero*, *coleóptero*, *díptero*, *lepidóptero*, *pterodáctilo*) πτίλον — pennugem, pena (*ptilosis*, queda dos cilios) πτίσσω — pilar, mondar, bater (*tisana!*, nome dado por Hippocrates á decocção aquosa da cevada) πτύσσω — dobrar (*díptico*, *tríptico*) πτύω — escarrar (*hemoptisis*, *ptialina*, principio da saliva) πύανος — fava (*pianepsias*, festas em honra de Apollo na qual se tomava um caldo de favas em memoria da refeição que fez Theseu depois que matou o Minotauro) πυγή — nadega (*pigargo*, aguia de cauda branca; *uropigial*, relativo á mitra das aves; *Calipigia*, uma Venus do museu de Napoles da qual ha uma bella copia de Bernadelli na nossa Escola de Bellas Artes) πύελος — bacia (*pielitis*, inflammação do *bacinetete*) πύκα — solida, sabiamente (*picnocéfalas*, plantas) πύλη — portas (*Termópilas*, desfiladeiro com fontes thermaes; *piloro*, o guarda da porta do estomago; *micrópilo*, *portinha* da nucella) πύξ — com o punho (*pigmeo*, homem com um covado de altura; *pugilato*, o *box* antigo) πύξος — *boj* (*bujo* ant.) (*pixide*, *bujeta*, *buscar*) πῦον — pus (*piorragia*) πῦρ — fogo (*pira*, *pirotecnia*, *Empíreo*; *Pirro*; *Pirineos*. “famosos montes de Europa que unos denominam de Pyr, voz griega que significa fuego, y le fué aplicada por su memorable incendio, segundo D. Francisco Manuel de Melo; *empireumático*; *burro!*) πύγων —

barba (*pogonóforas*, aves com *pelos* em volta do bico) πωλέω — vender pelo meio das ruas (*monopolio*)
πῶμα — tampa (*acantópomes*, peixes com *espinhos* nos *operculos*).

Ῥᾶ — rhuibarbo (*rapóntico*, rhuibarbo das margens do *Ponto Euxino*) ῥαβδός — vara (*rabdomancia*) ῥάμνος — pilriteiro (*rámneus*) ῥάμφος — bico encurvado das aves de rapina (*ranfoteca*, tegumento do bico das aves) ῥάξ — bago de uva (*ragoide*) ῥάπτω — coser (*rapsoda*, individuo que *encadeava* diversos cantos) ῥάσσω — bater, quebrar (*catarata*, as palavras terminadas em *rragia*) ῥάφανος — rábano (*rafania*, forma convulsiva de ergotismo, attribuida á ingestão, com o trigo, de sementes do *raphanus raphanistrum*) ῥάχις — a espinha dorsal (*raquis*, *raquitis*, *raquideo*, *raquialgia*) ῥέγγω — roncar ῥέμβω — fazer gyrrar (*rombo*, *losango*, forma de uma carrapeta antiga, *romboedro*; *romboidal*) ῥέπω — inclinar, baixar (*ropálico*, verso onde cada palavra tem mais uma syllaba que a precedente) ῥέω — correr (*reóforo*, *reóslato*, *reumatismo*, *romadizo*, *catarro*, as palavras em *rrea*) ῥέω — dizer (*retórica*, a arte de dizer bem, *ars bene dicendi*, como diz o mestre Quintiliano, II, XVII) ῥίζα — raiz (*rizoma*, *rizófago*) ῥίς — nariz (*rinoceronte*, *rinoplastia*, a arte de concertar narizes desformes; *rinoscopia*) ῥόδον — rosa (*rododendro*, *rodio*, *Rodas*, a ilha das rosas) ῥύγχος — bico, focinho (*ornitorrinco*, mamífero com *focinho* de *ave*) ῥυθμός — ritmo ῥύομαι — puxar (*remolcar*!) ῥῶ — rhô (*rotacismo*, mudança do *s* em *r*) ῥώννουμι — fortificar (*Roma*, segundo Plutarcho, na vida de Romulo).

Σάβανον — linho grosseiro para as pessoas se enxugarem no banho (*sábana*, segundo Diez; do arabe, segundo Engelmann) σαγάπτηνον — assa fetida (*saga-*

peno, gomma resina) σάγαρις — *sagarida*, machado antigo de dous gumes σαίρω — varrer (*sarópodos*) σάκχαρ — assucar (*sacarina*) σαλαμάνδρα — *salamandra* σάλπη — *salpa*, peixelim σάλπιγξ — trombeta (*salpinga*, uma serpente africana) σαμβύκη — *sambuca*, instrumento e machina de guerra) σάμος — duna (*Samos*, a ilha das dunas) σάνδαλον — *sandalia* σανδαράκη — especie de vermelhão (*sandáracca*) σάνταλον — *sándalo* σαντόνιον — absintho (*santonina*, vermifugo do semen-contra, capitulo de certas plantas) σάπφειρος — *záfiro* σάργος — *sargo*, peixe Σαρδῶ — a Sardenha (*Cerdeña*, *sarda sardina*, *sardónico*, riso como as contracções que se produzem na face dos que comem a raiz de uma renuncula que cresce na Sardenha) σάρξ — carne (*sarcocele*, *sarcocarpio*, *sarcasmo*, motejo que arranca um pedaço de carne) σατράπης — *sátrapa* σάττω — carregar (*salma!* *enjalma!*) σάτυρος — *sátiro* σαύρα — lagarto (*saurios*) σαφής evidente (*safenas*, veias da perna) σθέννυμι — extinguir (*asbesto*, mineral fibroso inalteravel ao fogo σέβω — venerar (*Sebastián*, *Eusebio*) σειρά — trança, corda (*sirga*, segundo Diez) σειρήν — *sirena* σειρός — quente, ardente (*silo*, *Sirio*, a estrella do Grande Cão, que apparece no tempo do calor) σείω — remexer (*sísmico*, *sistro*) σέλαχος — peixe cartilaginoso (*selacios*) σελήνη — lua (*selenio*, dedicado á lua; *selenita*) σέλινον — salsa (*perejil!*) σέσελι — *seseli*, planta σῆμα — signal (*semáforo*, telegrapho por *signaes*; *semiología*, tratado dos symptomas; *semántica*, neologismo creado por Bréal para designar a parte da grammatica que estuda a significação das palavras) σήπω — apodrecer (*asepsia*, *antisepsia*, *septicemia*) Ἑῆρες — os Seres (*sericicultura*, *sarga!* *jerga!*) σεσάμη — *sésamo*, planta σθένω — ser forte (*Demóstenes*, a força do povo; *Calistenes*, a força da belleza; *neurastenia*, ausencia de força no systema nervoso) σιαγών — maxilla (*siagonagra*) σιάλον — saliva (*sialismo*, *sialogogo*) σιβύλλα — *sibila* σίδηρος — ferro (*siderite*, *siderosa*, *siderurgia*) σίζω —

assobiar (*sigma*, a letra *sibilante*) σίκερα — bebida fermentada, sidra σίκυος — pepino (*Siciona*, a cidade dos pepinos, ao norte do Peloponeso) σίλουρος — *siluro*, peixe σιμός — de nariz chato (*simios*) σίναπι — mostarda, *jenabe* (*sinapismo*) σινδών — fazenda fina, vestido, lençol (*sindón*, *cedal*, Diez) σισύμβριον — *sisymbrio* σίτος — trigo (*parásito*, o que está junto do pão, do alimento) σίφων — canudo, bomba (*sifón*) σιωπή — silencio (*aposiopesis*, reticencia) σκάζω — coxear, ser desigual (*escaleno*, *escándalo*, i. é, uma pedra no caminho a qual nos faz tropeçar) σκαίρω — saltar (*escaro*, peixe, *ascáride*) σκάλλω — raspar, sachar, cavar (*escálamo* ou *escalmo*, cavilha a que se prende o remo) σκαμμόνιον — *escamonea*, planta σκάπτω — cavar (*escafoides*, ossos do carpo e do tarso; *escafandro*, homem — *barco*) σκάρφος — estylete, objecto pontudo (*escarificar*, pelo lat. *scarificare*, segundo o douto Ramiz) σκέλλω — seccar (*esqueleto*, *esclerótica*, onde a idéa de *secco* produziu a de *duro*) σκέλος — perna (*isósceles*, triangulo de pernas *iguales*) σκέπτομαι — examinar (*escéptico*, o homem descrente porque *examinou*; *obispo*!! *escollo*, rochedo donde se vê ao longe; as palavras terminadas em *scopio*) σκεῦος — movel, vaso, instrumento, vestido, arnez (*Parasceve*, a sexta-feira judaica em que se preparavam os alimentos para o sabbath) σκηνή — tenda (*escena*, nome das decorações scenicas do theatro grego) σκήπτω — apoiar (*etro*) σκιά — sombra (*ascios*, habitantes da zona torrida onde o sol não faz sombra ao meio-dia; *esquilo*, animal que faz sombra com a cauda) σκίγγος — especie de lagarto do Egypto, *escinco* ou *estinco* σκίλλα — cebola albarrã, *escila* σκίρος — pedaço de pedra, corpo duro (*cirro*, *escirro*, tumor duro) σκολιός — obliquo (*escoliosis*, desvio da espinha dorsal) σκολόπενδρα — *escolopendra* σκόμβρος — *escombros*, peixe σκορόδιον — *escordio*, planta σκορπιός — *escorpión* σκότος — escuridão (*escocia*, meia canna que produz um *sombreado* nas columnas) σκύβαλον — *immundicie*,

excremento (*escibulario*, que vive em excrementos) σκύλλω — esfolar, dilacerar, (*Escila*, monstro marinho do pharo de Messina, com os flancos rodeados de cães) σκύρον — *ásciro*, uma hypericacea σκυτάλη — bastão, mensagem (*escítalo*) σκῦτος — couro (*escudo*) σκύφος — taça (*escifóforo*, planta) σκώληξ — verme (*escolecia*, lirio que dá a côr verde) σκῶρ — excremento (*escoria* as impurezas dos metaes; *escatófago*) σμάραγδος — esmeralda σμάω — enxugar, esfregar, limpar (*esméctico*) σμίλη — cinzel, escalpello (*esmiláceas*, plantas espinhosas; *anfismelo*, bisturi de dous gumes) σμυρίς — *esmeril* Σόλοι — Solos (*solecismo*, grego mal falado por colonios rhodios na Cilicia; Egger não acceita esta etymologia) σοφός — sabio (*Sofia*, *Sófocles*, *sofista*, *sofisma*, *filósofo*) σπάθη — *espátula*, *espada*, *espata* (bot.), *espalda* σπάλαξ — toupeira (*aspalax*) σπάνιος — raro, precioso (*Espanña*, segundo Estrabão, por causa da rara fertilidade do solo, conforme se lê em Barcia) σπάρος — *esparo*, peixe σπάω — puxar, arrancar (*espasmo*, *pasmo*) σπείρα — semear, dispersar (*esperma*, *espora* ou *o*, *esporádico*, *esparto*, Esparta, a cidade dos espartos) σπένδω — deramar, fazer libações (*espondeo*, pé proprio dos cantos que acompanhavam as libações) σπέος — caverna (*espe-lunca*, *espeleología*) σπλάγγον — entranhas (*esplanologia*) σπλήν — baço (*esplenitis*, *esplín*, pelo inglez *spleen*; os antigos acreditavam que os negros humores da tristeza eram produzidos pelo baço) σπόγγος — *esponja* σποδός — cinza (*espodio*, oxydo de zinco obtido por *calcinação*) σπόνδυλος — vertebra (*espondil*) στάζω — gottejar (*estalagmita*, *estalactita*) στατήρ — *estater* (peso e moeda) σταυρός — estaca, cruz (*estaurótida*, silicato hidratado de alumina que commumente se apresenta em cristaes prismaticos agrupados em fórmula de cruz) σταφίς — passa (*estafisagria* isto é, videira brava, nome da herva piolheira, uma renunculacea) σταχύς — espiga (*Eustaquio*) στέαρ — gordura compacta, sebo (*estearina*) στέγω — cobrir,

proteger (*esteganografia*, escripta cifrada) στείγω — andar em ordem, ir (*acróstico*, *ponta de verso*; *hemistiquio*, meio verso; *dístico*, dous versos) στέλλω — equipar, revestir, enviar (*estol*, frota, termo catalão e provençal que Engelmann prefere tirar do arabe *ostoul* como ponto de passagem; *estola*; *apóstol*, isto é, o enviado; *sístole*; *diástole*; *epístola*) στενός — estreito (*estenografia*) cfr. o ingl. *shorthand*) στέργω — amar (*Eustorgio*) στερεός — firme, solido (*estéreo*, *estereoscopio*, instrumento com que se vê solido, com relevo) στέρνον — *esternón* στέφω — coroar (*Esteban*) στῆθος — peito (*estetoscopio*, instrumento de auscultação) στήλη — *estela* στήνια — *estenias*, festa em honra de Ceres Στήνωρ — Stentor (*estentórea*, voz de um arauto grego ὅς τόσον αὐδήσασχ' ὅσον ἄλλοι πεντήκοντα, como diz Homero) στηρίζω — firmar, apoiar (*esterigma*, ramusculo em cuja extremidade nascem os basídios) στίβι — oxydo negro de antimónio (*estibina*) στίζω — picar (*estigma*, *astigmatismo*, defeito da visão em que os raios luminosos não se reúnem num ponto só) στίλλω — brilhar (*estilbeno*, um hydro-carboneto) στοά — portico (*estoico*, proprio dos discipulos de Zenon que dava suas lições no Pecilo em Athenas) στόμα — bocca (*estoma* (bot.), *estomatitis*, *estómago*, nome do cardia e que depois se estendeu por synecdoque; *anastomosis*; *Crisóstomo*, eloquente padre da Igreja) στορέννυμι — deitar, estender, cobrir (*estroma*, nome generico da superficie fructifera dos cryptogamos) στραγγός — torcido (*estrangular*) στραγγί — gotta (*estrangurria* e *estangurria*) στρατός — exercito (*estrategia*, *estratagema*, *estradiote*, mercenario albanez, palavra que soffreu a influencia de *estrada*) στρέφω — virar (*estreptococo*, *estrofa*, *estrabismo*, *catástrofe*, *anástrofe*) στρίγγξ — *estrige*, coruja στρόγγυλος — redondo (*estronglo*, um verme) στρουθός — *avestruz* στρύγνος — herva moura preta (*estricnina*) στῦλος — columna (*estilo*, *estilita*) στύπη ou ππη — linho bruto, *estopa* στύραξ — ponta de lança, *estoraque*, arvore

cuja madeira durissima servia para lanças) στύφω — apertar (*estíptico*, o sabor da pedra hume) Σύβαρις — Sybaris, cidade italiana de delicias (*sibarita*) σῦκον — figo (*sicomoro*, figueira- amoreira; *sicofante*, *de-lator* dos contrabandistas de figo em Athenas) σύλη — presa, saque, despojo (*asilo*, lugar não saqueado) σύν — com (*sinagoga*, *sintoma*) σύριγξ — flauta, tubo (*seringa*, *jeringa*) σύρω — arrastar (*Sirtes*, ab tractu nominatæ, como explica Sallustio) σῦς — porco (*sifilide* ou *sifilis?* *amor immundo*, si não vem do nome do pastor heróe do poema *Syphilis*, sive morbus gallicus do medico Fracastor) σφάγνος — *esfagno*, certo lichen σφάζω — degollar (*hiposfagma*, derramamento de sangue debaixo da conjunctiva) σφαῖρα — *esfera* σφάκελος — *esfacelo*, gangrena σφάλλω — enganar (*esfalero-morfo*) σφήν — cunha (*esfenoides*, osso do craneo) σφίγγω — cerrar (*Esfinge*, monstro que *apertava* a garganta de quem não lhe adivinhava os enigmas; *csfinter*, musculo constrictor) σφραγίς — sinete, anel (*esfragística*, a arte dos carimbos) σφύζω — *palpitar* (*esfigmógrafo*, aparelho para *descrever* as *pulsações*; *asfixia*, falta de pulso e não de ar) σφύρα — martello, enxada, tornozello (*esfirena*, peixe) σχίζω — fender, separar (*esquistos*, rocha que se *divide* em folhas paralelas; *cisma*, separação religiosa) σχῖνος — junco (*esquenanto*, uma gramínea) σχολή — lazer, estudo, *escuela* (*escolio*) σωλήν — canal, tubo (sole noide, aparelho de physica, constituido por um fio enrolado em fórmula de helice) σῶμα — corpo (*somático*, *tripanósomo*, microbio de *corpo* em fórmula de *verruma*) σωρός — montão (*sorites*, accumulação de syllogismos) σῶς — são, salvo (*Sócrates*, *força salvadora*, *Sóstenes* idem, *creosota*).

Ταινία — fita (*tenia*, verme nematoide) τάλαντον — balança, peso (*talento*, *talante*) Τάνταλος — *Tántalo* (*tantalio*, metal) τάπης — *tapete*, *tapiz* τάρασσω — per-

turbar (*ataraxia*, insensibilidade a que aspiravam os estoicos e os pyrrhonicos) Τάρταρος — Tártaro (*tártaro?*) τάσσω — enfileirar, pôr em ordem (*taxonomia, táctica, sintaxis*) ταῦ — tau (*tao*, figura heraldica) ταῦρος — touro (*tauromaquia*) ταχύς — rapido (*taqui-grafia*) τείνω — esticar, estender (*tenesmo, hipotenusa, estendida por debaixo do angulo recio; ton; tono, tónico, atonia, tétano*, caracterizado pela tensão de certos musculos) τελαμών — faixa, cinturão (*Telamón*, o pai de Ajax, *telamón*, termo de architectura) τέλλη — especie de marisco (telina ou *tellina*) τέλλω — levantar-se, nascer (*Anatolia*, para os gregos a região do nascente) τέλος — fim, funcção, imposto (*teleologia, teleósteo, Telésforo, filatelia*, isto é, gosto de colleccionar os sellos de *franquia postal*) τέμνω — cortar (*tomo, tmesis, átomo, anatomia, entomologia, epitome*) τέρας — signal, prodigio monstro (*teratologia*) τερέβινθος — *terebinto* τέρπω — rejubilar, divertir (*Euterpe*, a musa da musica; *Terpsicore*, a musa que se *rejubila* com a *dansa*) τέρσω — enxugar, seccar (*tarso*, ossos encaixados uns aos outros como as grades de vime onde se botava o queijo para dissorar) τέσσαρες — quatro (*tésera*, senha quadrada; *tetraedro, tetralogia*) τεύχω — fabricar (*Pentateuco, architecto*) τέφρα — cinza (*tefrita*, pedra côm de cinza) τέχνη — arte (*técnica, Politécnica*, a escola onde se ensinam *muitas artes*) τῆλε — longe (*teléfono, telégrafo, telescopio*) τηρέω — observar, vigiar, conservar (*arteria*, isto é, que *conserva* o ar, porque os antigos não acreditavam que por ellas circulasse o sangue) τιάρα — *tiara* τίγρις — *tigre* τίθημι — pôr, collocar (*tema, tesis, biblioteca, botica! bodega!!*) τίκτω — parir (*tocologia, distocia*) τίλλω — arrancar fio por fio (*ectilótico, emplastro depilatorio*) Τιτάν — *Titán (titánico)* τίτανος — cal, marga (*titanio, metal*) τιτθή — *mamma (titimalo, euphorbiacea muito leitosa)* τιτραίνω — furar (*monotremos, mammiferos com cloaca*) τιτρώσκω — ferir (*toréutica*, a arte de cinzelar; *traumático*) τίτυρος — cordeiro (*Títiro*, pastor

de Theocrito e Virgilio) τίφος — pesadelo (*Tifis*, o piloto da Argos) τίω — estimar, honrar, pagar (*Tito*, *Timóteo*) τλήναι — supportar, soffrer (*Atlas*, gigante que geme sob o peso do mundo, album de cartas do mundo todo, vertebra que sustenta o peso do craneo; *atlante*, termo de architectura) τόξον — arco (*tóxico*, *tósigo*, primitivamente o veneno de *settas* hervadas) τοπάζιον — *topacio*, pedra da ilha de Topazos no golfo Persico τόπος — logar (*tópico*, *topografia*, *Utopia*) τερδύλιον — *tordilo*, planta τράγος — bóde (*tragedia*, canto dos τράγοι, homens vestidos de pelles de cabra, como ensinam os irmãos Croiset) τράπεζα — mesa (*trapezio*, *Trebizona*, cidade quadrangular num planalto) τράχηλος — pescoço (*atraquilo*) τραχύς — aspero (*traquita*, *aspera* rocha eruptiva; *traquea*) τρεῖς — tres (*trigonometria*, *trisilabo*, *trilogia*) τρέπω — virar (*tropo*, figura que *vira* o significado das palavras; *tropicos*, parallelos donde o sol começa a voltar depois dos solsticios; *trofeo!* τρέφω — nutrir (*atrofia*, *hipertrofia*) τρέχω — correr (*troqueo*, pé que imprime ao verso um movimento rapido; *trocla*, polé) τρίβω — esfregar, pisar, gastar (*diatriba*, critica esmagadora, mordaz) τρίγλα — *trigla*, salmonete τρίζω — dar um grito agudo, ranger (*trismo*, fechamento da bocca pela contracção espasmodica dos musculos elevadores da mandibula) τρύπα — buraco (*tripanósomo*, *trepiano*) τρώγω — comer (*troglodita*, que se *enterra* em cavernas) τυγχάνω — ser, achar-se, attingir, obter (*Eutiquio*, o homem da *boa sorte*) τύλος — callo, bossa (*tiloma*, callosidade) τύμβος — *tumba* τύπτω — bater (*tipo*, *tímpano*) τύραννος — senhor absoluto, rei, usurpador, *tirano* τυρός — queijo (*butírico*, acido da manteiga, literalmente, do *queijo* de *vacca*) τύφω — espadana (*tifáceas*) τυφλός — cego (*tiflitis*, inflammação no caecum) τύφω — enfumaçar (*tifón*, ou do chinez *tafung?*; *tifo*, *tifus*, febre continua com estupor).

Υ — ypsilon (*hioides*, osso da base da lingua, em forma de ferradura) ὑάκινθος — *jacinto* (flor e pedra); ΑΙ ΑΙ flos habet inscriptum, diz Ovidio ὑάλος — vidro (*hialino*, um quartzo transparente) ὑβρις — ultrage (*híbrido*, ser nascido de dous individuos de especies differentes por um *ultrage* ás leis naturaes) ὑγιής — são, sadio (*higiene*, conservação da saúde, não limpeza) ὑγρός — humido (*higrómetro*, *higroscopio*) ὑδνον — trufa (*hidnáceas*) ὑδω — cantar em verso (*himno*, com metathese analogá á de σεμνός) ὑδωρ — agua (*hidátide*, vesicula resultante de enkystamento de vermes; *hidra*, cobra d'agua; *hidrógeno*, *hidrómetro*, etc.) ὑλη — madeira (*metilo*, segundo Carré, palavra creada em 1835 por Dumas para designar um radical hydrocarbonado CH³; o alcool *metílico* ou espirito de madeira é um dos productos da distillação da madeira) ὑμήν — veu, membrana (*himen*, *himeneo*, canto nupcial, por causa do *veu* da noiva; *himenópteros*, insectos, como as abelhas, de azas membranosas) ὑπέρ — além de (*hiperbóreo*, *hipérbole*, *hipertrofia*) ὑπνος — somno (*hipnotismo*) ὑπό — sob (*hipoteca*, *hipocresia*, *hipogastrio*) ὑς — porco (*hiena*, mamífero carniceiro que tem os pelos do pescoço eriçados como as cerdas do porco) ὑσσωπος — *hisopo* (do hebraico, labiada usada nas aspersões) ὑστερος — ultimo, posterior (*histerismo*, molestia do utero, a *ultima* das partes genitales femininas) ὑφαίνω — tecer (*hifa*, pedunculo filamentososo que sustenta o esporangio de certos cogumelos) ὑψος — altura (*hipsómetro*) ὕω — chover (*Híadas* ou *es*, nam et cum oriuntur et cum occidunt, tempestates, *pluvias*, largosque imbres cient, Aulo Gellio).

Φαγεῖν — comer. (*esófago*, *antropófago*) φαίδρος — brilhante (*Fedra*, *Fedro*) φαίνω — apparecer (*fenómeno*, *fantasma*, *diáfano*, *fanerógamo*, *fase*) φαίος — pardo, acinzentado, sombrio (*seoftalmo*) φακός — lentilha (*facoides*, qualificativo do *crystallino*) φάλαγξ —

falange φάλαινα — *ballena* φαλακρός — *calvo* (falacro-
crosis) φαλακρός — *brilhante* (fálaris, planta) φαλλός
— *falo* φάρμακον — *veneno, medicamento* (farmacia)
Φάρος — a ilha de Pharos, perto de Alexandria, onde
estava uma das sete maravilhas do mundo (*faro, pha-*
rol; farol, fanal) φάρυγξ — *faringe* Φασίς — o rio Phasc,
na Colchida (*faisán, ave das margens do Phase, cfr.*
o fr. dindon) φάτνη — *estabulo, grade da mangedou-*
ro, alveolo dentario (fatnorrhagia, hemorragia *alveo-*
lar) φέβομαι — *temer* (hidrofobia, porque os animaes
atacados de raiva á vista de um liquido sentem no pha-
rynge e no esophago espasmos que os fazem delle
desviar-se) φείδομαι — *poupar* (Fidias) φελλός — *cor-*
tiça (feloplástica, modalgem em cortiça) φέναξ — *en-*
ganador (fenakisticopio, instrumento de optica que
engana a vista) φέρβω — *fazer pastar, nutrir* (eufor-
biáceas, *bem nutridas*, plantas leitosas) φερνή — *dote*
(parafernales, bens que a mulher traz *junto aos do-*
taes) φέρω — *trazer, supportar* (ánfora, vaso para se
trazer pelos dous lados; fósforo, o que traz a luz)
φεύγω — *fugir* (apófige, anel que circumda o fuste
logo acima da base ou perto do capitel) φημί — *dizer,*
falar (afasia, blasfemo, enfemismo, *profeta, Polifemo*)
φθέγγομαι — *falar, gritar, resoar* (diptongo, com curio-
sa transcrição do phi; *apotegma, palavra memora-*
vel de um homem illustre) φθείρω — *corromper, des-*
truir (difteria) φθίω — *consumir* (tisis) φιάλη — *taça,*
frasco, fiala φίλος — *amigo* (filósofo, *filántropo, filau-*
cia, filtro, bebida para se fazer *alguem amar*) φιμός —
freio (fimosis) φλέγω — *inflamar* (flemón, *inflamma-*
ção do tecido subcutaneo; flema, flegma, um
dos quatros humores da medicina antiga, humor
frio, abundante nos individuos impassiveis; *flo-*
gístico, principio das combustões na chimica
de Stahl) φλέψ — *veia* (flebitis, *flebotomia*) φλοιός
— *casca* (fleociano, que cresce nas *cascas*) φλύω —
correr com abundancia, ferver, (flictena, vesicula se-
rosa da epiderme) φοίβος — *claro, brilhante* (Febo, o

sol; *Febe*, a lua) φοῖνιξ — adj. vermelho; subst. palmeira, tamara (*Fénix*, fenicio) φολίς — escama (*folioto*, genero de orchideas) φόβος — assassinio (*Tisifone*, a furia que vinga os assassínios) φράζω — dizer, explicar (*frase*, *antífrasis*, *Eufrasia*, *Teofrasto*) φράσσω — firmar, fortificar (*catafracta*, cavalleiro revestido de armadura; *diafragma*, musculo que fórma uma parede forte que intercepta duas cavidades do organismo) φρατρία — *fratria* φρήν — espirito, coração, sabedoria (*frenesi*, *frenologia*) φρύγω — frigir, seccar (*frigano*, insecto cujas larvas vivem dentro de uma bainha de palhinhas, conchas, paus seccos) φρῦνος — sapo (*Frine*, a celebre cortezã defendida por Hiperides e cuja nudez assombrou o Areopago) φύκος — alga (*fucáceas*, *ficoideo*) φυλάσσω — guardar (*filacteria*, amuleto dos judeus; *profilaxis*, medida preventiva; *gazofilacio*, cofre para receber as esmolas do templo) φυλή — tribu (*Panfília*, região da Asia Menor, habitada por todas as especies de tribus) φύλλον — folha (*filoxera*, *clorofila*, *cariofileas*, *trébol*, segundo Pidal) φυσάω — soprar, respirar (*enfisema*, infiltração de ar no tecido celular) φύω — fazer brotar, produzir (*física*, *fisiologia*, *fisionomia*, *fitologia*, *zoófito*) φύκη — foca φωλεός — toca (*folada*, mollusco que vive em toca) φωνή — voz, grito, palavra (*fonética*, *fonologia*, *fonógrafo*, *cacofonia*, *eufonia*, *sinfonia*, *teléfono*) φῶς — luz (*fósforo*, *fotografia*, isto é, *descreve* por meio da acção da luz sobre os saes de prata; *fotómetro*).

Χαίνω — abrir-se, estar aberto (*Caos*, pavoroso abysmo onde todos os elementos estavam confundidos; *aquenio*, fructo indehiscente) χαῖος — bastão (*cayado*, segundo Diez) χαίρω — alegrar-se (*eucaristia*, acção de graças, Elaben árton, kai eucharistesas, éklase kai eipe..., como explica S. Paulo) χαίτη — cabelleira, crina (*quetodontes*, peixes cujos dentes são finos e

soltos como *crinas*) γάλαζα — granizo, tuberculo (*chalaza*, umbigo interno da semente) χαλάω — largar, ceder, deixar cahir (calar, termo de marinha) χαλβάνη — *gálbano*, resina χαλκός — bronze, cobre (*calcografia*, *calcopirita*) Χάλυβες — *cálibes*, povo do Ponto, habil no manejo do aço χαμαί — em terra (*cama*, isto é, leito raso; *camaleón*, *leão rasteiro*; *camomila*, *corymbifera* que pouco se eleva e tem cheiro de maçã; tem traços de *iotacismo*) χαράσσω — traçar, gravar (*carácter*, *sinete* moral que distingue os homens) χάρτης — papel (*carta*) χέζω — ir á privada (*orroquesia*) χειλος — labio (*quelognato*, insectos) χειμα — inverno (*isoquímenos*, paizes onde a temperatura media no inverno é igual) χείρ — mão (*quiromancia*, *quiróptero*, *quiragra*, *quirúrgico*, entretanto *cirugia*; trabalho com as mãos) χελιδών — andorinha (*celandonia*, porque os antigos acreditavam que a *andorinha* curava com o succo desta planta as molestias de olhos dos filhotes) χέλυς — tartaruga (*quelonios*) χέρσος — secco, continental (*Quersoneso*, isto é, ilha secca, ilha presa ao continente, península; o thracico hoje Gallipoli; o taurico, hoje a Criméa) χέω — derramar (*coéforas*, mulheres que levavam as libações para os mortos) χηλή — pé fendido, pinças, tenazes (*quelicero*, insectos com appendice *corneo* preoral em fórma de pinças) χήμη — chama, certo molusco (*quemosis*, edema do tecido laminoso da conjunctiva) χήν — ganso (*quenopodio*, isto é, planta de folhas espalmadas como pés de ganso) χθών — terra, paiz (*autóctono*, do proprio paiz) χῖ — ji (*quiasmo*, cruzamento como as pernas do chi) χίλιοι — mil (*kilómetro*, etc., *quiliárea*) χίμαιρα — cabitrinha (*quimera*, monstro fabuloso que, segundo Homero, era prósthe léon, ópithen de drákon, mésse de chímaira; hoje cousa hypothetica) χιτών — tunica (*quitina*, substancia do envoltorio dos articulados) χιών — neve (*quionanto*, uma oleacea) χλαμύς — *clámide* χλόη — herva verde (*Cloro*, metalloide *esverdeado*, clo-

rosis) χολή — bilis (el cólera, molestia biliosa; la cólera, a ira dos individuos de temperamento bilioso; colédoco, melancolia) χόνδρος — grumo, cartilagem (condrografia, condrologia, hipocondriaco, individuo que soffre dos hipocondrios, região debaixo das costellas falsas (cartilagens), considerada como séde da melancholia) χορδή — tripa (cuerda, porque era feita de tripa) χόριον — pelle, membrana (corión, trama do derma e pellica do feto) χορός — dança (coro, grupo de pessoas que *dansavam* cantando na tragedia grega; hoje grupo de cantores; corea, coreo, coreografia) χρή — ser util (crestomatia, ensino util; crematística, a economia politica, sciencia do que é util, dos bens, da riqueza; anticresis, hypotheca com usufructo; catacresis, abuso) χρίω — ungir (Cristo, traducção grega do hebraico *Machiahh*, isto é, o unguido do Senhor, o rei; crisma, uncção) χρώα — côr, tez, pelle (cromo, metal de saes de bello colorido; cromática, escala musical que tem uma côr, uma graça que falta á diatonica; cromolitografia) χρυσός — ouro (crisolito, pedra de ouro; crisantemo, Crisóstomo; crisálida, porque as diurnas são normalmente brilhantes) χυλός — succo (quilo) χυμός — succo (quimo, equimosis, mancha escura proveniente da extravazação do sangue no tecido cellular) χώρα — paiz (corografia, descrição do paiz) χωρέω — retirar-se, ceder (anacoreta, homem que se retirou do mundo).

Ψαθυρός — friavel, fragil (psatirianos, seita ariana fundada no seculo VI pelo pasteleiro syrio Theoctiste; o pastel é mui facil de se esfarelar) ψάω — raspar (palimpsesto) ψελλός — gago (pselismo, gagueira) ψεύδω — enganar (seudónimo) ψῆφος — seixo, tento, voto (psefisma, decreto da assembléa do povo) ψίθυρος — gorgeio (psitira, especie de sistro) ψιλός — sem pelo, nú, simples, breve, sem aspiração (psilópodo) ψίττακος — papagaio (psitacianos, aves) ψόαι — rins,

lombos (*psaos*, musculos que se estendem pela parte anterior das vertebrae lombares) ψοφος — ruido *edeo-psofia*, emissão de gazes *rumorosos* pelas partes *pu-dendas*) ψύλλα — pulga, pulgão (*psilla*, insecto) ψυχή — alma (*psicologia*, *psiquiatria*) ψύχω — refrescar (*psicrómetro*, instrumento para *medir* a quantidade de vapor d'agua da atmosphaera) ψώρα — sarna, tinha (*psoriasis*, molestia de pelle) ψώχω — gastar pelo attrito, moer (*psoque*, nevroptero que róe a madeira fazendo um barulho como o tic-tac de um relógio)

ᾠθέω — impellir (*osmosis!*) ᾠκεανός — *Océano* (*océano*) ᾠκιμον — mangericão (*ocimo*) ᾠλένη — antebraço, braço (*olecráneo*, apophyse da *cabeça* do cubito) ᾠμος — hombro (omoplata, *hombro chato*, osso largo achatado; *acromio*, apophyse do *apice* do omoplata) ᾠμός — crú, verde (fructa), azedo (*onfacomeli*, bebida feita com succo de uva verde e mel) ᾠόν — ovo (*oógono*, *oolito*, calcareo jurassico de granulos esphericos; *oidio*, cogumelo da vinha) ᾠρα — cuidado (*píloro*, o *guarda* da *porta* do estomago) ᾠρα — tempo (*hora*, *horóscopo*, *reloj!!*) ᾠρός — amarello pallido (*ocre*) ᾠψ — rosto, olhar (*Europa*, isto é, *largo rosto*: *prosopopeya*, figura que dá *rosto*, isto é, individualidade a cousas inanimadas).